

PARTICIPAÇÃO

A Revista de Extensão da Universidade de Brasília • Pesquisa aplicada na prática

ANO 20 n° 36
DEZEMBRO/2021
ISSN 1677-1893

EXTENSÃO EM QUARENTENA:
Direitos Humanos e reinvenção da
extensão em tempo de pandemia

R4S4

REVISTA PARTICIPAÇÃO, ROGÉRIO FERREIRA, EDITOR CIENTÍFICO.
– ANO 20, nº. 36 (DEZEMBRO. 2021) – BRASÍLIA: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, DECANATO
DE EXTENSÃO, 1997 – .

N (100) P.: IL. COLOR. ; 30 CM.

SEMESTRAL

DESCRIÇÃO BASEADA EM: ANO DE 20, N. 35 (MAIO 2021)

TEMÁTICA: COVID-19

ISSN 1677-1893

1.EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. 2. FORMAÇÃO ACADÊMICA. 3. INSTITUIÇÕES DE
EDUCAÇÃO SUPERIOR - BRASIL. 4. COVID-19.

I. TÍTULO. II. FERREIRA, ROGÉRIO (ED).

CDU 378.147.867

EXPEDIENTE

PARTICIPAÇÃO

Revista do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília

Ano 20 - nº 36- Dezembro/2021 - ISSN 1677-1893

ISSN On-Line - 2238 - 6963

Periodicidade: Semestral

Tiragem: Digital

Universidade de Brasília

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-Reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Decana de Administração

Rozana Reigota Naves

Decano de Assuntos Comunitários

Ileno Izídio da Costa

Decano de Ensino de Graduação

Diêgo Madureira de Oliveira

Decana de Extensão

Olgamir Amancia Ferreira

Decano de Pós-Graduação

Lucio Remuzat Rennó Junior

Decana de Pesquisa e Inovação

Maria Emília Machado Telles Walter

Decana de Gestão de Pessoas

Maria do Socorro Mendes Gomes

Decana de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional

Denise Imbroisi

DECANATO DE EXTENSÃO

Diretoria de Integração Social e Desenvolvimento Regional (DDIR)

Rogério Ferreira (Diretor)

Diretoria Técnica de Extensão (DTE)

Alexandre Pilati (Diretor)

Diretoria de Difusão Cultural (DDR)

Flávia Narita (Diretora)

EDITORIAL

Editor Científico

Prof. Dr. Rogério Ferreira (DEX/UnB)

Edição e Organização

Isadora Vergara (UnB)

Projeto Gráfico e Diagramação:

Luís Henrique da Silva Menezes (UnB)

Virginia Soares (UnB)

Revisão de Texto:

Guilherme Alves (UnB)

Contato

Telefone: (61) 3107-0310

Campus Universitário Darcy Ribeiro

Prédio da Reitoria, 2 piso, Sala B1-42,

CEP: 70910-900. Brasília, DF.

www.dex.unb.br

SEER: <http://periodicos.bce.UnB.br/index.php/participacao/index>

E-mail: participacao@unb.br

SUMÁRIO

- 8 Apresentação - DIREITOS HUMANOS E REINVENÇÃO DA EXTENSÃO EM TEMPO DE PANDEMIA
- 12 PROJETO VEZ E VOZ – A EXPERIÊNCIA NA PREVENÇÃO DO TRÁFICO DE PESSOAS EM ÁGUAS LINDAS-GO
Daniela Ribeiro de Lima
Rebeca Galeno dos Santos
Rosa Maria Silva Santos
- 22 DESAFIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
Fernanda Pereira Labiak
Gabriel de Novaes Silva
Karla Vieira
- 42 RELATO DE ESTUDO DE PÚBLICOS NO SETOR COMERCIAL SUL E AS PERCEPÇÕES SOBRE A CAL/UNB
Cristina Antonioevna Dunaeva
Flávia da Costa Ferreira Mendonça
Mariana de Sousa Santos
Rafaella Lassance Lima Costa
Dércio Luiz Monteiro Barros
- 55 DA CAPITAL FEDERAL AO NORDESTE BRASILEIRO: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA
Deisyenne Câmara Alves de Medeiros
Carlos Eduardo Lins Onofre
Gabriela Barbosa Bruno
Isabele Carvalho de Oliveira
Jessica Sousa Duarte

SUMÁRIO

70 PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM SAÚDE BUCAL DE PACIENTES COM DIABETES MELLITUS DO DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA

Maria do Carmo Machado Guimarães
Bruna Castro Moreira
Nailê Damé-Teixeira
Loise Pedrosa Salles
Laudimar Alves de Oliveira
Cristine Miron Stefani
Daniela Corrêa Grisi

83 A EXTENSÃO EM QUARENTENA: COMUNICAR EM TEMPOS DE COVID-19

Diego Rodrigues de Loiola
Wanessa Oliveira Paes Landim
Otto Leone Corrêa
Júlia Ingrid Santos Dourado

97 ANÁLISE DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO MUNICÍPIO DE APARECIDA DE GOIÂNIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Alex Mota dos Santos
Estela Leal Chagas do Nascimento
Elisa Soares Rocha Barbosa
Rodrigo de Almeida Heringer
Marcília Alves Bezerra Pires
Bruno dos Santos Pereira

SUMÁRIO

114 MEDITAÇÃO E YOGA COMO FERRAMENTAS PARA PROMOÇÃO DE BEM-ESTAR: UMA EXPERIÊNCIA REMOTA PARA ESTUDANTES DE MEDICINA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Gabrielly de Oliveira Rezende
Lucas Freire Cardoso
Maria Eduarda Ponte de Aguiar
José Eduardo Baroneza
Fabiola Cristina Ribeiro Zucchi

131 IMPORTÂNCIA DAS INFORMAÇÕES SOBRE BIOSSEGURANÇA FORNECIDAS PELO PROJETO DE EXTENSÃO TECNOLÓGICA SBRT A EMPREENDEDORES

Ingrid de Souza Freire
Larisse Araújo Lima
Adriana Regina Martin
Grace Ferreira Ghesti

147 TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS EM TEMPOS DE CRISE: CONECTANDO PASSADO, PRESENTE E FUTURO NO ENFRENTAMENTO AO COVID-19

Ana Vitória Remígio de Gois
Luiza Sousa da Silva
Thiago Gehre Galvão

Apresentação

Direitos Humanos e reinvenção da extensão em tempo de pandemia

É com grande alegria que o Decanato de Extensão da Universidade de Brasília (DEX/UnB) apresenta o artigo que inaugura a edição nº 36, *Projeto vez e voz – a experiência na prevenção do tráfico de pessoas em águas lindas-GO*, harmoniza-se com a atual política da Universidade de Brasília de colocar em foco os Direitos Humanos. Com base na educação popular referenciada em Paulo Freire, busca-se promover formação e empoderamento de estudantes do Ensino Médio acerca da prevenção do tráfico de pessoas. O reconhecimento das situações em que esse crime se contextualiza é elemento importante da ação extensionista proposta. O trabalho seguinte, *Desafios da extensão universitária na prevenção da violência doméstica*, reflete sobre a complexidade decorrente da COVID-19 no que tange à violência contra as mulheres. O estudo advém do projeto de extensão *Direito Intergeracional e Transversalidade* da Universidade do Vale do Itajaí, *campus* São José – SC. A ação de extensão utilizou Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – cartilha, *podcasts* e postagens em rede social – a fim de desconstruir ações e comportamentos estruturados na sociedade que geram violência contra as mulheres. Os dois primeiros artigos evidenciam que a extensão universitária, por meio de uma educação efetivamente emancipadora, é decisiva para que a universidade cumpra seu papel social.

O artigo *Relato da Pesquisa de Estudo de Públicos no Setor Comercial Sul e as suas Percepções sobre a CAL/UnB*, por meio da análise de questionários aplicados a transeuntes, equipe de trabalho e visitantes da Casa da Cultura da América Latina (CAL), bem como ao público na Internet, busca compreender o perfil socioeconômico dos respondentes e suas percepções sobre arte, cultura e o próprio espaço da cidade. Os resultados contribuem para a elaboração de futuras ações de mediação e pesquisa tanto na CAL quanto no Setor Comercial Sul de Brasília. Em seguida, o texto *Da Capital Federal ao Nordeste Brasileiro: educação patrimonial em tempos de pandemia* apresenta um conjunto de ações realizado em parceria pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília e o Núcleo de Extensão de Prática em Projetos de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, *campus* São Gonçalo do Amarante. Por meio da realização de atividades *on-line* e do desenvolvimento de materiais para famílias em isolamento social no contexto da Educação Patrimonial, gera-se alternativa de trabalho conjunto no enfrentamento às limitações impostas pela pandemia da COVID-19, efetivando-se conexão entre o Distrito Federal e o Rio Grande do Norte. Este movimento baseado no trabalho coletivo revela a potencialidade integradora da extensão universitária tanto no âmbito educacional quanto no sociocultural.

Em perspectiva interdisciplinar, saúde e qualidade de vida são abordadas no

artigo *Projeto de Extensão Universitária em Saúde Bucal de pacientes com Diabetes Mellitus do Departamento de Odontologia da UnB*. O trabalho traz uma contribuição original para a compreensão do impacto do diabetes e do controle glicêmico nas condições bucais e, conseqüentemente, na saúde integral do indivíduo. Os estudantes envolvidos com o projeto vivenciam processos de intervenção social por meio da promoção da saúde comunitária, o que possibilita a articulação de conhecimentos para um entendimento integral dos fenômenos imbricados à saúde de pacientes com diabetes. Na sequência, o relato de experiência intitulado *A extensão em quarentena: comunicar em tempos de Covid-19* apresenta a estratégia utilizada pelo Programa Especial Extensão e Comunicação em Rede, vinculado ao Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, no enfrentamento à crise de saúde e a processos de desinformação. Importantes reflexões são produzidas no contexto de uma comunicação popular responsável, por meio de redes sociais, de caráter protetivo, voltada à autonomia. O conjunto de ações apresentado contrapõe a postura mercantilista, produtivista e consumista comumente observada no discurso único promovido por veículos tradicionais da indústria cultural. Os participantes do Programa experimentaram afetividade, respeito e coletividade, fatores essenciais para geração de comunicação popular no espaço universitário.

Uma experiência de extensão universitária focada na importância da vegetação em áreas urbanas e urbanizadas é apresentada em *Análise das unidades de conservação no município de Aparecida de Goiânia: relato de uma experiência de extensão universitária*. A ação aproxima estudantes de ensino superior da Universidade Federal de Goiás e estudantes do ensino médio de escolas públicas. Os estudos práticos oportunizaram aos participantes a compreensão da interrelação entre áreas de conhecimento como matemática, geologia, geografia, biologia e ciências ambientais no âmbito da criação e delimitação de uma área de preservação. O oitavo artigo, *Meditação e Yoga como ferramentas para promoção de bem-estar: uma experiência remota para estudantes de Medicina*, articula teoria e prática por meio do estudo de literatura científica relacionada à temática da yoga, em sua interface com as neurociências e a saúde, e da realização de sessões práticas de yoga via plataforma digital. Em período crítico para a saúde mental, decorrente da pandemia de COVID-19, os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília, participantes do projeto, acessaram e articularam conhecimentos e ferramentas importantes relacionadas à saúde e ao bem-estar. O texto visa fomentar o reconhecimento dos benefícios da yoga tanto no ambiente universitário quanto na sociedade como um todo.

O penúltimo artigo que compõe a revista intitula-se *Importância das informações sobre Biossegurança fornecidas pelo projeto de extensão tecnológica SBRT a Empreendedores*. O projeto de extensão colocado em foco, denominado Serviço Brasileiro de Resposta Técnica – SBRT, busca contribuir para a difusão de conhecimento acerca da biossegurança no Distrito Federal. O banco de dados do Serviço serve como aporte para a análise de conteúdo técnico. O texto mostra que o SBRT, aliado ao conhecimento produzido nas universidades, auxilia procedimentos que de-

mandariam consultoria. Conclui-se, portanto, que o projeto pode referenciar outros sistemas de difusão, extensão tecnológica e inovação em torno do conhecimento necessário ao setor produtivo. A trigésima sexta edição da Revista Participação traz no seu fechamento o artigo *Transformações sociais em tempos de crise: conectando passado, presente e futuro no enfrentamento ao Covid-19*. Cartões informativos e vídeos especializados veiculados em redes sociais foram meios utilizados pelo projeto UnB 2030 para promover informação de fácil acesso e de qualidade no que diz respeito às relações entre cada Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a necessidade de enfrentamento à pandemia da COVID-19. Fica clara a necessidade de democratizar o acesso a informações de qualidade acerca da política global, diversidade, resistência e sustentabilidade, evitando-se que processos importantes de comunicação fiquem restritos a públicos de natureza técnica.

Com esse conjunto de artigos brevemente apresentados, a *Participação* busca cumprir seu papel de bem informar a população em geral a partir de ações extensionistas que se conectam substancialmente com os campos do ensino e da pesquisa, gerando sinergia entre comunidade e universidade.

Excelente leitura!

Rogério Ferreira
Diretor de Integração Social e Desenvolvimento Regional
DEX/UnB

ARTIGOS



PROJETO VEZ E VOZ – A EXPERIÊNCIA NA PREVENÇÃO DO TRÁFICO DE PESSOAS EM ÁGUAS LINDAS-GO

Veze e Voz Project – the experience on human
trafficking prevention in Águas Lindas-GO

Daniela Ribeiro de Lima
daniela.eef@gmail.com
Instituto de Letras / UnB

Rebeca Galeno dos Santos
rebecagaleno95@gmail.com
FCE - Enfermagem / UnB

Rosa Maria Silva Santos
rosiemarrie@hotmail.com
Projeto Vez e Voz - FD / UnB

RESUMO

Esse relato de experiência abordará a participação no Projeto Vez e Voz, um projeto de extensão da Universidade de Brasília, e pretende registrar a eficácia da utilização da metodologia da educação popular paulofreireana no enfrentamento do Tráfico de Pessoas em Águas Lindas, por meio da conscientização de jovens em situação de vulnerabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: tráfico de pessoas, direitos humanos, educação, direito achado na rua.

ABSTRACT

This experience report will address the participation in Projeto Vez e Voz, an extension project of the University of Brasília, and intends to record the effectiveness of the use of the methodology of popular education paulofreireana in facing Human Trafficking in Aguas Lindas, through the awareness of young people in situations of vulnerability.

KEYWORDS: human trafficking, human rights, rights found on the street.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende relatar a experiência no projeto de extensão realizado pela Universidade de Brasília (UnB), Campus Darcy Ribeiro, Projeto Vez e Voz: Educação Popular na Prevenção ao Tráfico de Pessoas no Distrito Federal e Entorno, que é realizado por meio de ação social com base na educação popular de Paulo Freire. O Projeto Vez e Voz vai além de um simples projeto de extensão universitário, é produto de uma ação social resultante da atuação de mulheres protagonistas empoderadas de seus direitos formadas no curso de Promotoras Legais Populares do DF que, por sua vez, constitui outro projeto de extensão vinculado à Universidade de Brasília.

Segundo pesquisas da United Nations Office on Drugs and Crime [UNODC] (2016), as mulheres são maioria das pessoas traficadas desde 2003. Segundo esses mesmos dados, 63.251 pessoas foram traficadas no período entre 2012 e 2014. Dessas, os meninos e meninas abaixo de 17 anos compreendem 28% em escala mundial e na América do Sul as crianças e jovens somam 39% das vítimas cadastradas. Por isso, prevenir o tráfico de pessoas a partir da conscientização de crianças e adolescentes sobre esse tipo de crime, informar sobre como poderiam ser aliciados e os cuidados que devem ter é um dos objetivos do projeto, que foi criado em 2013 por iniciativa das Promotoras Legais Populares (PLPs).

O Projeto é liderado especialmente pela PLP Rosa Maria, moradora da cidade de Águas Lindas de Goiás, que fica no entorno do Distrito Federal e apresenta altos índices de pobreza e ausência de serviços públicos. Esta cidade se localiza perto de rodovias e se tornou um local com grande ocorrência de tráfico de pessoas, principalmente de mulheres e meninas para exploração sexual. Em 2015, o estado de Goiás ocupava a primeira posição do ranking nacional de tráfico de pessoas. De acordo com dados de inquéritos apurados pela Polícia Federal, o estado goiano foi responsável, nesta década, por 140 (18,6%) dos 750 casos registrados em todo o país nesse período (Costa, Fonseca, & Nardi, 2015, p. 160).

Em sua tese de conclusão de curso sobre Direito Achado na Rua e Educação Popular na prevenção ao tráfico de pessoas com crianças e adolescentes em Águas Lindas de Goiás: experiência do projeto de extensão “Vez e Voz”, Luísa Mendes Lara destaca uma entrevista da PLP Rosa Maria que aborda de forma mais clara as finalidades e origem do Projeto Vez e Voz:

“A ideia do Projeto Vez e Voz nasceu dentro dos encontros que aconteciam com o Fórum de Promotoras Legais Populares na UnB na Ceilândia [no Núcleo de Prática Jurídica da UnB]”. E como eu moro no entorno e já participava do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Estado de Goiás sempre tinha um comentário, sempre tinha alguma coisa que estava acontecendo. Então... qual foi a ideia? Era de

que para nós prevenirmos nós tínhamos que trabalhar com um grupo vulnerável. E quem é que está mais exposto a essa vulnerabilidade, para uma proposta de ser modelo, para ser jogador de futebol, para ser representante de beleza no mundo afora? São nossos adolescentes. Então lancei essa ideia para as meninas do fórum de PLPs e nessa época nós tínhamos uma turma tão boa quanto à turma que nós temos agora e fiz um desafio a elas: ‘Em Águas Lindas, no entorno de Goiás, tem muita coisa acontecendo, vocês topariam ir para lá para gente fazer um seminário sobre isso e lançar a ideia para os núcleos de enfrentamento ao tráfico?’ E elas toparam. Então, [...] aconteceu um Seminário sobre Educação Popular e Tráfico de Pessoas aqui na Secretaria de Ação Social [...] Lá dentro tinha a Coordenação de Enfrentamento ao Tráfico do Estado de Goiás, a Coordenação de Enfrentamento ao Tráfico do DF, o pessoal da RECID, que é a rede de educação cidadã coordenada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, o Conselho Estadual da Educação do Estado de Goiás, a Superintendência Estadual de Educação da Subsecretaria Regional de Ensino em Águas Lindas de Goiás. E a proposta que nós lançamos é de levar o tema, tráfico de pessoas para dentro das escolas de ensino médio, que é onde estão realmente nossos meninos, nossas meninas. E morando na periferia e aparecer alguém acenando dizendo que vão ganhar em dólar, em franco, em libras esterlinas, você sabe como é que é, né? Claro que eles iam topar. Então nós fomos para prevenir, nós fomos trabalhar a prevenção e o projeto Vez e Voz veio foi aceito por todas as pessoas presentes no seminário. E fomos criando o piloto, e dentro dessa questão do piloto nós conseguimos trazê-lo para Águas Lindas de Goiás. E a ideia foi tomando corpo e se transformando em uma ação prática, o objetivo era levar para as escolas um tema que prevenisse apenas os estudantes de ensino médio precisou ser revisto, o desafio aumentou porque tivemos que incluir nas oficinas as turmas de 8º e 9º ano do ensino fundamental e proporcionar as nossas crianças uma nova visão de mundo, onde elas/eles não estejam tão vulneráveis e acessíveis a essa prática criminosa que é o tráfico de pessoas”.

Descrição da Experiência

O projeto Vez e Voz: Educação Popular na Prevenção ao Tráfico de Pessoas no Distrito Federal e Entorno, vinculado à Universidade de Brasília como projeto de extensão e ação contínua (PEAC), tem como base a educação popular Paulo Freireana e se propõe a estimular a participação e voz da comunidade, principalmente os jovens e adolescentes. Está em andamento na cidade de Águas Lindas de Goiás desde o segundo semestre de 2013. São realizadas oficinas quinzenais, agora em 2017, no Colégio Estadual Paulo Freire, em Águas Lindas. Voltado para alunos do ensino fundamental e médio, tem como proposta central promover a capacitação e o empoderamento de jovens e adolescentes para prevenir e conter o tráfico de pessoas, além de reconhecer as situações que levam a esse crime ao perceber as vulnerabilidades e a amplitude do tema em questão com base em dados epidemiológicos e pesquisas.

Atividades Desenvolvidas

Inicialmente, são realizadas oficinas de integração, ou seja, formação de novos integrantes extensionistas estudantes da Universidade de Brasília ou não, pois o projeto é aberto à comunidade civil e acadêmica de qualquer natureza - pública ou privada. Não há processo seletivo, há uma oficina cuja abordagem é sobre o tráfico de pessoas, com dinâmicas e diálogo sobre o conceito de tráfico, epidemiologia, situação de vulnerabilidade, leis e punições. Faz-se uma dinâmica com perguntas para questionar o conhecimento prévio dos participantes acerca do tráfico humano. Logo depois, realiza-se uma breve discussão sobre as questões abordadas com explicações pertinentes. Adiante, abordamos o tráfico de pessoas em seu histórico, com dados de pesquisa, depoimentos de famílias, fala de entidades e órgãos responsáveis pelas buscas e resgate destas pessoas traficadas, leis e punições em âmbito jurídico. Mostram-se situações de vulnerabilidade, entre outras informações apresentadas por slides. Seguido assim, da apresentação do projeto, locais de atuação e participações.

A atuação central do projeto se articula por meio de oficinas de conscientização a respeito do Tráfico de Pessoas e temáticas similares em escolas de acordo com a demanda dos jovens, em uma perspectiva de educação horizontal. É impossível retratar apenas a questão de tráfico sem abordar as diversas problemáticas interligadas e similares ao assunto central. Ou seja, são trabalhados temas (como exploração sexual, violência contra a mulher, abuso de drogas, questão de gênero/orientação sexual/homofobia, democracia e individualismo, desigualdade social, educação popular, dentre outros) com distintos graus de complexidade, mas com linguagem acessível e próxima à realidade dos jovens como proposta de inclusão.

Deste modo, de forma inconsciente, trabalha-se também temas relacionados à saúde - haja vista que o projeto tenha um teor mais jurídico e educativo - de forma a reconhecer os tipos de violência, agressão, abusos no trabalho, entre outras abordagens nas quais o projeto, por meio da conscientização, trabalha na prevenção e promoção da saúde no que diz respeito ao tráfico de pessoas em âmbito geral.

A lógica do tráfico de pessoas está na exploração do trabalho forçado, no lucro do comerciante e no descarte daquelas e daqueles que não sejam mais úteis, seja pelo abandono em situações degradantes e vexatórias, seja pelo homicídio, o extermínio. É uma situação perversa, cruel e está bastante relacionada às condições de vida e pobreza das populações. Segundo estudos da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 2008, houve aumento do desemprego em 25% entre o período de 1995 a 2005 em todo o mundo. Em 2007, os números chegaram a 190 milhões de pessoas desempregadas, sendo que aproximadamente 85 milhões estavam na faixa etária entre os 15 e 24 anos de idade. Ainda no mesmo relatório, a OIT informa que as taxas de desemprego para as mulheres são superiores às dos homens em todas

as regiões do mundo. Esses fatos são desafios para governos, posto que a ausência de trabalho, emprego e renda favorecem as situações de pobreza e pobreza extrema (Ministério da Saúde, 2013).

Afirma-se, assim, que este panorama está intimamente relacionado ao tráfico de pessoas para as mais diversas finalidades. Sendo as mulheres pobres, desempregadas e jovens, de acordo com o estudo da OIT (2008), as mais vulneráveis para o trabalho forçado ou exploração estão também mais expostas às migrações entre os estados da Federação ou para outros países, tornando-se frágeis nas situações de abuso e violência, exploração sexual comercial quando se trata de adolescentes ou crianças e prostituição forçada quando adultas, podendo ou não receber pagamentos mínimos por seu trabalho. São retratos das desigualdades baseadas no gênero que mostram o quanto ainda são limitados os direitos de trabalhadoras em muitos lugares do mundo (Ministério da Saúde, 2013).

Esses dados refletem a importância de se trabalhar o tema com o público alvo. No caso, jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade são mais propícios a enfrentarem situações de tráfico devido aos sonhos e busca por melhoria de vida, além de estarem iniciando a vida, busca por emprego, estudos e até mesmo melhoria de vida da família que pode ter presenciado situações de agressão e violência. Não obstante, pessoas em geral que já viveram tal experiência, já foram aliciadas ou até mesmo traficadas e tiveram oportunidade de serem resgatadas são público ao qual o projeto tem objetivo de atingir, além de fazer reconhecimento dos grupos vulneráveis como transexuais, jovens, mulheres, homossexuais, entre outros na qual recebem propostas de emprego, mas na realidade são aliciados para empregos com outras finalidades como prostituição, trabalho servil/escravo, cargas horárias desumanas, privação da liberdade e direitos humanos.

Deste modo, as atividades propostas pelo projeto em sala de aula são mediadas pela equipe multidisciplinar e trabalha com *feedback* dos participantes, ou seja, são escolhidos os temas de acordo com a demanda espontânea dos alunos por meio de problemas levantados por eles anonimamente. Em seguida, realiza-se a apresentação do projeto e o foco de trabalho como incentivo a reconhecer situações que existam em seu meio, de modo a identificarem algum ocorrido próximo a eles, percepção de que Tráfico de Pessoas não é algo distante, mas comum e rotineiro, principalmente em ambientes com vulnerabilidade aparente (seja emocional, econômica, situação de desemprego, sonhos, aspiração a melhorias de vida). Também é realizada uma apresentação de dança de rua com Mike Paulo, para entretenimento e interação com os alunos.

Não obstante, as atividades do projeto baseiam-se além da participação de oficinas nas escolas, explana melhor sobre a temática de tráfico de pessoas, das atu-

ações do projeto em seus diversos âmbitos e educação popular. Conta com o apoio administrativo - que é o cuidado do projeto enquanto projeto de extensão da Universidade de Brasília; e a participação em eventos externos à escola, tais como colaboração em simpósios, congressos, encontros promovidos por instituições que atuam no enfrentamento ao tráfico de pessoas por meio de análise da necessidade de instituir o projeto nas cidades cujo tráfico é evidente.

METODOLOGIA

Para a realização das oficinas, utilizamos a metodologia de educação popular baseada em Paulo Freire. Essa metodologia possibilita que nos aproximemos dos adolescentes ouvindo suas experiências de vida e levando em consideração o conhecimento deles para que façamos uma reflexão coletiva, como descrito em Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire: *“Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos (...) igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela”*.

Entre o grupo do projeto, nós fazemos reuniões intercaladas com as oficinas para que possamos planejar, discutir os resultados e estabelecer metas; além de tirar dúvidas e nos capacitarmos dentro da metodologia, por meio do estudo de textos que auxiliam na construção do conhecimento e comportamento mediante os educandos, haja vista que o projeto é multidisciplinar e compõe várias áreas de atuação integradas. Desta forma, é necessário a capacitação prévia e discussão de temas, atualização, coleta de experiências dos extensionistas para percepção do melhor método para ser transmitido em sala de aula.

Nas oficinas, utilizamos atividades de interação e construção do conhecimento, dinâmicas, cartazes para a expressão por escrito e por desenhos, projetor e som para a exibição de vídeos que ajudam a promover a discussão e roda de conversa, trazendo fatos filmados e outros pontos de vista, a fim de tornar a proposta menos “engessada”, interativa em busca de chamar a atenção dos alunos para a iniciativa, pois a contribuição deles é fundamental para o projeto e seguimento das atividades, de modo a recebermos um feedback seja positivo ou negativo.

RESULTADOS

A extensão, junto com o ensino e a pesquisa, compõe o tripé formador da universidade e acreditamos que estudar a teoria enquanto a experimentamos a prática

torna a construção do conhecimento, enquanto universitários, mais sólida. Conseguimos ver a efetividade do método e suas falhas, e ainda fazemos ajustes quando o método não cabe nessa realidade específica adequadamente.

Nesse ano, 2017, as oficinas realizadas no Colégio Paulo Freire ainda estão em andamento, e o que já conseguimos perceber é que as discussões estão sendo efetivas, mesmo que encontremos dificuldades. Os adolescentes se posicionam sobre as questões levantadas pelas temáticas do projeto, participam, dão opiniões que são construtivas e utilizadas tanto no seguimento dos outros quanto em outras oportunidades. É de bastante crescimento e desenvolvimento não somente como extensionistas e acadêmicos, mas como seres humanos à medida que reconhecemos as dificuldades do outro e trabalhamos para dar uma perspectiva de vida que talvez seja inexistente ou diminuída devido às condições de vida.

O projeto também tem sido de grande agregação às diversas áreas de atuações inseridas, como graduandos em letras, direito, enfermagem, assistência social, saúde coletiva, pedagogia, na qual integradas conseguem cada qual aplicar sua área e aprender outras áreas pela troca de vivências proporcionadas pela extensão. Coloca-se em prática o conceito de interdisciplinaridade, na qual, como citado por Marília Freitas de Campos Pires (ano), *“a interdisciplinaridade pode ser tomada como uma possibilidade de quebrar a rigidez dos compartimentos em que se encontram isoladas as disciplinas dos currículos escolares. No entanto, ela não deve ser vista como uma superação das disciplinas, mas, como uma etapa superior das disciplinas, disciplinas essas que se constituem como um recorte mais amplo do conhecimento em uma determinada área. Este recorte tem o objetivo de possibilitar o aprofundamento de seu estudo, é uma necessidade metodológica legítima e necessária, porém insuficiente para garantir a formação integral dos indivíduos”*.

Outra autora, Olga Pombo (ano), define: *“a interdisciplinaridade se deixa pensar, não apenas na sua faceta cognitiva - sensibilidade à complexidade, capacidade para procurar mecanismos comuns, atenção a estruturas profundas que possam articular o que aparentemente não é articulável - mas também em termos de atitude - curiosidade, abertura de espírito, gosto pela colaboração, pela cooperação, pelo trabalho em comum. Sem interesse real por aquilo que o outro tem para dizer não se faz interdisciplinaridade. Só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica e para nos aventurarmos num domínio que é de todos e de que ninguém é proprietário exclusivo. Não se trata de defender que, com a interdisciplinaridade, se alcançaria uma forma de anular o poder que todo saber implica (o que equivaleria a cair na utopia beata do sábio sem poder), mas de acreditar na possibilidade de partilhar o poder que se tem, ou melhor, de desejar partilhá-lo. Como? Desocultando o saber que lhe corresponde, explicitando-o, tornando-o discursivo”*.

sivo, discutindo-o. Ao contrário da fórmula repetida segundo a qual a nossa liberdade começa quando termina a liberdade do outro, para arriscar fazer interdisciplinaridade é necessário perceber que a nossa liberdade só começa quando começa a liberdade do outro. Ou seja, temos que dar as mãos e caminhar juntos”.

Ou seja, o projeto nos proporciona a partilhar e receber conhecimento por meio de uma via de mão dupla, a qual as discussões são repletas de riqueza e diversidade de opinião, de forma a abrir oportunidades além da dinâmica de sala de aula na qual o professor fala e o estudante escuta. Neste caso, ambos trocam informações, tem liberdade, autonomia, haja vista que os próprios estudantes que manifestam interesse em participar das oficinas oferecidas, devido a uma conversa prévia com a direção e coordenação escolar e têm liberdade de permanecer ou não nas oficinas.

CONCLUSÃO

Os estudantes refletiram conosco diversas vezes sobre temas que os afetam, como o racismo, o machismo, a pobreza, a violência e notaram que, por vezes, também podem ser algozes, podendo ter atitudes racistas, machistas, violentas.

Enquanto extensionistas, presenciamos uma realidade que contrapõe à realidade vivenciada no espaço da Universidade, onde a pobreza, a desinformação e a falta de recursos para o atendimento das necessidades básicas foram explícitas, o que nos faz refletir sobre o financiamento da universidade pela população geral e o retorno que essa população tem da universidade que financia. Um conhecimento distante da realidade vivida por essas pessoas, a produção científica que não explora a realidade das periferias do Brasil - a maior parte da população - é notado muitas vezes, o que, para nós, demonstra a importância da participação em projetos de extensão. É necessário aperfeiçoar as teorias por meio da prática para que ela seja efetiva.

O uso da metodologia da educação popular pelo projeto também será estudado, e é o que propõe o PIBIC “Direitos humanos em trânsito – Efeitos da utilização do método da Educação Popular baseado em Paulo Freire na prevenção do tráfico humano e conscientização sobre vulnerabilidades”, proposta aceita pela CAPES e em andamento no ano de 2017/2018.

Não obstante, a extensão nos proporciona integração de conhecimentos de modo a abrir oportunidade de conhecer vários projetos com aplicação prática e diversificada do que se é recebido de forma teórica na universidade, concretizando assim, o tripé universidade- pesquisa- extensão, capacitando os estudantes às várias situações encontradas no cotidiano e abrindo horizontes para o conhecimento, atuação/experiência e vivências.

Limitações e estudos futuros

O projeto é independente, não possui auxílio financeiro para a realização das oficinas nas escolas públicas e luta por apoio para melhores condições, ou seja, maior visibilidade e obtenção de recursos para mantimento e permanência da iniciativa que como qualquer ação social necessita de recursos e insumos para desenvolver as atividades necessárias de forma eficiente e com eficácia.

É notável que a falta de transporte tem sido um empecilho para a aderência dos estudantes, haja vista que o deslocamento para a cidade de Águas Lindas depende do próprio aluno que muitas vezes não possui rendimentos ou consegue se deslocar com facilidade, pois é necessário pagar a passagem do ônibus para Águas Lindas que não possui catraca funcionante do Passe Livre Estudantil/DFtrans.

Disponibilidade de mais bolsistas seria um auxílio a maior aderência e atração para o projeto, como já retratado não possui recursos e com os alunos bolsistas é possível recorrer a compra de alguns materiais de base como lápis de cor, cartolinas, canetas para uso coletivo dos alunos em sala de aula, pois o projeto se responsabiliza pelos materiais que são utilizados, além de servir como custeio para transporte e deslocamento destes bolsistas, não obstante é um incentivo a pesquisa e interesse na área que possui pouca visibilidade tanto política como social.

Reconhecimento do projeto e importância em se trabalhar com o tema tráfico de pessoas como iniciativa construtiva e de auxílio às populações que necessitam de maior atenção, possuem alto grau de vulnerabilidade, o Estado por si só não consegue atender a todos os problemas e ações como essa são de extrema relevância e apoio conjunto à população, Estado e política. Além de conscientização da população, crescimento e riqueza educacional e também em saúde, haja vista que os temas retratados não possuem um único seguimento de educação, mas promoção e prevenção em saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*.

Lara, L. M. (2015). *Direito Achado na Rua e Educação Popular na prevenção ao tráfico de pessoas com crianças e adolescentes em Águas Lindas de Goiás: experiência do projeto de extensão “Voz e Voz”*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

Ministério da Saúde. Brasil. (2013). *Saúde, migração, tráfico e violência contra mulheres: o que o SUS precisa fazer: caderno pedagógico* / Ministério da Saúde, Universidade de Brasília.

Pires, M. (1998). Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade no Ensino, Interface – Comunic, Saúde, Educ Fevereiro. p. 177

Pombo, O. (2005). Interdisciplinaridade e integração dos saberes, Liinc em Revista. Vol 1, n.1, março 2005, p. 3-15 disponível em <<http://www.ibict.br/liinc>>

United Nations Office on Drugs and crime [UNODC]. (2016) Global Report on Trafficking in Persons. Disponível em <http://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/glotip/2016_Global_Report_on_Trafficking_in_Persons.pdf>

DESAFIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Challenges of university extension in the prevention of domestic violence

Fernanda Pereira Labiak
fernanda_labiak@yahoo.com.br
Universidade Federal de Santa Catarina

Gabriel de Novaes Silva
gabriel1202novaes@gmail.com
Universidade do Vale do Itajaí

Karla Vieira
kkarlavieira@hotmail.com
Universidade do Vale do Itajaí

RESUMO

Este estudo objetiva socializar as invenções voltadas para a prevenção da violência doméstica durante a pandemia decorrente da COVID-19, do projeto de extensão Direito Intergeracional e Transversalidade, que faz parte da Escola de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade do Vale do Itajaí. Para alcançar o objetivo proposto, as intervenções extensionistas realizadas foram relatadas, contextualizadas e analisadas criticamente. Isto é, devido as implicações da pandemia, que culminaram na adoção de medidas sanitárias de restrição social, os extensionistas interagiram com a comunidade via Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, utilizando o material que produziram e compartilharam (textos, imagens, podcasts e cartilha informativa). Pondera-se, a partir disso, que o debate no âmbito virtual atingiu pessoas diversas, necessita ser contínuo para buscar envolver e conscientizar o maior número de pessoas acerca da violência doméstica, na especificidade da violência contra as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: violência doméstica, violência contra mulheres, pandemia da COVID-19, redes sociais de interação e comunicação, extensão universitária.

ABSTRACT

This study aims to socialize the inventions aimed at the prevention of domestic violence during the pandemic resulting from COVID-19, from the Intergenerational Law and Transversality extension project, which is part of the School of Legal and Social Sciences at the University of Vale do Itajaí. To achieve the proposed objective, it was been reported and contextualized the interventions made by the extensionists, critically analyzing them. That is, due to the repercussions of the pandemic, which culminated in the adoption of sanitary measures of social restriction the extension agents interacted with the community through the material they produced and shared (texts, images, podcasts and information booklet) via Digital Information Technologies and Communication. Based on this, it is considered that the debate in the virtual environment affects different people, it requires to be continued to engage and educate as many people about domestic violence, in the specificity of violence against women.

KEYWORDS: domestic violence, violence against women, COVID-19 pandemic, social media, university extension program.

INTRODUÇÃO

A COVID-19 causada pelo agente infeccioso Sars-Cov-2, popularmente conhecido como novo coronavírus, foi considerada uma doença pandêmica pela Organização Mundial de Saúde [OMS] (2020) por adequar aos indicadores iniciais de pandemia, que se refere a três condições: o aparecimento de uma nova doença na população; o agente infecta humanos, que causa uma doença séria; e o agente espalha-se fácil e sustentável entre humanos (World Health Organization [WHO], 2005). A OMS classificou a pandemia da COVID-19 como emergência de saúde pública, devido aos danos à saúde física e mental sofridos pela comunidade mundial e as taxas de letalidade e de mortalidade serem altas (WHO, 2020).

Ademais, as implicações da pandemia decorrente da COVID-19 culminaram na adesão de práticas de distanciamento e isolamento social físico, políticas sanitárias adotadas por governantes brasileiros para o achatamento da curva de contaminação. Com a restrição à livre locomoção nas cidades, a atenção das pessoas voltou-se para o ambiente doméstico e familiar que, antes mesmo do advento pandêmico, já enfrentava o problema da violência, muitas vezes, negligenciado ou subestimado. Os índices de violência doméstica têm aumentado no Brasil, como demonstra o Anuário da Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública [FBSP], 2019). São mais de 263 mil casos reportados de agressão física dolosa, mais de 66 mil registros de abuso sexual e um crescimento de 11,3% no número de feminicídios.

Quando se analisa os dados da Nota Técnica sobre violência doméstica durante a pandemia de COVID-19 (FBSP, 2020), nota-se, entre março e maio de 2020, uma queda de 27,2% das denúncias de lesão corporal e de 50,5 % dos registros de es-

tupro e de estupro de vulnerável (se comparado ao mesmo período do ano anterior). Tais reduções apontam que os canais de apoio, proteção e denúncia apresentam limitações no período de pandemia da COVID-19, no que tange a receber as denúncias das vítimas de violência doméstica. Com a medida sanitária adotada, o isolamento social, as mulheres, as crianças, os idosos e as pessoas com deficiências tendem a ficar em confinamento nas suas residências com os agressores e, portanto, possuem dificuldades em denunciá-los. Pouco se tem pensado e estruturado, em termos de políticas públicas, formas de prevenir a violência doméstica em períodos de crise e restrição social como a pandemia da COVID-19, bem como proteger as vítimas de violência doméstica.

A invisibilidade da violência doméstica envolve, entre outros fatores, o ambiente em que ela ocorre e a relação íntima estabelecida nesse ambiente. Logo, cria-se a normatização cultural da não intromissão nas violências praticadas no âmbito doméstico e familiar, somado as desigualdades de gênero, nas quais as mulheres são subjugadas e o seu direito de fala é cerceado e desacreditado (Instituto de Pesquisa Datafolha & FBSP, 2019). Isso é visível historicamente, em diversas fontes do direito que demonstram a legitimação e a institucionalização de uma cultura patriarcal, seja na figura do marido como “chefe da sociedade conjugal” no Código Civil de 1916 ou na figura da “mulher honesta” no Código Penal de 1830 (Mello & Paiva, 2019).

Atualmente, com a consolidação da Constituição (1988) e de leis especializadas como a Lei n. 11.340 (2006), conhecida como Lei Maria da Penha, o Brasil busca eliminar as desigualdades de gênero, bem como a violência doméstica, em sua maioria, punindo os agressores. Entretanto, as violências persistem, são crescentes e o silêncio sobre elas, ainda é comum por parte da sociedade. A judicialização da violência doméstica não é suficiente para dirimi-la, uma vez que os agressores, após uma punição judicial, tendem a repetir a violência com a mesma vítima e/ou fazem vítimas diferentes (Labiak, Miguel, & Nunes, 2020). Diante dessa perspectiva, o projeto de extensão Direito Intergeracional e Transversalidade (DIT) do *campus* São José – SC, da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), visa conscientizar para prevenção da violência doméstica, na especificidade da violência contra as mulheres, a fim de desconstruir ações e comportamentos sociais estruturados na sociedade, que promovem violências.

No período de pandemia decorrente da COVID-19 e diante da política sanitária adotada por autoridades governamentais – isolamento social físico –, o projeto de extensão DIT seguiu com as suas atividades, utilizando as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) como meio de interação entre extensionistas e a comunidade. Neste período pandêmico, as intervenções do projeto de extensão se mostraram ainda mais necessárias, devido ao aumento nos casos de violência doméstica, advindo do convívio forçado da vítima com seu agressor, dentre outros aspectos que potencializam a violência, como as dificuldades das mulheres de realizarem a denúncia ou chegarem até o serviço da rede de enfrentamento (FBSP, 2020).

As atividades de intervenção do projeto de extensão ocorreram de forma síncrona e assíncrona. As intervenções síncronas ocorreram via ambiente virtual de ensino-aprendizagem – *Blackboard*, e foram estruturadas no formato roda de conversas *online* sobre violência contra mulheres, em que houve interação simultânea entre as pessoas envolvidas. As intervenções assíncronas se deram com a produção e compartilhamento de conteúdos digitais com a finalidade de conscientizar e gerar reflexões acerca das raízes estruturais e sociais da violência de gênero contra as mulheres por meio de *podcasts*, *posts* em redes sociais, cartilha informativa e vídeos sobre a violência contra mulheres no âmbito doméstico e, também, sobre a relação entre a violência doméstica e a pandemia advinda da COVID-19.

Este estudo objetiva socializar as intervenções assíncronas do projeto de extensão Direito Intergeracional e Transversalidade, realizadas no ano de 2020, durante a pandemia da COVID-19, a fim de evidenciar a importância da extensão universitária para auxiliar os indivíduos na apropriação do papel de sujeitos conscientes dos determinantes culturais, sociais e políticos de sua situação, assumindo responsabilidades e buscando por soluções para os problemas enfrentados, como a violência doméstica, na especificidade da violência contra as mulheres. Nesse sentido, acredita-se que a extensão universitária possui um significativo papel social e comunitário, à medida que auxilia os sujeitos envolvidos a ampliarem a sua visão de mundo diante de uma problemática (Labiak, Miguel, & Nunes, 2020).

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E PANDEMIA DA COVID-19

A fundamentação que abrange a violência contra as mulheres se positiva no quesito “ser mulher”, porém, mesmo que independa de fatores como local, religião e estado civil, a violência cometida por questão de gênero também converge com outras formas de opressão, envolvendo questões de raça, classe, sexualidade, grau educacional, deficiência, nacionalidade, entre outras. Essas diferentes facetas que sistematicamente se entrecruzam acabam por garantir especificidades à violência contra as mulheres. Nesse aspecto, os dados referentes aos índices de violência contra mulheres negras e mulheres transgêneras, por exemplo, acabam por revelar uma maior desigualdade e um caráter interseccional da violência.

Pelo viés do feminismo negro, pode-se afirmar que a categoria “mulher” serve como um pretexto universalizante que dissimula as diversas vivências que acarretam o “ser mulher”. Assim, ao tratar das mulheres negras, não se pode desconsiderar o racismo presente na sociedade, além da questão de gênero. Considerando essas opressões em soma, pode-se explicar o crescimento de 29,9% da taxa de homicídio de mulheres negras entre os anos de 2007 a 2017, em contraste com a taxa de 4,5% de aumento, no mesmo período, de homicídios de mulheres não negras. Nesse aspecto, os dados se conectam com a desigualdade racial também, como o comprova “a proporção de mulheres negras entre as vítimas da

violência letal: 66% de todas as mulheres assassinadas no país em 2017” (Atlas Da Violência, 2019, p. 38-39).

Entre as demais desigualdades, a diferença de remuneração pelo trabalho também é fortemente associada com o gênero e com a raça. Como consta em dados trazidos por Borges & Maia (2017), dentre os maiores rendimentos regionais, destacam-se os municípios do Sul e do Sudeste. Nacionalmente, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2018) apontam que as mulheres pretas ou pardas recebem 58,6% menos que mulheres brancas, mostrando que na base da pirâmide salarial, encontra-se a mulher preta ou parda precarizada.

Sobre o exposto, não há possibilidade de refletir sobre a opressão de gênero sem considerar a realidade concreta que envolve a vida das mulheres. Não há lugar para sistemas autônomos, como racismo, patriarcado e capitalismo, pois, o que se encontra são partes de uma unidade (Arruzza, 2015). A OMS (2012) salienta que as causas da violência contra as mulheres estão alicerçadas em fatores histórico-sociais tais como a desigualdade de gênero, econômica, machismo estrutural entre outros.

Nesse sentido, a pandemia da COVID-19 também é compreendida como um analisador histórico, um acontecimento inesperado, que traz à tona um campo de disputa de forças, entre o microssocial e o macrossocial, de modo a tornar visível àquilo que é naturalizado pelas instituições, possibilitando tecer análises (Barbosa, Lima, Santos, Lanna, & Andrade, 2020). Assim como a violência contra as mulheres, que não corresponde a um sistema autônomo e dotado de causas próprias, e que se tornou parte da sociedade ao longo de um processo histórico de dissolução das precedentes formas de vida social.

Associando, estruturalmente, a violência contra as mulheres e a pandemia da COVID-19 e suas implicações na saúde, segurança, economia etc., cabe enfatizar que considerar esta violência decorrente do gênero como pertencente a todas as sociedades seria naturalizá-la. Do mesmo modo, destaca-se que as medidas de restrição social adotadas por autoridades sanitárias e governamentais como o isolamento social, pode trazer segurança para algumas mulheres, mas é preciso entender que, em contextos diferentes, esta mesma medida sanitária adotada, a fim de proteger do adoecimento pela COVID-19, pode causar medo, dor e até mesmo morte por violência. Dito de outra forma, é preciso desnaturalizar o olhar que generaliza pessoas, contextos, culturas e sociedades, pois quando se generaliza fica mais difícil enxergar cada sujeito e ter empatia.

Quando se fala em violência contra as mulheres, deve-se levar em consideração a interseccionalidade do “ser mulher”, que está associada a fatores econômicos, políticos, culturais, físicos, subjetivos e de experiência. Dell’Ago & Machado (2019) apontam que ao generalizar o “ser mulher”, pode-se excluir corpos desviantes de um padrão instituído culturalmente, e invisibilizar possíveis violências dentro do próprio campo do “ser mulher”, em função de outras violências que as mulheres podem sofrer devido à classe, à raça, à pobreza, entre outras especificidades.

Ao reconhecer a aumento da violência doméstica contra as mulheres durante

a pandemia da COVID-19, é preciso entender quem são e onde estão as mulheres vítimas de violências, a partir de uma análise interseccional (Barbosa *et al.*, 2020), e considerar que violência doméstica possui especificidades interseccionais, constitui e é constituída nas e pelas instituições e estruturas hegemônicas (Ferraz, Tomazi, & Sessa, 2010). Diante disso, pontua-se que as medidas sanitárias de restrição social, por si só não promovem a violência, mas evidenciam as vivências das mulheres em situação de violência doméstica, bem como o machismo estrutural, as desigualdades raciais, de gênero e de classe social, que impactam negativamente a vida de todos, e em especial a vida das mulheres.

Com o reconhecimento de que a violência contra as mulheres não se trata de uma uniformidade, já que as mulheres e suas vivências também não o são, é preciso enfrentá-la em várias frentes, tais como inserir a discussão sobre gênero nos currículos escolares de maneira multidisciplinar; “criar políticas públicas com medidas integradas de prevenção; promover pesquisas para gerar estatísticas e possibilitar uma sistematização de dados em âmbito nacional; realizar campanhas educativas para a sociedade em geral [...]” e difundir leis e outros instrumentos de proteção dos direitos humanos das mulheres (Instituto Maria da Penha, 2020, p.1). Ressalta-se que esse enfrentamento deve ocorrer sem que haja um distanciamento das demais lutas contra a violência. Dissociar tais lutas seria limitar o alcance da emancipação para apenas algumas mulheres.

Assim, combater as desigualdades para com as mulheres desconsiderando o racismo, terá como resultado a libertação apenas das mulheres brancas. Omitindo da luta as mulheres com alguma deficiência, tem-se uma luta capacitista. Da mesma forma, deve-se abranger as lutas por melhores condições de trabalho, afinal, não basta conquistar equiparação salarial de mulheres e homens, se há condições precárias de trabalho para os dois. Consagra-se, assim um feminismo que luta pela igualdade entre homens e mulheres, observando a equidade e a garantia de direitos.

METODOLOGIA

No primeiro e no segundo semestre de 2020, o projeto de extensão DIT, que faz parte da Escola de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIVALI, contou com uma equipe-extensionista de 29 acadêmicos (regularmente matriculados no curso de direito), 2 estagiários bolsistas e 2 professoras-orientadoras, uma com formação em psicologia e outra em direito. Os acadêmicos foram divididos em grupos para a realização das intervenções da extensão: (I) grupo de trabalho para elaboração e compartilhamento de materiais sobre a temática violência doméstica contra a mulheres (*podcasts*, conteúdos e imagens para *posts* em redes sociais e cartilha informativa); e (II) grupo de trabalho para debates *online* sobre a temática violência contra as mulheres. Neste estudo, discorrer-se-á sobre as intervenções do grupo de trabalho I, responsável pela elaboração e compartilhamento de materiais (cartilha, *podcasts* e

posts em rede social), e que interagiu assincronamente com o público pelo *Instagram*, no perfil do projeto de extensão DIT.

Os materiais produzidos, cartilha, *podcasts* e conteúdos para *posts* em rede social, buscaram conscientizar meninos/meninas e homens/mulheres via Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), a partir de materiais acessíveis, facilmente compartilháveis e com uma redação concisa que tende a empregar mais clareza a temática trabalhada. A escolha dos temas para compor os conteúdos dos materiais produzidos pelos extensionistas parte do pressuposto, entre outros fatores, de que a prevenção da violência contra as mulheres, é feita com a conscientização e esclarecimentos das diversas formas de violências. Uma vez que ao conhecer as formas de violências, é possível preveni-las, de modo que as pessoas percebam o seu papel enquanto promotores da(s) violência(s) e/ou vítimas da(s) violência(s). E, na hipótese da ocorrência de violências, conseguir tomar as medidas necessárias para se proteger e preservar a própria vida, bem como auxiliar na proteção e preservação da vida de outras pessoas. Visto que a mera existência de legislação ou de sanção não consolida, nas entrelinhas sociais, extinção ou diminuição da violência.

Para elaboração dos materiais (cartilha, *podcasts* e conteúdos para *posts* em rede social), os acadêmicos-extensionistas: (I) passaram por formação continuada com as professoras-orientadoras do projeto de extensão DIT sobre a violência doméstica (violência contra as mulheres), (des)igualdade de gênero, relação entre a pandemia da COVID-19 e a violência doméstica; (II) pesquisaram sobre a produção de conteúdo digital para as redes sociais e se prepararam para dialogar com o público de forma sistemática; (III) estudaram técnicas de oratória para obtenção de um discurso claro e objetivo, bem como os aspectos estéticos, a música adequada para a abertura e encerramento de cada episódio dos *podcasts*; (IV) elegeram o *Instagram*,

mediante pesquisa, para ser a rede social das postagens, isso porque a referida plataforma está em constante crescimento. Segundo Costa (2020), em 2019, o *Instagram* possuía 69 milhões de usuários no Brasil e, além disso, a plataforma possibilita a divulgação de conteúdo em vários formatos, de forma a atender aos objetivos do projeto de extensão.

A cartilha, os *podcasts* e os conteúdos para *posts* em rede social foram elaborados tendo como base a temática central, a violência doméstica contra as mulheres, e tiveram as especificidades de conteúdos elencadas no quadro 1.

Quadro 1: Conteúdo abordado na cartilha, *podcasts* e *posts*

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	IMAGENS DOS MATERIAIS PRODUZIDOS
<p>1. Cartilha elaborada por meio do aplicativo Canva:</p> <ul style="list-style-type: none"> - relação entre a pandemia da COVID-19 e a violência doméstica; - como se proteger diante de uma situação de violência doméstica; - quais as redes de apoio e acolhimento para as mulheres vítimas de violência doméstica; - legislações: Lei n. 14.022 (2020) e Lei n. 11.340 (2006). 	<p>Capa da Cartilha</p> 

<p>2. Podcasts, gravados na plataforma Anchor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - relação entre a violência doméstica (violência contra as mulheres) e a pandemia da COVID-19; - orientações sobre a importância das redes de apoio e acolhimento na luta contra a violência. 	<p>Imagens relacionadas aos podcasts</p> 
<p>3. Posts com imagem e informações para as redes sociais, elaborados por meio do dispositivo (aplicativo) Canva:</p> <ul style="list-style-type: none"> - como identificar os tipos de violência previstos na Lei Maria da Penha (física, psicológica, patrimonial, moral e sexual); - o que é e como ocorre o ciclo da violência; - o direito das mulheres transexuais e travestis; - a figura de família na perspectiva da Lei Maria da Penha; - o que é e qual a importância da interseccionalidade; - conceito e consequências de slut shaming; - a relação da pandemia da COVID-19 com a violência contra as mulheres: estatísticas do Tribunal de Justiça do estado de Santa Catarina e notícias de jornais de grande circulação; - informações e orientações sobre os canais disponíveis para realização de denúncias. 	<p>Imagens de alguns Posts</p> 

Foram disponibilizados no *Instagram*: 14 postagens com imagens e textos, 2 *podcasts* e 1 cartilha. Os conteúdos informativos relacionados as imagens postadas no *Instagram* buscaram envolver o público fazendo perguntas como, por exemplo, “O que é...?”, “Você sabia?”. Cada postagem teve uma imagem e um texto informativo sobre o assunto, prezando pela objetividade e compreensão simbólica.

As imagens foram elaboradas visando contemplar um esquema de cores que representasse os objetivos da intervenção e, para tal, foram escolhidas as cores: roxo, que representa o desafio de fortalecer o emocional diante da violência; vermelho, que refere a trabalhar a racionalidade em meio a violência; azul, que expressa equilíbrio na busca por soluções aos problemas expostos; e amarelo, que está associado a uma noção de esperança, uma luz no fim do túnel (Labiak, Novais, & Silva, 2020).

Os extensionistas se atentaram para o uso da linguagem casual, sem a utilização de termos técnicos e jurídicos na redação, a fim de aproximar do público o conteúdo disponibilizado. Delimitaram as datas e os horários de cada publicação durante 30 dias (1 a 31 outubro de 2020), estruturaram a ordem de veiculação de cada conteúdo produzido e deram início as interações com o público. Posteriormente, analisaram as postagens feitas quanto ao total de *likes*, visualizações e audições, dentre outros aspectos como comentários do público, a fim de compreender a interação dos extensionistas com a comunidade, utilizando as TDICs na extensão universitária. Cabe salientar que os comentários do público aos materiais produzidos, foram selecionados por conveniência para serem analisados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os materiais produzidos pelos extensionistas a cartilha, os *podcast* e os *posts* de conteúdos sobre violência contra mulheres foram compartilhados na rede de comunicação e interação do projeto DIT – *Instagram*. Nesse sentido, os resultados quantitativos de *likes* foram contabilizados no *Instagram*, de visualizações da cartilha pela plataforma *Bit.ly* (onde foi hospedada para obtenção do *link* de acesso) e de audições dos *podcasts* pela plataforma *Anchor*. Os resultados qualitativos se deram por meio dos comentários do público aos conteúdos digitais compartilhados.

Os extensionistas fizeram um cronograma de publicação dos materiais elaborados, que compreendeu o período de 1 a 31 de outubro de 2020. As publicações foram feitas nas segundas, quartas e sextas-feiras. Foram 17 publicações, sendo 1 cartilha, 2 *podcast* e 14 *posts* com imagem e conteúdo sobre violência contra mulheres, que contabilizaram uma total de 369 *likes* no *Instagram*, 486 visualizações da cartilha e 28 audições marcadas no *Bit.ly*. O quadro 2 especifica os resultados quantitativos e qualitativos apurados em 15 de novembro de 2020.

Quadro 2: Resultados quantitativos e qualitativos

Bloco de Conteúdo	Nome da Publicação	Sequência de Publicação	Likes	Visualizações	Audições	Comentários
I	Violências no âmbito doméstico	1	50	-	-	“Tema mais que necessário. Parabéns pela iniciativa.” (Sic)
	Violência Física	2	40	-	-	
	Violência Psicológica	3	30	-	-	“Tema muito pertinente! Parabéns! Excelente abordagem!” (Sic)
	Violência Moral	4	14	-	-	
	Violência Patrimonial	5	16	-	-	
	Violência Sexual	6	29	-	-	
II	COVID-19 e Violência contra as mulheres	7	19	-	-	“É um pouco exagerado dizer que as mulheres estão em situação de maior vulnerabilidade para violência com a pandemia. Todo mundo tá vulnerável.” (Sic)
	Onde denunciar?	8	16	-	-	
	Divulgação Cartilha	9	23	486	-	“Que trabalho lindo! Não só lindo, mas simples de ser entendido. Com certeza irá ajudar muitas mulheres. Este trabalho que vocês fazem é de grande valor. Meus parabéns!” (Sic)
	Outubro Rosa	10	14	-	-	-
	PODCAST: Violência Doméstica e COVID-19	11	12	-	19	“Que fantásticos! Os conteúdos estão claros! Conhecer as diversas formas de violências protege as vítimas.” (Sic)
	PODCAST: A Importância das Redes de Apoio	12	12	-	9	
III	O que é... Ciclo da Violência	13	20	-	-	“Realmente há muita coisa nova pra gente aprender.” (Sic)
	Você sabia? <i>Trans-Rights</i>	14	24	-	-	
	O que é... Interseccionalidade	15	15	-	-	
	Você sabia? Famílias	16	15	-	-	
	O que é... <i>Slut-shaming</i>	17	20	-	-	

Para analisar a resposta do público ao material compartilhado, dividiu-se as publicações em blocos de conteúdo, sendo: I - Conceitualização de violência doméstica e dos Tipos de Violência (6 posts e 179 likes); II - Informativos para divulgação de canais de apoio e proteção, informações e conteúdos voltados à pandemia da COVID-19 (6 posts e 96 likes); III - Aspectos práticos jurídicos relacionados a Lei Maria da Penha e a legislação correlata pertinente a igualdade de gênero (5 posts e 94 likes).

Ao apresentar os resultados obtidos via *Instagram* do projeto de extensão DIT, é importante levar em consideração dois aspectos essenciais: a tecnologia utilizada para compartilhamento do material produzido e a temática discutida. No que tange a tecnologia utilizada, é importante ressaltar a quantidade de seguidores do projeto de extensão DIT no *Instagram*, pois ainda que seja um perfil público e todos podem visualizar os conteúdos postados, ele é relativamente recente, com 1 ano de criação e a quantidade de seguidores é relativamente pequena (136).

Ademais, salienta-se que, ao desenvolver conteúdos para as redes sociais, passa-se a deixar marcas em um território amplo, diverso e voltado à formação de novos pensamentos. Isto é, a impressão de uma realidade ilusória e solipsista para cada usuário, a partir de algoritmos, que determinam quais postagens serão mais apropriadas para satisfazer o gosto do indivíduo e mantê-lo engajado e atuante na rede social. O algoritmo do *Instagram* busca otimizar a experiência do usuário dentro da rede social, ele filtra as publicações para que elas apareçam de acordo com os interesses do usuário dentro do *feed* (O'Neil, 2016). Nesse sentido, a temática violência de gênero no âmbito doméstico, pode ser uma temática que desperta pouco interesse nos usuários.

Na esfera da temática, violência relacionada ao gênero (violência contra mulheres), cabe ponderar, é um fenômeno histórico, social e cultural e apresenta diferentes conteúdos e formas nas diversas sociedades, mediante a variação de valores culturais. A sua conceituação é dificultada diante das diferenças culturais, e isso é um fator que deve ser levado em consideração quando se discute esta temática na *internet*. No entanto, há certos aspectos que envolvem a violência contra a mulher que são mantidos, nas diversas sociedades e culturas, permitindo sua caracterização.

Considerando os vieses, temática discutida e tecnologia utilizada para compartilhamento do material produzido e interação com a comunidade, que tendem a influenciar nas intervenções dos extensionistas e, conseqüentemente, nas análises dos resultados, nota-se que a publicação relacionada a como a violência contra mulheres se apresenta no contexto doméstico teve a maior quantidade de *likes* (50), seguido de violência física (40), violência psicológica (30) e violência sexual (29). Observa-se que os *likes* decaem no decorrer das publicações. Cabe considerar que os seguidores possuem outros conteúdos a serem assistidos/visualizados em suas redes e, os conteúdos do projeto de extensão é apenas um tópico em meio a vasta produção de conteúdos disponibilizados no *Instagram*.

Contudo, não se pode descartar a hipótese de que as postagens sobre como a violência contra mulheres se apresenta no contexto doméstico, violência física, violência psicológica e violência sexual atraiu a atenção do público. Isso faz sentido

levando-se em consideração o período pandêmico que se vivencia e as medidas sanitárias de restrição social, em que vítimas e agressores tendem a passar mais tempo juntos. Segundo Curia *et al.* (2020) a violência que ocorre nas relações domésticas e familiares possui caráter interpessoal e, por sua vez, ocorre entre parceiros íntimos. Em meio a estas formas de violências, e que são cometidas por parceiros íntimos, as mulheres se tornar vulneráveis à preservação de sua integridade física e emocional. A violência doméstica contra as mulheres atinge repercussões em vários aspectos, tais como no trabalho, nas relações sociais e na saúde (física e psicológica).

A postagem relacionada a violência sexual foi a quarta publicação com mais *likes*, dentre os temas abordados. Pode-se considerar a importância da discussão a respeito do consentimento e do discernimento acerca da violência sexual (Ibope Inteligência, 2017). Entender que as mulheres são livres para transitarem por onde quiserem e se apresentarem da forma que se sentirem confortáveis, sem que haja julgamentos de suas vestimentas, do modo de se expressarem e do local que possam vir a estar, são essenciais para produzir melhores e maiores conhecimentos da subjetivação desta forma de violência. Esse entendimento confronta o discurso conservador e, ainda, costumeiro que subjuga mulheres a rotulações preconceituosas e discriminatórias, que obstrui o direito de ir e vir das mulheres, responsabilizando-as pelo dever de evitar a violência.

No âmbito doméstico e familiar, uma violência sexual comum e pouco discutida é o estupro marital. Com vistas a perspectiva patriarcal de que o pertencimento do corpo feminino ao ambiente privado faz com que ele adentre a esfera pública, ou seja, cultua-se a ideia de que o corpo feminino pertence ao outro, sendo este, o cônjuge (Beauvoir, 2009). A relação sexual deve ocorrer de forma a não ferir o direito de outrem (Nucci, 2014), e quando se fere este direito, como no estupro conjugal, crime cometido na constância do casamento ou da união estável, que refere-se a “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”, está previsto no artigo 213 do Código Penal, alterado pela Lei n. 12.015 (2009), e por haver a majorante pelo fato de ser cometido pelo cônjuge ou companheiro, conforme o artigo 226 da legislação penal supracitada, resulta no aumento de pena.

No primeiro bloco de postagens, os comentários do público referiram-se a parabenizar os extensionistas pelos conteúdos compartilhados e pela importância em se discutir a temática: “Tema mais que necessário. Parabéns pela iniciativa.” (Sic) e “Tema muito pertinente! Parabéns! Excelente abordagem!” (Sic). Discutir a violência contra as mulheres, vai além da lógica punitivista prevalente, é preciso, entre outros fatores, a conscientização como prevê a Lei Maria da Penha – Lei n. 11.340 (2006). Para o enfrentamento à violência é necessário romper com o modelo de dominação masculina e vitimização feminina, reconhecendo a autonomia da mulher (Santos, & Izumino, 2005), dirimindo o direito do homem de subjugar a mulher, situação culturalmente aceita quando se prevalece a lógica patriarcal (Silva, & Oliveira, 2015).

O segundo bloco de postagens teve o menor quantitativo de *likes* (96) em 6 *posts*, se comparado ao terceiro bloco com 5 *posts* e 94 *likes*. O segundo bloco de postagens contabilizou a publicação de conteúdos sobre a relação da COVID-19 e a violência contra as mulheres, como e onde denunciar, bem como buscar por proteção e apoio. Para tanto, compartilhou-se imagens e conteúdos curtos, cartilha informativa e *podcasts* produzidos pelos extensionistas do projeto de extensão. Além dos canais de denúncia e acolhimento as mulheres vítimas de violências, a cartilha esclarece sobre os tipos de violência que às mulheres enfrentam na sociedade contemporânea (Andrade *et al.*, 2020). A cartilha foi hospedada na plataforma que possibilitou contabilizar os acessos (486 visualizações). Ela foi divulgada em outras redes de interação e comunicação como *WhatsApp*, *Facebook*, *e-mail* e *Twitter*, isso pode justificar o quantitativo de visualizações.

Na rede de interação e comunicação do projeto de extensão DIT – *Instagram*, ambiente da investigação proposta, a cartilha recebeu 23 *likes*, quantitativo deveras baixo, levando em consideração o número de seguidores do projeto de extensão. Por ter sido disponibilizada em *link*, os usuários tinham de clicar para acessá-la, e, no que tange, a uma plataforma de acesso rápido a conteúdos digitais, isso pode ser um limitador. A cartilha recebeu comentários que ressaltavam a estética, a redação concisa que tende a empregar mais clareza a temática abordada, bem como sua relevância, à exemplo: “Que trabalho lindo! Não só lindo, mas simples de ser entendido. Com certeza irá ajudar muitas mulheres. Este trabalho que vocês fazem é de grande valor. Meus parabéns!” (Sic).

A pandemia da COVID-19 evidenciou o quão frágeis para as mulheres são muitos dos ambientes domésticos e familiares, no sentido de representar risco a segurança, a saúde (física e psicológica) e a vida. Ainda que exista dificuldades de as mulheres realizarem a denúncia ou chegarem até o serviço da rede de enfrentamento das diversas violências, é necessário apoiar e protegê-las, ou seja, é essencial que a informação chegue até elas, para assim saberem que não estão sozinhas, e a cartilha teve essa finalidade.

Ao analisar as imagens dos *posts*, cabe ponderar que elas foram pensadas para atrair o público na rede social de interação e comunicação do projeto de extensão, bem como transmitir conceitos e a conscientização da prevenção da violência contra as mulheres, mais rápido que o texto que a acompanhava. De modo geral, as pessoas passam rapidamente pela *timeline* de qualquer rede social (O’Neil, 2016). A vista disso, a imagem pode ser considerada um primeiro estímulo para chamar a atenção do público no que tange ao conteúdo compartilhado. Observou-se que os conteúdos vinculados as imagens, cujas interpretações podem ser mais amplas, tenderam a ter menos *likes* pelos usuários, conforme evidencia as publicações 4 (14 *likes*) e 5 (16 *likes*) e as publicações 11 e 12 com 12 *likes* para cada.

Vale salientar que as publicações 11 e 12 estavam relacionadas aos *podcasts*, ou seja, além da imagem e do conteúdo descritivo, os usuários precisavam acessar o *link* para ouvirem aos *podcasts*. Foram 28 audições contabilizadas pela plataforma

Anchor, sendo 19 audições no *podcast* referente a relação entre a violência doméstica (violência contra a mulher) e a pandemia da COVID-19 e 9 audições no *podcast* relacionado as orientações sobre a importância das redes de apoio e acolhimento na luta contra a violência. No comentário selecionado por conveniência para os dois *podcasts*, percebe-se que ele abrange mais ao primeiro *podcast*, que retrata, entre outros elementos, as formas de violência: “Que fantásticos! Os conteúdos estão claros! Conhecer as diversas formas de violências protege as vítimas.” (Sic).

Os *likes* dos dois *podcasts* no *Instagram* somam 28 e, ao fazer uma análise sob o ponto de vista da imagem elaborada para os *podcasts*, observou-se que a imagem não fazia menção ou se referia que o conteúdo seria ouvido. Do ponto de vista da rede social de interação e comunicação, notou-se a falta de ferramentas intuitivas, por parte do *Instagram*, para a divulgação de *links* de acesso referente a conteúdo externo da plataforma. Muitas pessoas apenas visualizam o *feed* sem conferir o conteúdo presente na descrição, avalia-se que os *links* dos *podcasts* poderiam estar nas imagens para serem clicados. Do ponto de vista dos conteúdos abordados, o segundo *podcast*, enfatiza as localidades e entidades capacitadas para proteção e apoio das mulheres vítimas de violências, aspecto que pode ser caracterizado como não atrativo ao público, dada a dificuldade de as vítimas de violência reconhecerem sua situação e buscarem proteção e apoio. Esses três fatores podem ter influenciado na baixa quantidade de *likes* e de audições dos *podcasts*.

Ressalta-se no segundo bloco de postagens o seguinte comentário nos *posts* com imagem e conteúdo: “É um pouco exagerado dizer que as mulheres estão em situação de maior vulnerabilidade para violência com a pandemia. Todo mundo tá vulnerável.” (Sic). Este comentário leva a reflexão de que a luta por direitos igualitários entre os gêneros parte das mulheres, mas se os homens não encamparem essa luta, continuar-se-á aumentar os índices de violências em decorrência do gênero. De modo geral, as pessoas “[...] percebem que a vítima precisa de ajuda, mas poucos veem esta necessidade no agressor. As duas partes precisam de auxílio para promover uma verdadeira transformação da relação violenta.” (Saffioti, 2004, p. 68).

No terceiro bloco de postagens, os 5 *posts* contabilizaram 94 *likes*, houve uma regressão de *likes* em relação as primeiras postagens (148 *likes*). Isso pode estar relacionado as temáticas das postagens, que versam sobre o ciclo da violência e dos direitos das mulheres transgêneras. Conteúdos significantes para o entendimento estrutural e costumeiro das violências e de uma ressignificação da proteção ao feminino. Destaca-se com estes *posts*, a importância da valorização das singularidades e das diferenças, que compõem cada sujeito. Essa discussão torna-se necessária, a fim de incentivar as pessoas a tecerem entendimentos e percepções sobre as interseccionalidades que atravessam as mulheres, e quando não compreendidas, geram preconceitos, estigmatizações e generalizações para o “ser mulher”. Sob este olhar, pondera-se que nenhuma mulher pode ser afastada das lutas e das conquistas de seus direitos, sendo assim, a Lei Maria da Penha (2006) busca amparar as mulheres diversas.

Diante do exposto, enfatiza-se que os *likes* não representam o número total de pessoas impactadas pelos conteúdos trabalhados. Considera-se que as intervenções dos extensionistas potencializaram, na rede social de interação e comunicação – *Instagram*, discussões acerca da temática violência doméstica, na especificidade da violência contra as mulheres, e movimentaram os seguidores, mas não se conseguiu, por completo, furar a bolha na qual estão inseridos, fazendo-se necessário a continuação deste trabalho para a conscientização de mais pessoas. A luta pela igualdade de gênero se prova necessária, como demonstram os dados coletados a partir das intervenções dos extensionistas no projeto de extensão DIT, das informações internacionais, nacionais e locais que apontam índices crescentes de violências contra as mulheres.

Com a pandemia da COVID-19, a violência contra as mulheres no âmbito doméstico não diminuiu, e está mais privada e secreta, pois as mulheres que vivem com um agressor, muitas vezes, são colocadas em situação de isolamento social, fato que dificulta a sua libertação interior e física (Curia *et al.*, 2020). As medidas sanitárias de restrição social posta por governantes como forma de proteger as pessoas do adoecimento pela COVID-19, contraditoriamente, não traz segurança às mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos, considera-se que o isolamento social pode aumentar as situações de coerção e poder dos agressores sobre as vítimas.

Desse modo, não há como negar, que as mulheres podem encontrar dificuldades em obter apoio e proteção para sair da relação violenta. Então, o uso das tecnologias digitais é uma importante ferramenta, pois a informação e o apoio podem chegar por meio delas; e, as ações do projeto de extensão DIT se fizeram valer de veículos de informação e comunicação para alcançar as pessoas no intento de conscientizá-las. Entretanto, reconhece-se que boa parte da população brasileira ainda tem acesso limitado à aparelho telefônico e à *internet*, além de desconhecer sua usabilidade.

CONCLUSÃO

As intervenções dos extensionistas do projeto DIT ocorreram via TDICs, no ano de 2020, devido as implicações da pandemia da COVID-19, que culminaram, entre outros aspectos, em medidas sanitárias de restrição social. Observa-se que o público atingido foi diverso, uma vez que quando os conteúdos foram disponibilizados na *internet*, não se tem o controle de quem os acessa. Por isso, os conteúdos produzidos intentaram abranger uma linguagem acessível para todos, já que se acredita, neste projeto de extensão, que, por meio de diálogos esclarecedores, as pessoas podem expandir os horizontes e tecer entendimentos acerca da temática abordada.

Ao consolidar as intervenções do projeto de extensão DIT, os extensionistas passaram a atuar como protagonistas do próprio ensino para além da esfera acadêmica, atingindo demandas populares e significativas que permeiam a sociedade, promovendo mudanças e divulgando o conhecimento científico produzido na Uni-

versidade. Salienta-se que ao analisar as intervenções desenvolvidas, neste estudo, o trabalho realizado é revisto, podendo identificar os limitadores da prática extensionista realizada, no intento de superá-los em ações futuras e ampliar ainda mais o debate sobre a violência contra as mulheres. Com a sistematização deste estudo, novas reflexões e aprendizagens aconteceram ao longo da escrita analítica de todo o processo de ensino-aprendizagem constituído.

No que tange aos limitadores das intervenções feitas pelos extensionistas via TDICs, ressalta-se que a violência doméstica, na especificidade da violência contra as mulheres, é uma temática que causa desconforto nas pessoas, por colocar os holofotes no sistema patriarcal que vigora na sociedade contemporânea, bem como nos sujeitos privilegiados e nos mecanismos de controle para manutenção deste sistema, entre eles, o discurso de que não se pode trabalhar a temática violência de gênero no âmbito da educação. Logo, é fundamental que o debate no âmbito virtual seja contínuo e busque envolver o maior número de pessoas, e que os conteúdos divulgados sejam aprimorados para se tornarem mais atrativos ao público de diferentes gerações.

Reitera-se a necessidade de políticas públicas e investimentos numa educação que liberta de padrões estruturantes e estruturais violadores da integridade das pessoas. Isso se justifica pois, mesmo diante de condições de desprivilégios na sociedade patriarcal, as mulheres são resilientes e necessitam ser incentivadas a sair da condição de subjugação, levando em conta as suas especificidades como as condições social e econômica. Nesse sentido, é importante para a contenção da violência doméstica o amplo amparo legal e uma educação que estabeleça o condão de alterar, significativamente, o imaginário social acerca das relações de gênero instrumentalizadas historicamente no país. À vista disso, torna-se cada vez mais essencial o papel das políticas públicas, das redes de apoio, da extensão universitária e de uma educação verdadeiramente emancipadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, A. Â. de, Becker, A., Figueredo, B. C., Matos, B. R. T., Labiak, F. P., Hiansdts, G. S., Scheneider, J. L., Leite, M., Novais, M. M. de, Silva, N. R. D. da, & Rodrigues, N. de S. (2020). *Violência doméstica e COVID-19: cartilha informativa para um isolamento seguro*. Dados eletrônicos. São José, SC: UNIVALI. Recuperado em novembro de 2020, em bit.ly/30ZpVOMcartilhaviolenciacontramulher-covid-19.

Arruzza, C. (2015). Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. *Revista Outubro*, n. 23, pp. 33-58.

Atlas Da Violência. (2019). *Atlas Da Violência*. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Recuperado em outubro de 2020, em http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf.

Barbosa, J. P. M., Lima, R. D. C. D., Brito, M., G., Lanna, S. D., & Andrade, M. A. C. (2020). *Interseccionalidade e outros olhares sobre a violência contra mulheres em tempos de pandemia pela covid-19*. Doi: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.328>

Beauvoir, S. de. (2009). *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Borges, R., & Maia, K. (2017). *A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras: relatório*. São Paulo: OXFAM. Recuperado em setembro de 2020 em https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivo/Relatorio_A_distancia_que_nos_une.pdf.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília. Recuperado em dezembro de 2020, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Costa, T. (2020). Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil em 2019?. *Blog Rock Content*. Recuperado em setembro de 2020, em <https://rockcontent.com/br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>

Curia, B. G., Gonçalves, V. D., Zamora, J. C., Ruoso, A., Ligório, I. S., & Habigzang, L. (2020). Produções Científicas Brasileiras em Psicologia sobre Violência contra Mulher por Parceiro Íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003189184>

Decreto Lei n. 2848 de 7 de dezembro de 1940. (1940). *Decreto Lei n. 2848 de 7 de dezembro de 1940: Código Penal*. Brasília. Recuperado em 30 de dezembro, 2020, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm

Dell'Agio, D. D., & Machado, P. S. (2019). Trajetórias e experiências: a construção do sujeito político feminista desde uma perspectiva interseccional. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e 48556.

Ferraz, D. de M., Tomazi, M. M., & Sessa, A. (2010). As mortes de Matheusa em uma notícia do Estadão: estudos interseccionais sobre preconceito, discriminação e violência física em relação à diversidade de gêneros. *Rev. bras. linguist. apl.*, Belo Horizonte, v. 19, n. 4, p. 927-958.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *13º Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. Recuperado em setembro de 2020, em <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). *Nota Técnica sobre Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19*. Recuperado em setembro de 2020, em https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-domestica-durante-pandemia-de-covid-19-edicao-03/

Ibope Inteligência. (2017). *7 entre cada 10 brasileiros já fizeram comentários preconceituosos*. Recuperado em dezembro de 2020, em <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/7-entre-cada-10-brasileiros-ja-fizeram-comentarios-preconceituosos/>

Instituto de Pesquisa Datafolha & Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. Recuperado em setembro de 2020, em https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-edicao/

Instituto Maria da Penha. (2020). *Mitos da violência doméstica*. Recuperado em novembro de 2020, em <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/o-que-e-violencia-domestica.html>

Labiak, F. P.; Miguel, A. De M.; Nunes, A. C. (2021). Educação Emancipatória no Curso de Direito: desafios e potencialidades. In: MAROCCO, A. De A. L.; PREVE, D. R.; PITSICA, H. N. P.; PILAU, N. C. (Org.). *A Educação Jurídica no Brasil: perspectivas e debates*. 1ed. Santa Cruz do Sul: Essere nel Mondo, v. 1, p. 31-50. Recuperado em março de 2021, em <https://www.esserenelmondo.com/pt/direito-a-educacao-juridica-no-brasil-ebook204.php>

Labiak, F. P., Novais, M. M. de, & Silva, G. de N. (2020). Papo reto sobre violência contra a mulher: relato de experiência de uma prática de extensão universitária. *Revista de Extensão*, v. 17, p. 145-158. Doi: <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2020v17n36p145>

Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. (2006). *Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006*: Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília. 2006. Recuperado em dezembro de 2020, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.html

Lei n. 12.015, de 7 de agosto de 2009. (2009). *Lei n. 12.015, de 7 de agosto de 2009*: Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que

dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei no 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Brasília. Recuperado novembro de 2020, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm

Mello, A. R. de, & Paiva, L. de M. L. (2019). *Lei Maria da Penha na prática*. São Paulo: Thomson Reuters Brasil.

Nucci, G. de S. (2014). *Crimes contra a dignidade sexual*. 5. ed. São Paulo: Forense.

O'Neil, C. (2016). *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. New York: Crown Publishers.

Organização Mundial Da Saúde [OMS]. (2012). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência*. Brasília: OMS/OPAS.

Ramos, A. L. S. (2019). *Violência psicológica contra a mulher: o dano psíquico como crime de lesão corporal*. Florianópolis: Emais.

SAFFIOTI, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Santos, C. M., & Izumino, W. P. (2005). Violência contra as mulheres e violência de gênero: Notas sobre estudos feministas no Brasil. *Estudios Interdisciplinares de America Latina y El Caribe*, 16(1), 147-164. Recuperado outubro de 2020, de <http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/viewFile/482/446>

Senado Federal. (2016). *Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais*. Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência. Recuperado em 30 de dezembro, 2020, em <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/menu/pesquisas/panorama>

Silva, L. E. L., & Oliveira, M. L. C. (2015). Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20 (11), 3523-3532. Doi: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.11302014>

World Health Organization. (2005). *WHO outbreak communication, WHO handbook for journalists: Influenza pandemic*. Recuperado em dezembro de 2020, em https://www.who.int/csr/don/Handbook_influenza_pandemic_dec05.pdf

World Health Organization. (2020). *Coronavirus disease (COVID-19) situation dashboard*. Recuperado em novembro de 2020, em <https://www.who.int/>

RELATO DE ESTUDO DE PÚBLICOS NO SETOR COMERCIAL SUL E AS PERCEPÇÕES SOBRE A CAL/UnB

A Report on the Study of Publics in the South
Commercial Sector and the perceptions
about CAL/UnB

Cristina Antonioevna Dunaeva
cristinadunaeva@unb.br
Departamento de Artes Visuais/ UnB

Flávia da Costa Ferreira Mendonça
flaviacfmendonca@gmail.com
Departamento de Sociologia/UnB

Mariana de Sousa Santos
(santosmariana.mmoria@gmail.com)
Departamento de Sociologia/UnB

Rafaella Lassance Lima Costa
rafaella_lassance@hotmail.com
Departamento de Artes Visuais/ UnB

Décio Luiz Monteiro Barros
dercioluizbarros@gmail.com
Departamento de Filosofia /UnB

RESUMO

Este é um relato acerca da aplicação e da análise de questionários para estudo de público no Setor Comercial Sul (SCS), localizado em Brasília, no Distrito Federal. A pesquisa aborda a percepção do público sobre arte, cultura, sobre a Casa da Cultura da América Latina (CAL) da Universidade de Brasília e sobre o Setor Comercial sul com o objetivo de embasar as atividades realizadas na instituição CAL pelo seu programa educativo. O estudo seguiu a metodologia de aplicação de perguntas abertas e fechadas a transeuntes do SCS, equipe de trabalho da CAL, seus visitantes e ao público na *Internet*. Como resultado, aponta uma variação de respostas nas categorias de perfil socioeconômico, sobre a arte e cultura, sobre a CAL e o SCS, e as possi-

bilidades de atuação do educativo na instituição sob a forma de projeto de extensão da Universidade de Brasília.

PALAVRAS-CHAVE: Casa da Cultura da América Latina, Programa Público de Mediação Extrainstitucional, Educativo da CAL, Estudo de Público, Setor Comercial Sul.

ABSTRACT

This is a report on the application and analysis of questionnaires in order to study the populations of the South Commercial Sector (SCS), at Brasília, in Distrito Federal, regarding the public opinions and perceptions about art and culture, about Casa da Cultura da América Latina (CAL) and the South Commercial Sector (SCS), with the objective of supporting the activities conducted in the institution CAL by its educational program. The study used the methodology of open and closed question survey applied on passersby in the SCS, on employees from CAL, and on its physical and Internet visitors. The results points towards a variation on answers in relation to the socioeconomical profile, about art and culture, about CAL and the SCS, and the possibilities of educational performance in this institution by means of an extension Project from the University of Brasília (UnB).

KEYWORDS: Casa da Cultura da América Latina. Public Program of Institutional Extra Mediation. CAL Educational Program, Study of Public, South Commercial Sector.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência trata da pesquisa realizada como ação de extensão do projeto chamado Programa Público de Mediação Extrainstitucional da Universidade de Brasília (PRUMEX/ DEX/ DDC/ Casas de Cultura) com o objetivo de verificar se os frequentadores do Setor Comercial Sul (SCS), localizado em Brasília – Distrito Federal, conhecem a Casa de Cultura da América Latina (CAL) e quais são suas percepções sobre a instituição.

Para tanto, a ação buscou compreender e traçar: o perfil socioeconômico das pessoas que transitam pelo SCS, suas percepções sobre arte, cultura e o próprio espaço da cidade por meio da aplicação de questionários que serviram de base de dados para o PRUMEX desenvolver atividades de mediação nos espaços da CAL e do SCS, tendo em vista que é a primeira vez que a CAL conta com um programa educativo e, portanto, o projeto encontrava-se na sua primeira edição quando foi elaborada a investigação (até então, sem base de dados consolidada).

Assim, percebemos o resultado obtido por meio do estudo de públicos como forma de conhecimento dos locais onde o projeto de extensão atua, das pessoas que transitam e/ou têm o potencial de transitar em tais locais, além da compreensão do projeto em si e o delineamento de suas atividades.

DESCRIÇÃO DO RELATO DE EXPERIÊNCIA

O projeto de extensão Programa Público de Mediação Extrainstitucional (PRUMEX), atua na Casa da Cultura da América Latina (CAL) da Universidade de Brasília (UnB), localizada em Brasília – Distrito Federal (DF), no Setor Comercial Sul (SCS). O PRUMEX é o setor educativo da CAL, conhecido como CALEDUCATIVA. É um projeto recente, visto que iniciou suas atividades em outubro de 2018, contando com quinze alunos bolsistas, e teve duração inicial de seis meses até março do ano seguinte. Após esse período, foi renovado com continuação das atividades em agosto de 2019 contando com oito bolsistas, dentre eles, estudantes que não fizeram parte da primeira edição do projeto.

O perfil dos participantes que já compuseram e/ou compõem o grupo é de estudantes da Universidade de Brasília (UnB) dos cursos de Artes Visuais, Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia), Filosofia, Relações Internacionais e Teoria, Crítica e História da Arte.

O questionário elaborado foi aplicado pelos integrantes do grupo por meio de entrevistas presenciais e divulgado via *internet*; recebeu cento e seis respostas, que foram analisadas, mostrando-nos diferentes cenários e percepções sobre as problemáticas pesquisadas. Foram traçados o perfil socioeconômico dos entrevistados e registradas as suas percepções sobre arte e cultura, a CAL e o SCS.

O exame das respostas serviu de subsídio aos participantes do PRUMEX sobre o solo onde estavam trabalhando e como lidar com ele. Nós, alunos e integrantes do projeto, ficamos com a tarefa de descobrir um pouco mais sobre a instituição, seus públicos e, principalmente, sobre os frequentadores do SCS que, em sua ampla maioria, desconhecem a existência da CAL. Como uma das tarefas do educativo é formar públicos, consideramos que os frequentadores do SCS, são públicos em potencial da CAL. Além do mais, pudemos nos inteirar sobre o SCS e as demandas que seus frequentadores anseiam.

Sendo assim, o projeto pode mensurar e planejar suas ações no contato entre o dentro e fora, ou seja, a instituição e o local onde ela e seus frequentadores se encontram. Dessa forma, nós podemos trabalhar como parte da instituição e ter contato com quem a desconhece, e procuramos desenvolver trabalhos a partir desse diálogo.

METODOLOGIA

A composição do questionário de pesquisa é de dezesseis perguntas abertas e dez fechadas, possibilitando-nos diferentes modos de análise de respostas. O total de um pouco mais de cem de respostas (cento e seis) resultou de três situações diferentes de aplicação. Foram elas:

1. Aplicações diretas nas ruas do SCS: totalizando 63 questionários (incluindo funcionários e participantes dos coletivos residentes da CAL);

2. Aplicação durante a abertura das exposições “Não dito” e “Morte do Plano Piloto”, em 13 de fevereiro de 2019: foram aplicados 23 questionários;

3. Aplicação via internet (nas redes sociais e grupos de WhatsApp): somando 20 questionários.

Como material, utilizamos o questionário impresso em papel. Nesse caso, os extensionistas e aplicadores leram as perguntas aos entrevistados anotando suas respostas na folha de papel. Além disso, contamos com a plataforma do *Google Forms* para aplicação dos questionários na *Internet*. Esta plataforma também foi utilizada como ferramenta para a transcrição das entrevistas realizadas nas situações 1 e 2 descritas acima. A escolha deste recurso se deu pela oportunidade de análise posterior dos dados oferecida pela mesma.

Cada entrevista durou, em média, cerca de cinco minutos, onde cada pessoa entrevistada tinha a liberdade de responder apenas às questões que desejava, de tal forma que obtivemos uma quantidade de respostas diferente para cada um dos questionários. Para as pessoas que entrevistamos, oferecemos a opção de assinar os Termos de Cessão de Direito de Uso de Imagem (caso concordassem em serem fotografadas) e de Uso de Informações Coletadas por Questionário (para divulgação das informações em materiais informativos).

As entrevistas realizadas nas ruas do SCS tiveram receptividade menor do que aquelas realizadas na própria CAL, devido aos diferentes contextos temporais e espaciais de aplicação (no caso do SCS, as pessoas estavam em trânsito, indo trabalhar).

Para o exame dos dados, os alunos se organizaram em subgrupos, onde cada equipe analisou e produziu textos e quadros sobre as categorias: perfil socioeconômico; arte e cultura; Casa da Cultura da América Latina e Setor Comercial Sul. Utilizamos os resultados oferecidos pelo *Google Forms* e, também, estabelecemos análises interpretativas das respostas para as questões abertas do questionário. Ao final, produzimos um relatório descritivo do estudo, o apresentamos aos dirigentes da instituição e coletivos residentes da CAL em uma reunião interna, e ouvimos e anotamos os seus *feedbacks* como contribuições ao projeto de extensão.

RESULTADOS

A partir das 106 respostas obtidas com a aplicação dos questionários é possível observar que há uma enorme diversidade de pessoas que frequentam o Setor Comercial Sul. A idade dos respondentes varia desde os menores de 18 anos até os maiores de 60, sendo mais numerosa a faixa de respostas de pessoas que possuem entre 18 e 25 anos.

É possível observar um equilíbrio entre o gênero daqueles que responderam aos questionários, sendo 63 mulheres e 39 homens, ainda que haja um número maior de respondentes mulheres. Já na questão sobre raça/cor, houve um equívoco metodológico das pesquisadoras quanto à formulação do material de pesquisa por não

utilizar de forma adequada a categoria mencionada. Necessitava-se substituir “negro(a)” por “preto(a)” e “pardo(a)”. Sendo assim, é possível observar nos resultados a predominância de pessoas que se auto identificam como brancas, porém é consenso entre membros da CALEDUCATIVA que os dados produzidos não refletem o que se pode observar empiricamente no Setor Comercial Sul, por se tratar de um local de ampla circulação de pessoas.

Desta forma, devido ao erro na formulação da pergunta, as opções disponíveis para as/os entrevistadas/os eram apenas: “Negra, Indígena, Parda, Branca ou Outra”. Como citado anteriormente, estas opções estão equivocadas por separarem o grupo “negro” de seu subgrupo “pardo”, em vez de separar o grupo “negro” nos subgrupos “preto” e “pardo”. Por isso, todos que responderam “Pardo” e todos os que responderam “Negro” foram contabilizados no gráfico como “Preto/Pardo”.

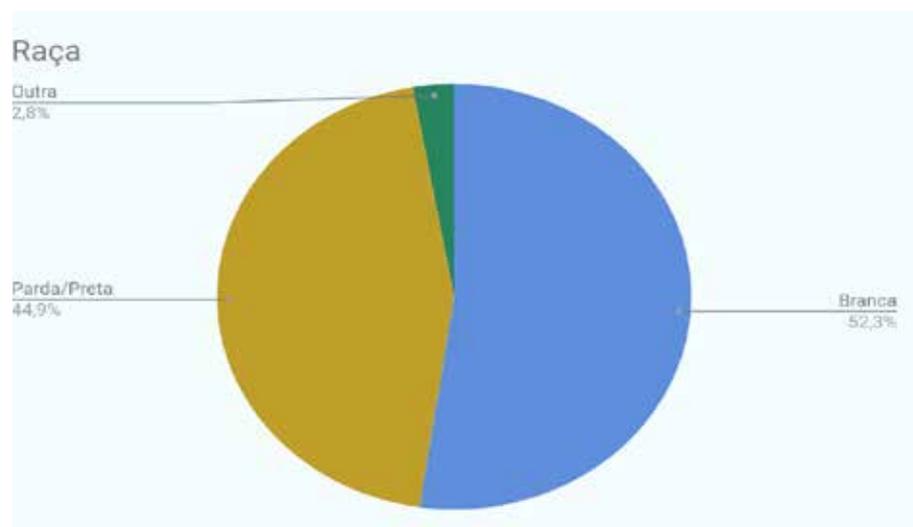


Gráfico 1 – Raça/Cor dos entrevistados (auto identificação)

É relevante comparar o resultado obtido nesta pesquisa com os dados mais

recentes do IBGE sobre a distribuição da população do DF por cor ou raça. Percebe-se que a proporção de brancos encontrada em nossa pesquisa (52,3%) é maior do que a encontrada pelo IBGE (42,2%) nesta UF. Este fato levou alguns de nós à conclusão de que o grupo “Parda/Preta” está sub-representado na pesquisa, que não reflete a realidade que se pode observar no SCS. Uma das explicações sugeridas como razão disto foi o fato de termos aplicado os questionários, dentre outros momentos, em um dia de abertura de exposição na CAL, e, portanto, o resultado ter sido enviesado pela predominância de pessoas brancas no campo artístico. Este comentário, entretanto, não foi consenso entre as pesquisadoras, e algumas observaram que o dia de abertura da exposição em questão não teve este caráter predominantemente branco, ou seja, não teria impactado a pesquisa desta maneira.



Gráfico 2 – População do DF por cor ou raça segundo dados do IBGE de 2010

Já nas perguntas sobre a origem das pessoas entrevistadas, observa-se que depois da região Centro-Oeste, as regiões Nordeste e Sudeste obtiveram maior incidência de respostas e que há, portanto, diversidade de procedência.

Além disto, há uma grande variedade de pessoas que frequentam o Setor ComercialSul que não moram no centro de Brasília. Formulamos a pergunta da seguinte forma: “Mora em qual cidade do DF?”. Aqui também percebemos um equívoco metodológico, pois, apesar de não citada na pergunta, ficou implícita para as/os entrevistadas/os a informação de que também se referia às cidades do Entorno do DF, e várias destas foram citadas nas respostas à questão. Além do mais, pode haver uma redundância nas respostas, já que diferentes pessoas se referem a uma mesma região administrativa por

diferentes nomes (Plano Piloto ou Asa Norte/Sul referindo-se ao mesmo local, p.ex.).

Em relação às profissões, não foi possível obter um gráfico por conta da quantidade de respostas diferentes e que aparecem, geralmente, apenas uma vez, demonstrando a diversidade de formas de obtenção de renda das pessoas que transitam pelo Setor Comercial Sul, o que, possivelmente, pode ser explicada pela diversidade de postos de trabalho encontrados naquele espaço e que se exprime na variedade de lojas e prédios comerciais presentes no local da pesquisa.

Já em relação à classe social, a grande maioria dos respondentes classificam-se como pertencentes à classe média e, em segundo lugar, oriundos da classe baixa, demonstrando que o Setor Comercial Sul é um local de ampla circulação de pessoas de diferentes situações econômicas.

Dando prosseguimento ao questionário, perguntamos aos respondentes: “O que é arte para você ou o que você considera como arte?”. Por ser uma pergunta aberta, houve uma grande diversidade de concepções sobre arte. No entanto, pode-se evidenciar que grande parcela das respostas utilizou os termos “expressão” e “manifestação” para tratar do assunto, sendo a palavra “expressão” uma das mais recorrentes. O termo foi verificado em 26 respostas, enquanto “manifestação” em oito delas. No total, somam-se 101 respostas a esta pergunta.

Abaixo, há a descrição de algumas ideias-chave que apareceram com maior recorrência. No âmbito das respostas, elas não são necessariamente excludentes e por vezes se interceptam:

1) Arte como qualquer coisa bela/bonita aos olhos que transmite uma mensagem.

Quatro respondentes entendem a arte como relacionada ao belo/bonito, onde em apenas um dos casos a arte se bastaria somente em ser bela, enquanto nos outros ela é entendida como algo que além de bonito mexe de alguma forma conosco (faz refletir).

2) Arte como um tipo de manifestação/expressão. Contando com um total de 34 aparições nas respostas, as palavras “manifestação” e “expressão” foram usadas em definições muito similares, onde em pelo menos 27 respostas, as palavras manifestação/expressão estão associadas a sentimentos e à cultura das pessoas, e também às provocações e percepções que geram reflexão e conexão com o subjetivo. Outras 16 respostas apresentam a ideia de que a arte é qualquer tipo de expressão, manifestação ou produção do ser humano. 18 respostas ligam diretamente a produção de arte a formas de expressão de algum sentimento.

3) “**Tudo é arte**”. A definição de que “tudo é arte” apareceu em oito respostas diferentes.

E, em 24 casos, as pessoas vincularam arte a algum tipo de expressão artística, citando teatro, dança, música, pintura e grafite.

4) **Não souberam responder**: 4 respostas obtidas.

A pergunta 10 do questionário, se a/o entrevistada/o teria algum tipo de arte que mais gosta, recebeu 103 respostas no total, onde 42 pessoas mencionaram apenas um tipo de expressão artística, enquanto o restante optou por mais de um tipo na descrição de sua resposta.

Em seguida, fizemos a seguinte pergunta aos respondentes: “O que é cultura para você ou o que você considera como parte da cultura?”. Apesar de variações nas 97 respostas a esta pergunta, o foco delas está majoritariamente na ligação de cultura com algo tradicional, habitual e de personalidade de povos, que perpassa desde comidas e crença à língua, música, vestimenta e etc. A cultura também foi associada a manifestações artísticas de povos e como uma forma de ligação e relação entre as pessoas.

A pergunta 12, sobre se as/os entrevistadas/os já haviam visitado algum museu ou centro cultural, resultou na realização do gráfico abaixo, que ilustra o percentual das 106 respostas obtidas entre aqueles que já visitaram ou não algum museu ou centro cultural.

Pergunta 12: Já visitou algum museu ou centro cultural?

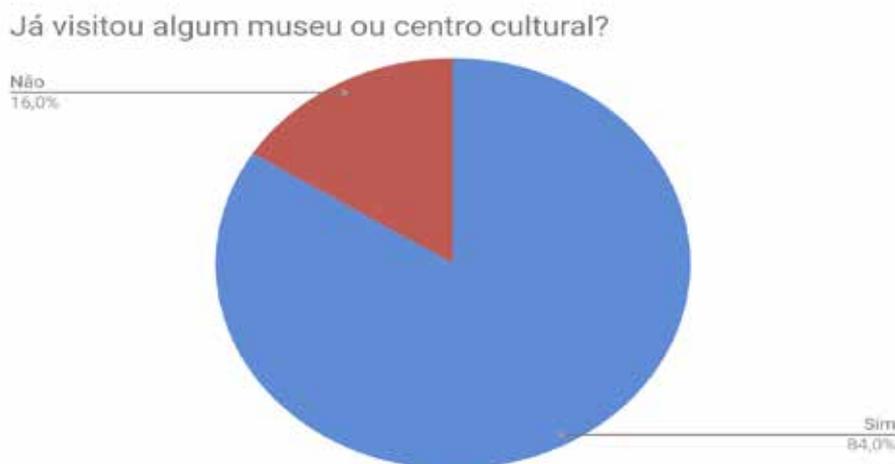


Gráfico 3 – Porcentagem de entrevistados que já visitou museu ou centro cultural

Ao perguntar para as pessoas se elas conhecem a CAL, 58,1% dizem conhecer, enquanto 41,3% não conhecem. Ao todo, foram 104 respostas registradas a essa pergunta. Em seguida, mostramos que somente 37% das pessoas entrevistadas já visitaram a CAL. O conhecimento da instituição por 58,1% dos respondentes deve-se, possivelmente, às situações nas quais os questionários foram aplicados (entrevistas com frequentadoras/es da CAL, funcionários e durante a abertura da exposição). Podemos deduzir que saber da existência da CAL não significa ter visitado ou frequentar o espaço. Ainda que para esta questão a resposta permitida pelo questionário seja “sim” ou “não”, algumas/ns entrevistadas/os descreveram motivos do desconhecimento ou explicações para tanto:

5) **Caracterização do espaço:** algumas/ns entrevistadas/os relataram que o espaço não é convidativo, e outras/os que sabem da existência da CAL, mas não a visitaram, acreditam que o espaço é destinado apenas a estudantes da UnB.

6) **Desconhecimento do prédio:** uma das questões apontadas para o desconhecimento da CAL é a falta de informação/divulgação sobre o espaço. Algumas pessoas entrevistadas não sabiam da existência da instituição e de suas galerias, entretanto, mostraram-se felizes com a descoberta.

Passando às perguntas sobre o Setor Comercial Sul, local em que se encontra a CAL, pudemos observar que as respostas para as questões sobre frequência e motivo da visita ao SCS têm correlação direta, o que nos leva a supor que por lá transitam pessoas dos mais diversos perfis, algumas frequentadoras assíduas, outras chegando lá pela primeira vez; algumas a trabalho, outras por lazer. Duas pessoas disseram frequentar o Setor Comercial Sul por conta do curso de línguas da UnB, localizado no prédio da Casa de Cultura da América Latina (CAL), o UnB Idiomas. Outros motivos listados por entrevistadas/os foram: idas ao hospital localizado nos arredores do SCS, compras e passeio no SCS, clientes de bancos com agências localizadas no SCS, visita ao SCS em razão de convite da/o artista com exposição lotada no prédio da CAL e, por fim, uma pessoa que disse frequentar o SCS para evangelizar.

Pergunta 16 - Já visitou a CAL?



Gráfico 4: Porcentagem dos entrevistados que já visitou a CAL

Pergunta 21 - Por qual motivo você frequenta o Setor Comercial Sul?

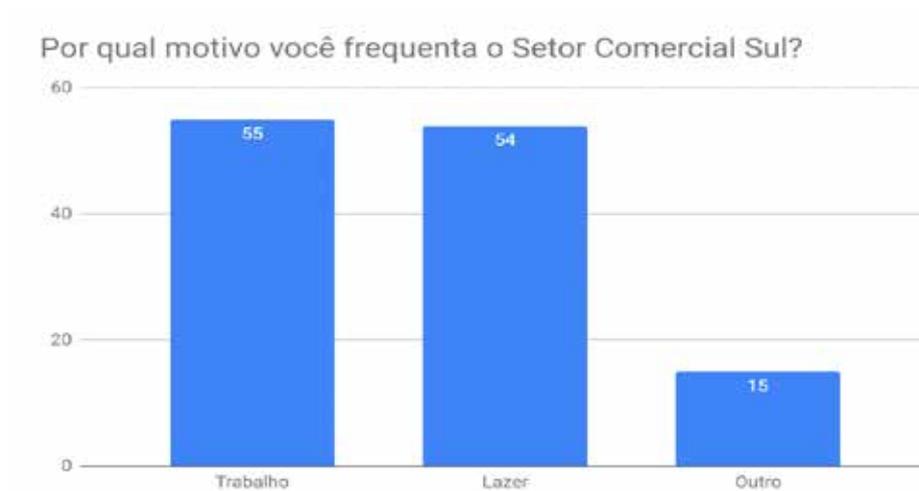


Gráfico 5 - Motivos pelos quais os entrevistados visitam o SCS

Sobre a quantidade de tempo que as/os entrevistadas/os dizem passar no SCS, de um total de 92 respostas quantificáveis, mais da metade disse frequentá-lo de 1 a 5 anos; 13 há menos de 1 ano; e 29 há mais de 5 anos. Chama a atenção que algumas/ns entrevistadas/os responderam genericamente que faz muito tempo (“desde criança”).

Em seguida, perguntamos às/aos respondentes sobre o que mais gostavam no SCS. Há uma variedade de pontos que aparecem em relação aos motivos para gostar do Setor Comercial Sul. De um modo geral, é possível separar em categorias-base, como:

- Eventos/Festas/Bares;
- Movimentação, clima de centro-urbano, cidade mais viva;
- O espaço, a arquitetura, os prédios;
- Diversidade (de pessoas e coisas);
- Restaurantes;
- Arte, fotografia, pintura, grafites, arte de rua;
- Logística do espaço, proximidade, shopping, estabelecimentos.

Nesse ponto, o que chama a atenção é que as motivações estão diretamente relacionadas às percepções individuais de espaço, que conseguimos identificar em cinco grandes categorias: i) movimentação noturna do espaço, relacionada diretamente aos eventos, festas e bares; ii) a identidade do Setor Comercial Sul como um centro urbano, com bastante movimentação e característica de “cidade mais viva” e marcada pela diversidade; iii) em relação ao espaço em si: a arquitetura, as ruas, os prédios; iv) a praticidade do ambiente: os estabelecimentos, shoppings, restaurantes, ambiente de trabalho; v) e as questões mais voltadas às percepções artísticas, ou seja, para apreciação das pichações, grafites, arte de rua, artesanato e etc.

Por fim, sobre os pontos que podem ser melhorados no SCS, obtivemos 88 respostas a esta pergunta, abrangendo 11 temas. Em ordem alfabética, temos:

- Acessibilidade;
- Condições de trabalho dos ambulantes;
- Estacionamentos;
- Infraestrutura;
- Maior circulação de pessoas;
- Eventos culturais;
- Mais opções de lazer;

- Mais pichações e grafites;
- População de rua;
- Segurança;
- Trânsito.

Chama atenção a forma como alguns destes temas foram levantados. A questão da infraestrutura do SCS foi citada várias vezes de maneira genérica; porém, algumas entrevistadas citaram especificamente as seguintes questões: limpeza, ocupação do espaço (de maneira geral, organização espacial do SCS), praças (quantidade e manutenção das que já existem), iluminação e banheiros públicos. A questão da iluminação apareceu sempre vinculada ao tema da segurança, que foi de longe o mais citado. Entretanto, pela forma como algumas respostas que citam a população em situação de rua do SCS se referem a ela, parece forte a vinculação feita entre estes dois temas: segurança e população em situação de rua. Algumas das entrevistadas se referiram às pessoas em situação de rua no SCS como um problema em si; enquanto outras se referiram a estas como pessoas que deveriam receber algum tipo de atenção do governo por meio de políticas públicas ou ações sociais de amparo; e algumas poucas entrevistadas chegaram mesmo a se preocupar com a capacidade de integração das pessoas em situação de rua nos eventos culturais do SCS, para que elas não sejam excluídas e marginalizadas. Quanto às respostas que citam os eventos culturais, a maior parte delas demonstra o desejo de que hajam mais eventos desse tipo, mas chama a atenção em uma das respostas à reclamação do alto preço dos ingressos e das bebidas nestes espaços.

CONCLUSÃO

Os dados coletados se mostram pertinentes ao desenvolvimento das ações propostas pela CALEDUCATIVA e nos trazem importantes reflexões sobre a elaboração de nossas futuras atividades de mediação e pesquisa na Casa da Cultura da América Latina e no Setor Comercial Sul.

Com estes dados, podem ser sugeridas, pensadas e realizadas várias ações, tanto para o educativo, quanto para a própria CAL, buscando atrair, ampliar e cativar os públicos potenciais da instituição, bem como melhorar o acesso à CAL (identificação da instituição externa e internamente com sinalização que indique a existência de atividades expositivas e outras programações no edifício; tornar o espaço mais receptivo e confortável; garantir acessibilidade física e informacional; dentre outros).

Após a finalização do relatório, o mesmo foi apresentado a parte da equipe de servidores da instituição e integrantes dos coletivos residentes na Casa como comunicação dos resultados, com o objetivo de diálogo e construção conjunta de medidas que busquem aprimorar as atividades desenvolvidas pelos projetos e pela instituição.

Entendemos o estudo realizado como medida necessária para a primeira edição do projeto de extensão na compreensão da CAL, do SCS e do PRUMEX, pela sua recente história extrainstitucional. Atuantes no projeto, pudemos ultrapassar algumas de nossas percepções iniciais acerca dos espaços pesquisados e, de fato, averiguar o que foi apontado pelos dados. Assim, utilizamos os nossos conhecimentos aprendidos na UnB como exercício de ação e extrapolamos os muros da universidade. Como medida prática, o projeto optou por realizar visitas mediadas pelo educativo às exposições com residência na CAL por meio de agendamento prévio, e procura ainda outras formas de estabelecer o contato com possíveis públicos da Casa, que poderá ser efetivado em edições futuras do projeto de extensão.

A aplicação dos questionários e posterior elaboração do relatório nos permitiu notar a necessidade de aperfeiçoamento do aspecto metodológico em nossas futuras pesquisas. Também por meio da apresentação do relatório à equipe da CAL, foi-nos sugerido analisar os dados coletados separando cada um dos cenários de aplicação dos questionários, para assim obter melhor visualização dos resultados obtidos. Desta forma, estas observações se colocam como sugestões para estudos futuros como forma de aprimorar as pesquisas sobre espaços da cidade pouco estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. IBGE – Censo Demográfico. (Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística). Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

DIA ART. Komar & Melamid: the most wanted paintings on the web. Disponível em: <<http://awp.diaart.org/km/index.html>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

FÓRUM PERMANENTE. Komar & Melamid e a Internacionalização do [Mau] Gosto. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/rede/numero/rev-numero2/guy-2>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

DA CAPITAL FEDERAL AO NORDESTE BRASILEIRO: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

From the Federal Capital to Brazil's Northeast: Heritage Education in pandemic times

Deisyenne Câmara Alves de Medeiros

deisyenne.camara@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)
campus São Gonçalo do Amarante

Carlos Eduardo Lins Onofre

carlosonofre@outlook.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Gabriela Barbosa Bruno

gabriela.bruno@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)
campus São Gonçalo do Amarante

Isabele Carvalho de Oliveira

belecvo@gmail.com.br

Universidade de Brasília

Jessica Sousa Duarte

jessica.soduarte@gmail.com

Universidade de Brasília

RESUMO

O presente artigo relata a ação conjunta de Educação Patrimonial entre as atividades de Extensão pertencentes a duas instituições de ensino com contextos distintos: o “Pé na Estrada”, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília e o Núcleo de Extensão de Prática em Projetos de Edificações (NUPPE), do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (RN), *campus* São Gonçalo do Amarante. As duas realidades aproximam-se de maneira colaborativa através do desenvolvimento de atividades *on-line* e materiais para famílias em isolamento social, na Semana PÉ+NUPPE. Como resultado, tor-

nou-se possível, portanto, uma viagem virtual em que o “Pé na Estrada” e o NUPPE exploram um pouco da produção arquitetônica potiguar, através dos “jogos sérios”, como meio de fortalecer a identidade cultural local e reforçar o papel social das duas instituições de ensino no momento de distanciamento social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Patrimonial, Arquitetura, Lúdico, Isolamento Social, Redes Sociais.

ABSTRACT

This paper describes a joint activity on Heritage Education involving Extension programs linked to teaching two institutions from different contexts: “Pé na Estrada”, from the School of Architecture and Urban Planning, University of Brasilia, and Núcleo de Extensão de Prática em Projetos de Edificações (NUPPE), from Rio Grande do Norte’s Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, São Gonçalo do Amarante campus. Both realities came together collaboratively, developing online activities and materials for families in social isolation, during PÉ+NUPPE Week. As a result, collaboration made possible, therefore, a virtual trip in which “Pé na Estrada” and NUPPE explore some of Rio Grande do Norte’s architectural production through “serious games”, to strengthen local cultural identity and reinforce both institutions’ social roles during social distancing.

KEYWORDS: Heritage Education, Architecture, Ludic, Social Isolation, Social Media.

INTRODUÇÃO

Brasília e Natal: territórios geograficamente distantes, que se apresentam em contextos culturais, sociais e arquitetônicos diferentes, mas que se aproximam nesta ação de Extensão entre o “Pé na Estrada”, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília e o “NUPPE”, Núcleo de Prática em Projetos de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte *campus* São Gonçalo do Amarante, através da produção de materiais de Educação Patrimonial em tempos de pandemia.

Em Brasília, na FAU-UnB, o projeto de extensão “Pé na Estrada” busca estimular novas vivências dos espaços estudados em sala de aula, proporcionando uma experiência prática e despertando o senso crítico de estudantes acerca da produção arquitetônica e das ações de preservação da memória das cidades brasileiras. No contexto do distanciamento social, onde viagens acadêmicas a cidades históricas tornaram-se inviabilizadas, o projeto foi adaptado a “viagens possíveis”, criando-se o “Pé em Casa”. Já no Nordeste brasileiro, na Região Metropolitana de Natal, especificamente no IFRN *campus* São Gonçalo do Amaran-

te e no âmbito do curso técnico em Edificações, o “NUPPE” se configura como um Núcleo de Extensão de Prática em Projetos de Edificações, e tem o objetivo de desenvolver projetos nas áreas de Arquitetura e Engenharia de forma gratuita para a população de baixa renda.

O ponto de partida para o encontro dessas duas ações de extensão teve início na observação da carência de ações de valorização do patrimônio arquitetônico de Natal e Região Metropolitana, que se reflete, muitas vezes, no desconhecimento por parte do povo potiguar sobre sua própria história. Nesse contexto, surgiu a ideia de se valer da experiência dos caminhos já trilhados pelo “Pé na Estrada”, que abordavam outras localidades como São Paulo, Belém e Minas Gerais, a favor de ações lúdicas de educação patrimonial com o objetivo de fortalecer a identidade cultural norterio-grandense.

A ação de extensão foi intitulada “Semana PÉ+NUPPE” e aconteceu através das redes sociais *YouTube* e *Instagram* como uma estratégia de comunicação popular, com potencial alcance e assimilação para ações de divulgação científica. O desenvolvimento das atividades ocorreu de forma colaborativa com a participação de estudantes e professores da UnB e do IFRN na elaboração dos “jogos sérios”, como o quebra-cabeça da Região Metropolitana e o livro “Pé para Pintar”. Ao final da semana, foi realizada uma palestra sobre “o Desenho como Narrativa”, conduzida pelo Prof. José Clewton do Nascimento, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, através do *YouTube*.

Como resultado, a ação proporcionou uma rica troca de experiências na qual foi possível atingir um bom alcance de divulgação das ações através das redes sociais, com a produção de um material lúdico de valorização do patrimônio arquitetônico e cultural norterio-grandense. A experiência trouxe também visibilidade entre os seguidores do “Pé na Estrada” e do NUPPE, aproximando, dessa maneira, contextos acadêmicos e sociais distintos. Para além da experiência virtual, também foi planejada a ação de distribuição do livro “Pé para Pintar”, em sua versão impressa, para estudantes de famílias de baixa renda, do IFRN *campus* São Gonçalo do Amarante, contemplados com kits alimentares da merenda escolar. Os livros do “Pé para Pintar” foram doados às famílias durante a ação ocorrida em novembro de 2020 no IFRN *campus* São Gonçalo do Amarante. Além disso, reiteramos que a partir da experiência, foi possível fortalecer o papel social característico das ações de Extensão em ambas as instituições no contexto do distanciamento social decorrente da pandemia de COVID-19.

METODOLOGIA

A Semana PÉ+NUPPE partiu da experiência já desenvolvida metodologicamente pelo “Pé na Estrada” ao abordar a *gamificação* através da criação de “jogos sérios”, aplicados em outras semanas temáticas (Gurgel & Moreira, 2019; Gurgel et al., 2020). Ao explicar a metodologia adotada pelo projeto, Gurgel et al. (2020, p. 173)

inserem o arcabouço teórico sob destaque do “[...] espaço propício para a construção de narrativas que partem da cidade como um grande jogo aberto de onde se pode retirar diversos materiais que são potenciais ensinamentos sobre aquilo que se chama *urbis*”.

A peculiaridade da colaboração institucional em que se enquadra a Semana PÉ+NUPPE fortaleceu um recurso que já era importante metodologicamente: o uso de redes sociais tanto na criação quanto na publicação das atividades. O estímulo à popularização de canais audiovisuais de entretenimento, a partir de colaborações entre personalidades da internet, é um fenômeno já reconhecido por uma das plataformas de vídeo mais relevantes do mundo, o *Youtube*. Cenário de muitas dessas colaborações, traz em seu ambiente virtual próprio de educação em criação de conteúdo, *Youtube Creator Academy*, uma aula específica sobre Colaboração e Promoção Cruzada. Entre outras diretrizes, a aula aponta a importância da escolha de “colaboradores compatíveis”; da manutenção da autenticidade do conteúdo do criador mesmo em situação colaborativa (visando não frustrar as expectativas de seus espectadores usuais); da utilização de “promoção cruzada” – quando cada parte da colaboração divulga a outra para seus espectadores; e que sejam feitos esforços para a fidelização da nova audiência que a colaboração pode trazer (Youtube, 2020). Essa aula já foi citada, inclusive, no estudo conduzido por Koch et al. (2018), que confirma o potencial das colaborações como estratégia: os autores realizaram uma ampla coleta e análise de dados de vídeos disponíveis no *Youtube*, envolvendo ferramentas de inteligência artificial, e concluíram que há vantagens quantitativas reais em colaborações, identificando, em muitos casos, crescimento expressivo em visualizações e assinantes dos canais.

Influenciadores digitais como comediantes, gurus de estilo de vida ou comentaristas do mundo do entretenimento não são os únicos atores que podem valer-se desse recurso tão eficaz para o engajamento de seus interlocutores. A extensão universitária, por ser notadamente um meio de conexão entre Instituição de Ensino Superior e a comunidade externa, pode empregar esse tipo de estratégia de comunicação, muito popular e assimilável, para ações de divulgação científica. Assim, o “Pé na Estrada” e o NUPPE realizaram sua primeira colaboração multiplataforma sob a estratégia de incorporar esses meios de comunicação já assimilados pelo público geral em momentos de lazer.

As atividades selecionadas na primeira reunião do grupo de trabalho interinstitucional dividiram-se, portanto, em *offline*, voltadas à disponibilização no site do projeto e com o intuito de serem impressas: Pé Para Pintar e Quebra-Cabeças; e *online*, desenvolvidas simultaneamente à semana temática, no *Instagram* e *Youtube*: vídeos de apresentação da equipe, jogos de perguntas e respostas, e *live* com convidado.

Considerando as atividades realizadas de forma *offline*, o Pé Para Pintar – RN consiste em um livreto com jogos de diferentes abordagens. A edição conta com representações dos patrimônios históricos e culturais das cidades de Natal e

São Gonçalo do Amarante, por meio de ilustrações desenvolvidas pelos professores José Clewton do Nascimento/Jota Nascimento (UFRN) e Petterson Dantas (IFRN), e pelos integrantes do NUPPE, além das atividades criadas pelos integrantes do Pé.

A proposta fez uso de jogos como: labirinto; ligue as colunas; ligue os pontos; caça palavras; complete a figura; jogo dos sete erros; e ilustrações para colorir. A fim de contribuir com a dinamicidade do livreto, foram estudadas possibilidades de inserir outras atividades nas ilustrações dos professores. Logo, o texto explicativo de cada desenho foi acompanhado por orientações complementares, que conduzem a atividades como “encontrar alguma figura”, “desenhar pessoas”, entre outras propostas.

Ademais, com a finalidade de não introduzir apenas as figuras, mas também a conceitualização do patrimônio representado, foram utilizados textos explicativos e *QR codes*. O uso do código *online* permite que a pessoa seja direcionada a documentários, artigos, fotos das obras e seus respectivos *sites*, facilitando, portanto, o acesso à informação e reforçando a ideia de viagem virtual.

Outra atividade utilizada na ação, como já mencionado, foi o quebra-cabeças da Região Metropolitana de Natal (RMN), na qual o município de São Gonçalo do Amarante está inserido. Trata-se de um jogo pensado para ser impresso, possibilitando o recorte das peças que devem ser reorganizadas, como em um quebra-cabeças tradicional. As peças principais ganharam os contornos simplificados de seis dos municípios da RMN, ilustradas com elementos simbólicos de cada lugar, acompanhadas de pequenas peças auxiliares representativas de meios de transporte e elementos de infraestrutura viária (como vias pavimentadas, rotatórias, ponte), conforme Figura 1. O jogo teve como princípio norteador a ênfase à noção de *conexão* entre municípios que fazem parte de uma mesma região metropolitana. Apesar de as peças terem sido elaboradas para serem recortadas, a intenção principal da proposta é reforçar o reconhecimento das características de união espacial – pela junção das fronteiras municipais – e simbólica, através do estímulo à imaginação das relações econômicas e sociais entre os municípios. A interação livre é proporcionada pelas peças soltas com desenhos dos meios de transporte, que podem ser posicionadas à intuição do brincante.

Os ícones inseridos dentro dos municípios também foram escolhidos visando a estimulação da curiosidade sobre o patrimônio edificado de diferentes épocas, com exemplos históricos (Solar Ferreiro Torto em Macaíba, Igreja Nossa Senhora dos Navegantes em Natal, cruzeiro das Ruínas de Igreja de São Miguel em Extremoz, Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Ceará-Mirim) e contemporâneos (torre do Parque Dom Nivaldo Monte em Natal e Aeroporto Internacional de São Gonçalo do Amarante). Também foram inseridos exemplos de patrimônio natural, como o Cajueiro de Pirangi, em Parnamirim, e o Parque das Dunas, em Natal.

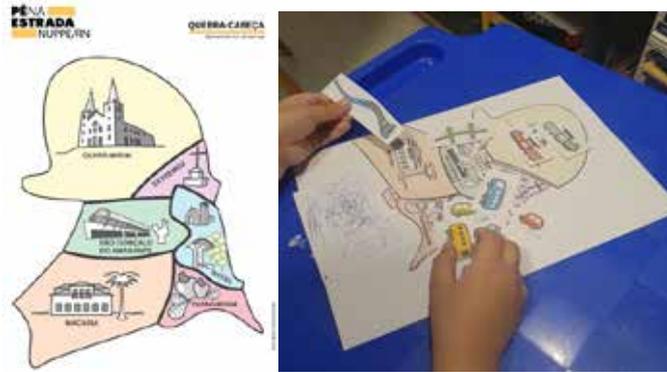


Figura 1. Mapa de Natal e Região Metropolitana sendo montado por uma criança de 5 anos. Fonte: Autoria Própria, 2020.

Como determinado durante a fase de planejamento da Semana PÉ+NUPPE, as atividades propostas foram divulgadas e disponibilizadas por meio das redes sociais. Dessa maneira, foram realizadas interações com o público por meio de postagens e *stories* no *Instagram*. A fim de permitir que o público fosse introduzido à colaboração em ambos os projetos, bem como pudesse compreender o propósito da ação conjunta, as primeiras postagens consistiam em pequenos vídeos (IGTV) do NUPPE e do Pé na Estrada, nos quais foram apresentados seus objetivos e metodologias. Em seguida, foi feito um jogo de perguntas e respostas com gírias de Natal, com o intuito de inserir o público na proposta da semana e motivá-los a conhecer mais sobre a cultura do Rio Grande do Norte. No dia seguinte, foi indicado o documentário “A Província Moderna” de Artemilson Lima, professor de História do IFRN, e Raimundo Arrais, professor do Departamento de História da UFRN, que retrata a história e o processo de desenvolvimento urbano do município de Natal e região metropolitana. Na sequência, foram compartilhados sites de visitas virtuais guiadas com o intuito de fazer o espectador viajar à Natal sem sair de casa, tendo em vista a impossibilidade de estar presencialmente nesses locais.

Nesse sentido, no último dia, foi realizada a *live* “O desenho como narrativa”, na qual o palestrante José Clewton do Nascimento, professor associado do departamento de Arquitetura da UFRN, compartilha seus desenhos e experiências por meio de uma narrativa de acontecimentos e histórias, as quais fazem o espectador viajar e se conectar com os locais citados.

RESULTADOS

De acordo com a estratégia de divulgação, houve a utilização das contas do *Instagram* do NUPPE e do “Pé na Estrada”, que se alternaram em postagens e temas. A programação da semana teve início na segunda-feira que foi dedicada a apresentar aos internautas os dois projetos e a relação entre eles através de pequenos vídeos produzidos pela coordenação dos projetos. A quarta-feira foi destinada ao lançamento do quebra-cabeça produzido pela ação, disponível no link <https://tinyurl.com/Que->

[bra-Cabeça-Semana-Natal](#), e uma postagem do NUPPE, divulgando a ação e contextualizando-a com a divulgação de um documentário produzido pelo IFRN *campus* Zona Leste, sobre a história de Natal. Já na quinta-feira, o “Pé na Estrada” lançou o livro “Pé para Pintar” disponível no link <https://tinyurl.com/Pe-para-Pintar-Semana-Natal> e na sexta-feira realizou a *live* através do *YouTube*, intitulada: “O desenho como narrativa”. A Figura 2 apresenta um compilado das postagens feitas pelos dois perfis.



Figura 2. Resumo das postagens realizadas pelos dois perfis na plataforma Instagram.
Fonte: Montagem realizada com material coletado na plataforma Instagram, 2020

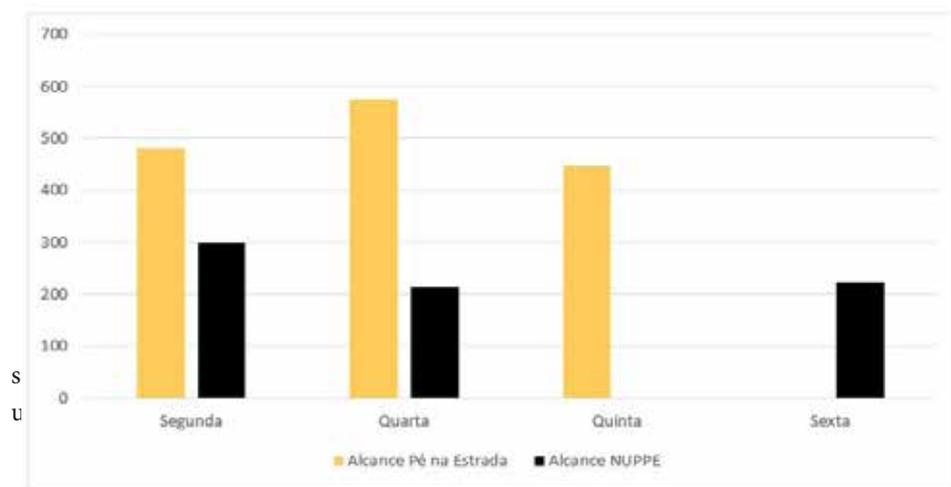


Figura 3. Gráfico produzido através de dados obtidos na ferramenta Insights do Instagram.
Fonte: Autoria própria, 2020

Como resultado obtido na aproximação com o público através da utilização das redes sociais, especialmente o *Instagram* como fonte de divulgação da ação, a média de alcance das publicações a partir da conta do “Pé na Estrada” correspondeu a 501 contas, já o alcance do NUPPE, atingiu 245 contas, aproximando-se de 300 na segunda-feira, quando se deu o início da semana. Os dados foram coletados através do aplicativo Instagram.

A semana também trouxe ganhos nos acessos ao perfil do “Pé na Estrada”, trazendo aumentos significativos no número de impressões durante a semana.



Figura 4. Alcance e impressões dos dias 28/08 a 03/09.

Fonte: Gerado no Instagram através da ferramenta Insights, 2020.

Considerando os dados entregues pela própria plataforma, chega-se a um número aproximado de 4694 impressões quando se contabiliza o período compreendido entre a quinta-feira da semana anterior ao início da ação e a quinta-feira da semana PÉ+NUPPE. Consideram-se “impressões” as visualizações de *stories* e *posts* no *feed*. A Figura 4 mostra os dados coletados através da plataforma, considerando o intervalo entre a sexta-feira da semana PÉ+NUPPE e os 7 dias consecutivos, através dos quais podemos inferir o valor das impressões mencionado anteriormente.

A programação da Semana PÉ+NUPPE foi finalizada com uma *live*, transmitida pelo *Youtube*, com o objetivo de captar um público diferente através da mudança de plataforma. O resultado final de Impressões para o perfil do *Instagram* do “Pé na Estrada” foi de 1.014, sendo possível perceber que provavelmente a maior parte destas Impressões foi obtida na sexta-feira, já que neste dia foram alcançadas 250 contas. A Figura 5 mostra um dos momentos da *live*, onde o professor José Clewton do Nascimento reproduz cenas do seu cotidiano, através de croquis, durante o período de quarentena.

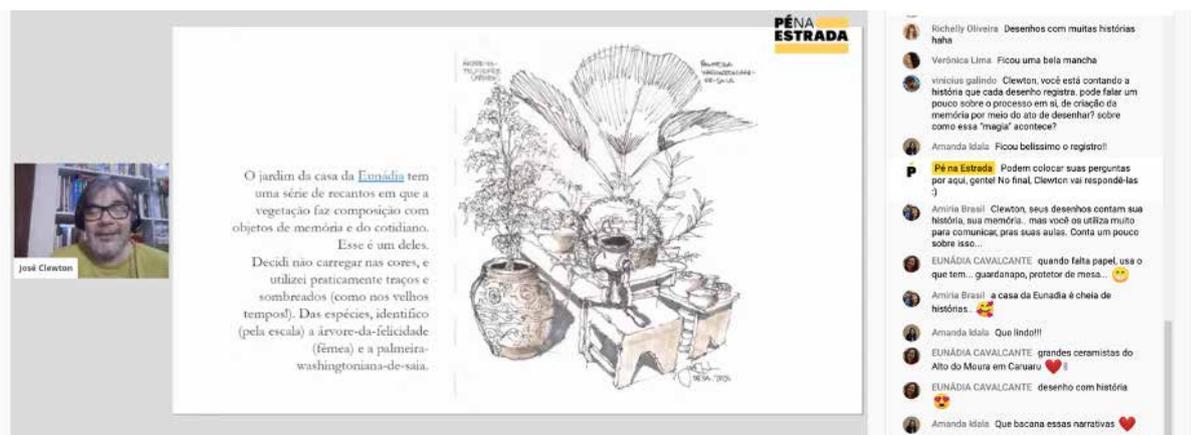


Figura 5. Momento onde Clewton apresenta seus desenhos e m tempos de quarentena.

Fonte: Tela durante a transmissão, 2020.

Considerando os dados obtidos pelo *YouTube*, a *live* da sexta-feira também teve bons índices de alcance de usuários durante a transmissão. A Figura 6 indica as estatísticas durante a transmissão, através das quais é possível observar que o pico de espectadores simultâneos foi de 34 e que não houve uma variação expressiva, ou seja, os espectadores se mantiveram na *live* após o ingresso na mesma.

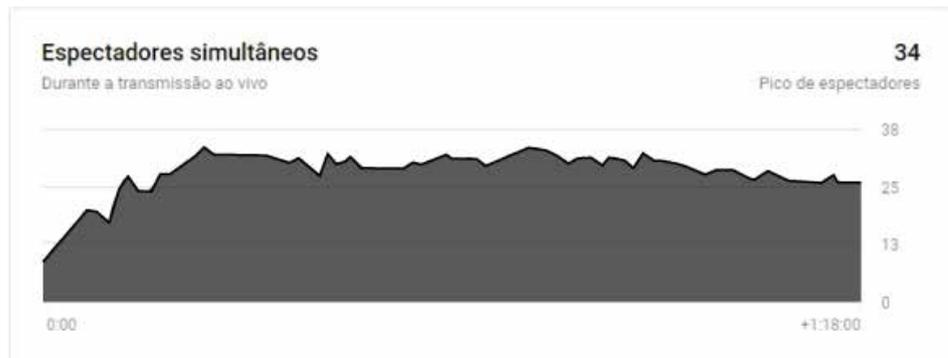


Figura 6. Número de espectadores simultâneos durante a *live*.
 Fonte: Gráfico obtido através da plataforma *YouTube*.

Devido ao contexto de isolamento vivido pelo país, o *site* do “Pé na Estrada” foi escolhido como meio de disponibilização do material produzido para compor a ação PÉ+NUPPE. Sendo assim, também se verificou o aumento significativo do número de acessos ao *site* durante o período de divulgação da semana pelas redes sociais. A Figura 7, mostra esse aumento expressivo durante o período de 24/08 a 28/08, que foi a semana de divulgação da ação.



Figura 7. Acessos ao *site*.
 Fonte: Gerado no Editor de site *Wix* com a ferramenta *Traffic* na aba Análise e Performance.
 Anotações que constam no gráfico foram adaptadas pelos autores.

Com o intuito de democratizar ainda mais o acesso às ações desenvolvidas pela semana PÉ+NUPPE, trazendo a ação para a presencialidade, foram impressos exemplares do livro “Pé para Pintar” e entregues aos alunos do IFRN *campus* São Gonçalo do Amarante, durante com a entrega de kits alimentares da merenda escolar, em No-

vembro de 2020. A Figura 8 apresenta o momento da entrega do material no IFRN *campus* São Gonçalo do Amarante.



Figura 8. Entrega do material produzido na semana PÉ+NUPPE.

Fonte: Autoria própria, 2020.

DISCUSSÃO

Dualidade das realidades

Através da internet e diante de um cenário de distanciamento social, a ação de extensão tornou capaz a conexão entre o Distrito Federal e o Rio Grande do Norte: territórios geograficamente distantes, que apresentam diferentes contextos culturais, sociais e arquitetônicos. De um lado, tem-se Brasília, uma cidade referência na arquitetura nacional, e na qual seus habitantes vivenciam cotidianamente uma cidade modernista e monumental. Do outro lado, tem-se o Rio Grande do Norte, conhecido por suas belezas naturais e onde o patrimônio muitas vezes é até desconhecido. Dessa maneira, o projeto traz a perspectiva de unir as duas realidades, buscando a valorização da arquitetura norterio-grandense, na medida em que se propõe a contar um pouco da história da cidade de Natal e Região Metropolitana, através da ludicidade de atividades de educação patrimonial em uma semana temática.

Outrossim, por meio da união desses dois contextos, a metodologia proporcionou uma troca de informação tanto no âmbito educacional quanto no sociocultural, não somente entre os espectadores externos como também entre os participantes dos projetos “Pé na Estrada” e NUPPE. Essa interação ocorrida durante a execução da semana permitiu aos universitários da FAU-UnB juntamente com estudantes de ensino médio e professores do IFRN, o compartilhamento de experiências e diferentes perspectivas acerca da arquitetura e cultura do local onde residem. Essa troca

possibilita que os estudantes entrem em contato com outras realidades, fazendo da prática educativa uma experiência de intercâmbio cultural.

A Democratização

Outro ponto a ser observado é a ideologia de disseminar a informação sobre o patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Norte. Inicialmente, a metodologia utilizada pelo Pé era compreendida pelo uso do Site “Pé na Estrada” como plataforma de publicação das atividades geradas ao longo da pandemia. Como forma de manter o canal de comunicação aberto entre os seguidores e os projetos de extensão, fez-se uso do *Instagram* tanto como meio de divulgar o lançamento das novas atividades, quanto de publicar atividades de interação, as quais envolveram enquetes, *quiz* e *templates* interativos.

Posteriormente, a ação conjunta PÉ+NUPPE foi além do ambiente virtual, alcançando o presencial através da impressão de exemplares dos livros “Pé para Pintar edição RN” que foram distribuídos no IFRN *campus* São Gonçalo do Amarante, durante a ação de doação de kits alimentares de merenda escolar para as famílias de alunos caracterizados como baixa renda. Tal ação reforçou a democratização do conhecimento acerca do patrimônio histórico e cultural, conseguindo alcançar um maior número de famílias, uma vez que a metodologia anterior favorecia apenas aqueles com acesso à internet e meios de impressão.

Destaca-se, ainda, o propósito de se atingir um público-alvo diverso tanto em faixa etária, quanto em condição social e conhecimento técnico-científico. Para isso, o caráter educacional e lúdico das atividades partiu do uso de uma linguagem informal, e, portanto, de fácil compreensão, na qual foram evitadas palavras técnicas, provenientes do campo arquitetônico, e utilizadas expressões populares que, em meio aos croquis e aos jogos, conduzem o brincante a um aprendizado acessível. Dessa maneira, com o intuito de envolver toda a família na brincadeira, as atividades foram pensadas de modo a atender o máximo de pessoas possível. Nesse sentido, a linguagem acessível das atividades também tem o intuito de abrir caminhos para ações futuras de educação patrimonial em escolas locais pertencentes à rede pública de ensino, a partir da utilização do material produzido.

As Redes Sociais

Segundo Szlachta e Ramos (2019), o suporte virtual da informação e da comunicação desenhou um modo de experimentar, perceber, sentir e conhecer o mundo que impregnou a cultura, “modificando tanto o estatuto cognitivo quanto institucional das condições do saber e das figuras da razão” (Martín-Barbero, 2006, p.54, *apud* Szlachta & Ramos, 2019, p. 105).

No contexto da experiência aqui descrita, pode-se observar que a conexão entre as equipes se mostrou viável devido ao contexto vivenciado na pandemia, o qual descortinou as atividades remotas como palco de ricos encontros através da realização de projetos colaborativos. Logo, uma parceria que não havia sido cogitada

anteriormente por envolver diversas variáveis, dentre elas a distância, passou a ser viabilizada, tanto pela introdução de jogos lúdicos e educativos no cronograma de postagens do Pé, quanto pelo uso intenso da tecnologia.

Na medida em que o projeto ganhava vida, foram observadas tanto a intensificação da comunicação entre os participantes, quanto o número de integrantes engajados no projeto, para que o planejamento das atividades fosse concretizado. Ademais, dividiram-se as demandas de forma que a equipe do Pé ficou responsável pela diagramação dos jogos e criação das artes, e a equipe do NUPPE pelo envio de informações e materiais. Tal divisão permitiu que a atividade obtivesse maior propriedade no assunto, além de dinâmicas mais lúdicas, em virtude dos relatos de vivências dos integrantes do projeto de extensão do IFRN.

Após o término da semana, foi possível observar as interações que ocorreram durante o projeto e a quantidade de pessoas que acessaram as plataformas utilizadas ao longo da semana, por meio dos gráficos apresentados anteriormente. Outro ponto favorável para a conexão entre os projetos foi o uso constante do *Instagram* por parte de ambos os projetos. Constatou-se que o acesso contínuo às respectivas redes sociais de cada projeto permitiu que as postagens da semana ocorressem de forma fluída, contando com *repostagens* e marcações nos *stories*. Além disso, permitiu que os seguidores dos dois perfis pudessem conhecer um pouco de cada atividade, além de desfrutar dos projetos que estavam sendo postados.

CONCLUSÃO

Diante de um cenário de adversidades, imposto pelo surgimento do novo Coronavírus, foi possível buscar caminhos de enfrentamento aos desafios. A experiência aqui descrita relata a união de dois projetos de extensão: o “Pé da Estrada”, da UnB e o NUPPE, do IFRN, pertencentes a contextos sociais, históricos e culturais distintos, mas que se encontram com o intuito de construir novos caminhos junto à comunidade para contribuir na superação dos desafios oriundos da pandemia.

No período de isolamento social, o mundo virtual das redes sociais passou a se configurar como uma possibilidade de os usuários vivenciarem e experienciarem outros locais e culturas de forma remota. A partir de trabalhos anteriores, já desenvolvidos pelo Pé na Estrada ao abordar outras cidades brasileiras, dessa vez, a semana PÉ+NUPPE proporcionou, por meio de *posts*, *lives* e jogos, como o livreto “Pé Para Pintar”, que as pessoas conhecessem um pouco sobre o estado do Rio Grande do Norte e seu patrimônio arquitetônico e cultural.

Diante dos resultados obtidos com a realização da semana temática, percebe-se o potencial dos meios digitais como meio de transmissão e assimilação do conhecimento em educação patrimonial. A fim de garantir um maior alcance e engajamento do público, optou-se pelo uso de duas plataformas sociais: *Instagram*, plataforma *Wix* e *Youtube*. No *Instagram* de ambos os projetos foi possível observar, através do aumento do número de seguidores e de contas alcançadas durante a semana PÉ+NUPPE, como as redes sociais apresentam um alto nível de compartilha-

mento de informações, conseguindo, dessa maneira, atingir um público muito mais amplo e diversificado. Além disso, nota-se como a utilização de dinâmicas lúdicas nas redes sociais, representadas de uma maneira prática, didática e divertida de aprendizado, redirecionadas para temáticas de arquitetura e urbanismo, porém em linguagem informal, despertam o interesse do público e torna o conteúdo acessível a diferentes públicos. Nessa perspectiva, pode-se entender as redes sociais como um instrumento de construção do conhecimento lúdico, capaz de atingir diversas culturas e sociedades, sobretudo no atual contexto de pandemia, onde as plataformas são amplamente utilizadas como canal de comunicação, interação e conhecimento.

A transmissão “O desenho como narrativa”, realizada na plataforma *Youtube*, possibilitou que diversas pessoas pudessem conhecer a cidade de Natal por meio de desenhos e histórias contadas pelo professor José Clewton do Nascimento, da UFRN. A transmissão teve bons e constantes índices de alcance de usuários, comprovando a busca por conhecer outros lugares por meio das redes sociais. Reforçando a ação virtual, e ampliando seu alcance através da democratização do material produzido, foi realizada a entrega dos livretos impressos à comunidade, através da ação de doação de kits alimentares que ocorreu no IFRN *campus* São Gonçalo do Amarante.

Dessa maneira, através do relato de experiência aqui apresentado, torna-se evidente o fortalecimento do papel social característico das ações de Extensão em ambas as instituições no contexto do distanciamento social decorrente da pandemia de COVID-19.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gurgel, A.P.C., Oliveira, A.I.D., Rodrigues, A.C.M., Silva, J.A.C., & Mendes, V.V. (2020). *Pé em casa: educação patrimonial em tempos de isolamento social*. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais Do Distrito Federal*, 7(3), 170-177. Recuperado de <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/934>

Gurgel, A. P. C. & Moreira, L. M. (2019) Ludocidade: Uso de Jogos e Videogames para o Urbanismo e o Planejamento Urbano. *Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Saúde e Tecnologia*, 8(2), 72-88.

Koch, C. & Lode, M. & Stohr, D. & Rizk, A. & Steinmetz, R. (2018). Collaborations on YouTube: From Unsupervised Detection to the Impact on Video and Channel Popularity. *ACM Transactions on Multimedia Computing Communications and Applications*, 14(4), 1-23. doi:10.1145/3241054

Lima, A., & Arrais, R (Diretores). (2019). A Província Moderna. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=no4vZVHUjBM>

Martín-Barbero, J. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. 2006. In: Szlachta, Arnaldo M. S., Jr. & Ramos, M. E. T (2019). Possibilidades para a educação patrimonial por meio de games de realidade aumentada. *Revista Méti: história & cultura*.18(36), 97 - 119. Recuperado de <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/7799>

Youtube. Youtube Creator Academy. *Colaboração*. Recuperado de: <https://creatoracademy.youtube.com/page/lesson/collaboration?hl=pt-br>. Acesso em: 26 out. 2020.

PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM SAÚDE BUCAL DE PACIENTES COM DIABETES MELLITUS DO DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA

Oral health of Diabetes patients extension project of
the Department of Dentistry, University of Brasilia

Maria do Carmo Machado Guimarães

mmgcarmo@gmail.com

Departamento de Odontologia - Faculdade de Ciências da Saúde, UnB

Bruna Castro Moreira

brunacm1911@gmail.com

Departamento de Odontologia - Faculdade de Ciências da Saúde, UnB

Nailê Damé-Teixeira

nailedame@unb.br

Departamento de Odontologia - Faculdade de Ciências da Saúde, UnB

Loise Pedrosa Salles

lpsalles@me.com

Departamento de Odontologia - Faculdade de Ciências da Saúde, UnB

Laudimar Alves de Oliveira

laudimar.oliveira@gmail.com

Departamento de Odontologia - Faculdade de Ciências da Saúde, UnB

Cristine Miron Stefani

cmstefani@gmail.com

Departamento de Odontologia - Faculdade de Ciências da Saúde, UnB

Daniela Corrêa Grisi

danigrisi@gmail.com

Departamento de Odontologia - Faculdade de Ciências da Saúde, UnB

RESUMO

Muitas incertezas ainda existem na relação entre diabetes mellitus e alterações bucais, particularmente quando há controle glicêmico insuficiente. O “Projeto Diabetes” do Departamento de Odontologia, Universidade de Brasília, objetiva investigar e tratar manifestações bucais do Diabetes em pacientes com diabetes tipo 1 e 2, em comparação com pacientes sistemicamente saudáveis, reestabelecendo e mantendo sua saúde bucal. Os dados clínicos analisados incluem hipossalivação e outros parâmetros salivares, doença periodontal, problemas endodônticos, hálito cetônico e doença cárie. Após o desenvolvimento da saúde bucal, os pacientes entram no programa de prevenção e manutenção periódicas. Este projeto faz uma contribuição original para o entendimento do impacto do diabetes e do controle glicêmico na prevalência das condições bucais e na qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Diabetes Mellitus, Repercussões bucais, Doença Periodontal, Cárie dental, Hipossalivação.

ABSTRACT

Much uncertainty still exists about the relationship between Diabetes Mellitus and oral diseases, particularly when there is insufficient glycemic control. The “Diabetes Project” from the Department of Dentistry, University of Brasília, aims to investigate and treat oral manifestations of type 1 or type 2 diabetes, comparing them to systemically healthy patients. Clinical data of patients have been analyzed, taking into account hyposalivation and other salivary parameters, periodontal diseases, endodontic problems, ketone breath, and dental caries. After developing oral health to the patients, they enter in a periodic preventive program. This project makes an original contribution to the understanding of the impact of diabetes and glycemic control on oral conditions prevalence and quality of life.

KEYWORDS: Diabetes Mellitus, Oral Repercussions, Periodontal Disease, Dental Caries, Hyposalivation.

INTRODUÇÃO

Diabetes Mellitus (DM) consiste em uma doença crônica de alta prevalência (BASCONES-MARTÍNEZ; GONZÁLEZ-FEBLES; SANZ-ESPORRÍN, 2014) na população, caracterizada por um distúrbio metabólico em virtude da deficiência parcial ou total na produção de insulina ou por resistência à sua ação, podendo predispor a manifestações sistêmicas e bucais (BASCONES-MARTÍNEZ; GONZÁLEZ-FEBLES; SANZ-ESPORRÍN, 2014). De acordo com a *International Diabetes Federation*, 425 milhões de pessoas em todo o mundo têm diabetes e estima-se que, em 2045, 629 milhões terão a doença. No Brasil, cerca de 12,4 milhões de pessoas convivem com o diabetes (IDF, 2017). A hiperglicemia crônica do diabetes está associada

com danos, disfunção e/ou falência de vários órgãos, podendo levar ao desenvolvimento progressivo de complicações crônicas, como a retinopatia, a nefropatia e/ou neuropatia. Indivíduos com diabetes têm o risco aumentado para doenças cardiovasculares (IZUORA; EZEANOLUE; SCHLAUCH; NEUBAUER *et al.*, 2015), doença arterioesclerótica, doença vascular periférica e doença cérebro-vascular (KING, 2008; MORIMOTO-YAMASHITA; ITO; KAWAHARA; KIKUCHI *et al.*, 2012; NAZIR; ALGHAMDI; ALKADI; ALBEAJAN *et al.*, 2018; NEGRATO; TARZIA, 2010). Adicionalmente, acarreta aumento do risco de infecções, podendo causar resposta inflamatória acentuada e maiores danos (NAGUIB; AL-MASHAT; DESTA; GRAVES, 2004; SALVI; BECK; OFFENBACHER, 1998).

O aparecimento das complicações está diretamente relacionado ao grau de controle metabólico, ou seja, pacientes bem controlados evoluem com ocorrência menor de complicações em relação àqueles pacientes mal controlados (GRAVES; KAYAL, 2008; KING, 2008). Dentro deste contexto, medidas de prevenção, de detecção e de tratamento adequado nos vários níveis de atenção à saúde são extremamente importantes (PIVARI; MINGIONE; BRASACCHIO; SOLDATI, 2019), uma vez que podem contribuir para a redução da mortalidade, das diversas complicações observadas no DM e das morbidades associadas à condição.

A hiperglicemia também pode estar associada a alterações bucais, tais como a doença periodontal (BAKSHI; KAUR; SINGH; SAHOTA *et al.*, 2018; JEPSEN; CATION; ALBANDAR; BISSADA *et al.*, 2018), disfunção das glândulas salivares, alterações do paladar, ardência bucal, maior tendência a infecções bucais, atraso no processo de cura, língua saburrosa e halitose (NEGRATO; TARZIA, 2010). Considerando a complexidade da doença, a atuação de uma equipe interdisciplinar torna-se fundamental na medida em que participa (GRAVES; KAYAL, 2008; SESHIMA; NISHINA; NAMBA; SAITO, 2016), analisa e integra conhecimentos específicos de diferentes áreas, com objetivo de assegurar uma abordagem integral para o processo saúde/doença e contribuir para uma melhor qualidade de vida para os pacientes.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a atuação do Projeto de Extensão de Saúde Bucal de Pacientes com Diabetes Mellitus, da Universidade de Brasília, procurando enfatizar a sua importância, a proposta dos atendimentos, a metodologia interdisciplinar para integração de profissionais discentes e docentes da área de saúde e as alterações recentemente implantadas como forma de ampliar a assistência odontológica aos pacientes com Diabetes Mellitus.

IMPORTÂNCIA DA SAÚDE BUCAL PARA A SAÚDE INTEGRAL DO PACIENTE COM DIABETES MELLITUS

Evidências demonstram que indivíduos diagnosticados com DM têm maior risco de desenvolverem periodontite (KATAGIRI; IZUMI, 2012; MARIGO; CERRETO; GIULIANI; SOMMA *et al.*, 2011), podendo ser uma das primeiras mani-

feições clínicas da DM (PACIOS; KANG; GALICIA; GLUCK *et al.*, 2012). Clinicamente, a doença periodontal manifesta-se nos pacientes com diabetes como uma inflamação aguda ou crônica, de persistência acentuada (LIU; BAL; DESTA; KROTHAPALLI *et al.*, 2006; PACIOS; KANG; GALICIA; GLUCK *et al.*, 2012), retração gengival, mobilidade dentária causada por perda óssea (LAKSCHEVITZ; ABOODI; TENENBAUM; GLOGAUER, 2011), bolsas profundas com sinais de atividade (exsudação e/ou pus), grande acúmulo de placa bacteriana e cálculo dentário. A perda óssea é maior em função da gravidade do diabetes (NISHIMURA *et al.*, 2007), em geral associada com aumento da função dos osteoclastos, persistência do processo inflamatório por redução das defesas intrínsecas locais (PACIOS; KANG; GALICIA; GLUCK *et al.*, 2012). DM está, portanto, associada com o aumento na gravidade, progressão e prevalência da doença periodontal (MORIMOTO-YAMASHITA; ITO; KAWAHARA; KIKUCHI *et al.*, 2012).

A natureza crônica da doença periodontal tem sido apontada como fator que contribui para o estado diabético, ocasionando complicações mais graves relacionadas a essa doença (IACOPINO, 2001). Thorstensson *et al.* (1996) observaram que indivíduos com diabetes e doença periodontal grave apresentaram maiores complicações quando comparados a indivíduos com diabetes e sem doença periodontal ou com doença periodontal moderada, sugerindo que a presença de doença periodontal confere risco significativo para complicações diabéticas. Estudos demonstram que a incidência de macroalbuminúria e doenças renais avançadas pode ter um aumento de 2,1 a 3,5 vezes em indivíduos com diabetes e doença periodontal grave, respectivamente. Além disso, a periodontite grave, em pacientes com diabetes, pode ser um fator preditivo para a mortalidade cardiorenal em comparação àqueles sem doença periodontal grave (THORSTENSSON; KUYLENSTIERNA; HUGOSON, 1996).

O diabetes representa um importante fator de risco para a doença periodontal (JEPSEN; CATON; ALBANDAR; BISSADA *et al.*, 2018; MARIGO; CERRETO; GIULIANI; SOMMA *et al.*, 2011; STRUCH; DAU; SCHWAHN; BIFFAR *et al.*, 2008) e está fortemente associado à periodontite de uma forma bidirecional (SANTOS TUNES; FOSS-FREITAS; NOGUEIRA-FILHO, 2010; TAYLOR, 2001). Por um lado, os tecidos periodontais são alterados pelos estados frequentes de hiperglicemia e descontrole metabólico (BAKSHI; KAUR; SINGH; SAHOTA *et al.*, 2018) e, por outro, as doenças periodontais podem estar associadas à resistência insulínica. Dessa forma, a periodontite pode afetar negativamente o controle glicêmico (BASCONES-MARTÍNEZ; GONZÁLEZ-FEBLES; SANZ-ESPORRÍN, 2014; LAKSCHEVITZ; ABOODI; TENENBAUM; GLOGAUER, 2011) e, assim, agravar as complicações inerentes ao processo de adoecimento pela presença do diabetes.

Tem sido demonstrado que o controle metabólico do diabetes determina efeitos benéficos na condição periodontal (BASCONES-MARTÍNEZ; MUÑOZ-CORCUEIRA; BASCONES-ILUNDAIN, 2015; KATAGIRI; IZUMI, 2012; LAKSCHEVITZ; ABOODI; TENENBAUM; GLOGAUER, 2011), assim como o controle da infecção periodontal pode resultar em uma melhoria nos níveis de glicose, em pacientes com

diabetes (BASCONES-MARTÍNEZ; GONZÁLEZ-FEBLES; SANZ-ESPORRÍN, 2014; BASCONES-MARTÍNEZ; MUÑOZ-CORCUERA; BASCONES-ILUNDAIN, 2015; CAMARGO; LIMA; FORTES; DE SOUZA *et al.*, 2013; HAYASHI; HASEGAWA; HAYASHI; SUZUKI *et al.*, 2017; XU; MENG; HE; WANG *et al.*, 2016). Tendo em vista a influência que uma condição exerce sobre a outra, o manejo adequado do paciente com diabetes envolve conhecimento, tanto do diabetes como da doença periodontal, bem como das estratégias de controle de ambas as doenças (BASCONES-MARTÍNEZ; MUÑOZ-CORCUERA; BASCONES-ILUNDAIN, 2015; KATAGIRI; IZUMI, 2012).

Para que a integridade dos tecidos periodontais possa ser restabelecida e preservada no paciente com diabetes, faz-se necessário controle periódico da taxa de glicemia, antibioticoterapia prévia aos procedimentos de alto risco (ROVAI; SOUTO; GANHITO; HOLZHAUSEN *et al.*, 2016), eliminação dos fatores de retenção de placa bacteriana, instrução de higiene bucal e manutenção da saúde bucal. As terapias periodontais preventivas, assim como, os tratamentos voltados para o controle da infecção periodontal podem representar uma estratégia importante na melhoria do controle glicêmico (FOIA; TOMA; UNGUREANU; AANEI *et al.*, 2007; SUN; CHEN; ZHANG; REN *et al.*, 2010), como uma forma de minimizar danos e agravos, tanto na saúde geral quanto na saúde bucal (HIRATA; FUCHIDA; YAMAMOTO; KUDO *et al.*, 2019).

Além da doença periodontal, os distúrbios da cavidade bucal mais frequentes nos pacientes com diabetes incluem xerostomia, hipossalivação, síndrome de ardência bucal, glossodinia, distúrbios da gustação, ulcerações na mucosa bucal, hipocalcificação do esmalte, perda precoce de dentes, dificuldade de cura dos tecidos, hálito cetônico, líquen plano e disfagia, principalmente associados com controle glicêmico deficiente (NEGRATO; TARZIA, 2010). A xerostomia (sensação de boca seca) acomete pacientes com DM (ALMUSAWI; GOSADI; ABIDIA; ALMASAWI *et al.*, 2018; CARRAMOLINO-CUÉLLAR; LAURITANO; SILVESTRE; CARINCI *et al.*, 2018) e apresenta, em geral, maior prevalência nos indivíduos com DM tipo 2 do que tipo 1 (HSU; WU; HUANG; CHANG *et al.*, 2019; NAZIR; ALGHAMDI; ALKADI; ALBE-AJAN *et al.*, 2018).

Juntamente com a periodontite, a doença cárie tem um grande impacto na saúde bucal, podendo causar aumento nas taxas de dentes cariados, perdidos e restaurados (MAJBAUDDIN; TANIMURA; AOTO; OTANI *et al.*, 2019). O fato de pacientes com DM apresentarem frequentemente doença periodontal implica em um aumento do número de superfícies radiculares expostas. Nesses casos, as áreas com raiz exposta tornam-se suscetíveis ao desenvolvimento de cárie radicular (DAMÉ-TEIXEIRA; PAROLO; MALTZ, 2017). O consumo aumentado de carboidratos (comum em pacientes com DM sem bom controle dietético) impacta, inegavelmente, na composição da microbiota bucal (ALMUSAWI; GOSADI; ABIDIA; ALMASAWI *et al.*, 2018), levando à acidificação do meio (DAMÉ-TEIXEIRA; PAROLO; MALTZ, 2017) e consequente desenvolvimento de cárie radicular. Uma recente revisão sistemática

e metanálise deste grupo de pesquisa demonstrou que pacientes com DM tem três vezes mais chance de desenvolver cárie radicular (DE LIMA; AMORIM DOS SANTOS; LIMA; *et. al.*, 2019, dados em fase de publicação). Tal agravo vem se tornando um problema para dentistas, devido à dificuldade de realizar um tratamento restaurador efetivo e, com isto, muitas vezes faz-se necessária a extração do dente.

Diabetes pode diminuir as chances de sucesso do tratamento endodôntico, especialmente se houver periodontite apical (LAUKKANEN; VEKALAHTI; KOTIRANTA, 2019), podendo agravar a perda óssea local (SISLI, 2019) e afetar negativamente a cura periapical. Estudos têm demonstrado aumento na prevalência de periodontite apical em DM e pode, ainda, resultar em maior perda dentária de dentes já tratados endodonticamente (CABANILLAS-BALSERA; MARTÍN-GONZÁLEZ; MONTERO-MIRALLES; SÁNCHEZ-DOMÍNGUEZ *et al.*, 2019).

Pacientes com DM apresentam maiores riscos de perdas dentárias se comparados a pacientes sem diabetes e, quanto maior a gravidade do descontrole glicêmico, maiores os riscos de perda dentária. Por outro lado, quanto maior número de visitas ao dentista, menores são tais riscos (YOO; KIM; KIM; KIM *et al.*, 2019). A cura pós-extração pode ser mais demorada, porém não foram encontradas evidências concretas, apoiando o consenso de se aplicar a mesma terapia na ausência e presença da doença (HUANG; DANG; HUYNH; SAMBROOK *et al.*, 2013). Dieta balanceada e boa qualidade de mastigação são partes essenciais do tratamento para DM e, dessa forma, a presença de próteses imediatas após extrações dentárias pode comprometer a cura dos tecidos, afetar a capacidade mastigatória, quantidade de ingestão alimentar e, conseqüentemente, afetar negativamente os níveis glicêmicos do paciente (RADOVIĆ; OBRADOVIĆ-DJURIČIĆ; ČAIROVIĆ; GLIŠIĆ *et al.*, 2016).

ATUAÇÃO DO PROJETO PARA REESTABELECIMENTO E ACOMPANHAMENTO DA SAÚDE BUCAL DO PACIENTE COM DIABETES MELLITUS

O projeto atende pacientes com diabetes mellitus tipo 1 ou 2 provenientes do Ambulatório de Diabetes do Hospital Universitário de Brasília (HUB) ou encaminhados para atendimento pelas Unidades de Saúde ou Hospitais da Secretaria de Saúde do Distrito Federal e entorno. Os atendimentos e triagens são realizados às quartas-feiras pela manhã (exceto feriados) e às sextas-feiras no período vespertino, na Clínica Odontológica do HUB. Devido à pandemia de COVID-19, as atividades clínicas do projeto estão suspensas e há perspectiva de retorno nos próximos meses.

Após sua chegada ao projeto, o paciente recebe avaliação odontológica e um planejamento terapêutico, de acordo, com as suas necessidades. Durante a avaliação, são registrados os impactos do DM na qualidade de vida e dos efeitos do nível metabólico sobre a prevalência de doenças bucais, da mesma forma que são observados os efeitos do controle de focos de infecção bucais e periodontais sobre os níveis glicêmicos e melhoria da qualidade de vida. Para isto, todos os índices clínicos periodontais,

análise de saliva, presença de cárie e outros focos infecciosos bucais são registrados. Recentemente foi incorporado ao projeto, o tratamento da doença cárie como forma de minimizar as perdas dentárias frequentemente observadas em dentes com lesões graves de cárie, bem como reduzir tal agravo nesta população. Esta abordagem inclui também o diagnóstico e tratamento de alterações salivares frequentemente observadas nos pacientes com diabetes. Adicionalmente, o paciente é encaminhado ao laboratório de análises clínicas do HUB para realização de exames laboratoriais de sangue.

O número total de pacientes em atendimento é de aproximadamente 130 pacientes, divididos nos seguintes grupos: 30 pacientes com periodontite; 50 pacientes com periodontite e DM; 10 pacientes com DM apenas e 40 pacientes do grupo controle. Cerca de dez atendimentos são realizados por dia, incluindo preenchimento de fichas de odontograma e periograma, solicitações e análises de exames complementares, como radiografias panorâmicas, hemogramas completos e exames de saliva. No atendimento odontológico são realizadas instrução de higiene bucal, tratamento da hipossalivação, procedimentos clínicos restauradores e periodontais, exodontias, tratamento endodôntico e protético. À medida que os pacientes concluem o tratamento odontológico, são inseridos em um programa de manutenção em que, de acordo com o grau de risco à recidiva, são agendados para controles periódicos. Medidas preventivas e as intervenções necessárias são realizadas na terapia de manutenção.

Primordialmente como projeto de extensão, todos os pacientes com diabetes avaliados recebem assistência odontológica e, entre estes, aqueles que atenderem aos critérios de inclusão nos projetos de pesquisa ligados a Diabetes, são convidados a participar das pesquisas. Um projeto de pesquisa, financiado pela FAP-DF (processo no. 013.001669/2017), engloba as seguintes linhas de pesquisa: 1) Inter-relação da doença periodontal com o Diabetes Mellitus; 2) Cariologia e análise do perfil salivar; 3) Influência da hiperglicemia no microbioma salivar; e 4) Prevalência, diagnóstico, tratamento e correlação das alterações pulpares com condições sistêmicas e salivares.

Sendo assim, o projeto de extensão Saúde Bucal em Pacientes com Diabetes Mellitus está aliado a linhas de pesquisa sobre o tema e conta com a participação de alunos da graduação, na modalidade iniciação científica (PROIC) ou trabalho de conclusão de curso, alunos de pós graduação e cirurgiões-dentistas. No semestre de 2019/2, 22 alunos estavam cadastrados, compreendendo alunos do primeiro ao sétimo período do curso de Odontologia, 18 alunos do PROIC, cinco alunos de mestrado, sete cirurgiões-dentistas voluntários, dois técnicos de laboratório e dez professores de diferentes áreas odontológicas. Existe, ainda, uma integração interinstitucional e com laboratórios na área de Microbiologia e Imunologia na forma de parcerias importantes junto à Faculdade Medicina da UnB e outras instituições nacionais e internacionais, como a University of Leeds, Reino Unido.

Mediante as evidências de que o diabetes representa um importante fator de risco às doenças periodontais e que estas, por sua vez, podem interferir no diabetes, o manejo adequado do paciente deve estar focado, principalmente, no controle glicêmico do paciente. É importante destacar que o grau de controle do diabetes e a presença associada de comorbidades e/ou complicações sistêmicas determinam a necessidade de ajustes na conduta odontológica, de acordo com cada condição clínica, para maior segurança à saúde geral do paciente. Assim, a atuação e conduta dos cirurgiões-dentistas devem fazer parte e estar em consonância com as demais estratégias reconhecidamente efetivas e importantes para o manejo do paciente com DM. Desta forma, o conhecimento da condição sistêmica e metabólica do paciente permite ao extensionista maior interação com os profissionais responsáveis pelo cuidado do paciente, resultando em benefícios não somente às ações de saúde bucal e periodontal, mas principalmente à saúde sistêmica dos indivíduos com DM.

O atendimento odontológico para o paciente com DM deve estar baseado, primeiramente, na educação em saúde e na implantação de medidas preventivas, uma vez que a maioria dos pacientes desconhece ou nem sempre são alertados pelos seus médicos sobre as principais repercussões bucais associadas ao Diabetes e o impacto que algumas condições, especialmente, a doença periodontal, podem apresentar na condição sistêmica.

As ações do projeto de extensão objetivam, também, envolver os discentes de diferentes semestres, nas ações preventivas, fornecendo aos pacientes com DM orientações e esclarecimentos quanto aos riscos ocasionados pela doença, por meio de palestras e orientações constantes de promoção de saúde. Tais estratégias são fundamentais para adesão dos pacientes às medidas de promoção e prevenção de saúde, interferindo diretamente com a qualidade do autocuidado e, conseqüentemente, na condição bucal e sistêmica. Como os pacientes com DM apresentam maior suscetibilidade ao desenvolvimento não só da doença periodontal e cárie, como também de alterações salivares e infecções fúngicas, são imprescindíveis ações de educação em higiene bucal para manter o controle efetivo de placa bacteriana.

De uma forma geral, a participação dos discentes no projeto permite-lhes reconhecer o papel do cirurgião-dentista na identificação dos indivíduos de risco para o diabetes, assim como, no diagnóstico das principais alterações bucais observadas nos pacientes com DM. Além disso, prepara-os para ações educativas, preventivas e terapêuticas, de forma integrada com as diferentes áreas das Ciências da Saúde.

Adicionalmente, o projeto propicia aos discentes a oportunidade de intervenção social por meio da promoção de saúde da comunidade e da investigação do processo saúde-doença de forma interdisciplinar, integrando conhecimentos, reconhecendo e respeitando a especificidade de cada área profissional, a fim de alcançar uma abordagem integral dos fenômenos que interferem na saúde de pacientes com diabetes.

E assim, a participação de alunos da graduação e pós-graduação, cirurgiões-dentistas, técnicos de laboratórios e professores cumprem papéis importantes nas

diferentes atividades do projeto, ao mesmo tempo que têm a oportunidade de desenvolver habilidades técnicas, científicas e sociais para uma maior contribuição da Odontologia aos pacientes com DM.

Finalmente, dentro dos propósitos do projeto, espera-se ampliar a sua divulgação para se alcançar um maior número de indivíduos com diabetes residentes no Distrito Federal e entorno, proporcionando-lhes ações preventivas e de intervenção odontológica que resultem na melhoria da saúde bucal e dos possíveis efeitos desta sobre os níveis glicêmicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMUSAWI, M. A.; GOSADI, I.; ABIDIA, R.; ALMASAWI, M. et al. Potential risk factors for dental caries in Type 2 diabetic patients. *Int J Dent Hyg*, 16, n. 4, p. 467-475, Nov 2018.

BAKSHI, D.; KAUR, G.; SINGH, D.; SAHOTA, J. et al. Estimation of Plasma Levels of Tumor Necrosis Factor- α , Interleukin-4 and 6 in Patients with Chronic Periodontitis and Type II Diabetes Mellitus. *J Contemp Dent Pract*, 19, n. 2, p. 166-169, Feb 2018.

BASCONES-MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ-FEBLES, J.; SANZ-ESPORRÍN, J. Diabetes and periodontal disease. Review of the literature. *Am J Dent*, 27, n. 2, p. 63-67, Apr 2014.

BASCONES-MARTÍNEZ, A.; MUÑOZ-CORCUERA, M.; BASCONES-ILUNDAIN, J. [Diabetes and periodontitis: A bidirectional relationship]. *Med Clin (Barc)*, 145, n. 1, p. 31-35, Jul 2015.

CABANILLAS-BALSERA, D.; MARTÍN-GONZÁLEZ, J.; MONTERO-MIRALLES, P.; SÁNCHEZ-DOMÍNGUEZ, B. et al. Association between diabetes and nonretention of root filled teeth: a systematic review and meta-analysis. *Int Endod J*, 52, n. 3, p. 297-306, Mar 2019.

CAMARGO, G. A.; LIMA, M. E. A.; FORTES, T. V.; DE SOUZA, C. S. et al. Effect of periodontal therapy on metabolic control and levels of IL-6 in the gingival crevicular fluid in type 2 diabetes mellitus. *Indian J Dent Res*, 24, n. 1, p. 110-116, 2013 Jan-Feb 2013.

CARRAMOLINO-CUÉLLAR, E.; LAURITANO, D.; SILVESTRE, F. J.; CARRINCI, F. et al. Salivary flow and xerostomia in patients with type 2 diabetes. *J Oral Pathol Med*, 47, n. 5, p. 526-530, May 2018.

FOIA, L.; TOMA, V.; UNGUREANU, D.; AANEI, C. et al. [Relationship diabetes mellitus-periodontal disease: etiology and risk factors]. *Rev Med Chir Soc Med Nat Iasi*, 111, n. 3, p. 748-753, 2007 Jul-Sep 2007.

GRAVES, D. T.; KAYAL, R. A. Diabetic complications and dysregulated innate immunity. *Front Biosci*, 13, p. 1227-1239, Jan 2008.

HAYASHI, J.; HASEGAWA, A.; HAYASHI, K.; SUZUKI, T. et al. Effects of periodontal treatment on the medical status of patients with type 2 diabetes mellitus: a pilot study. *BMC Oral Health*, 17, n. 1, p. 77, Apr 2017.

HIRATA, T.; FUCHIDA, S.; YAMAMOTO, T.; KUDO, C. et al. Predictive factors for tooth loss during supportive periodontal therapy in patients with severe periodontitis: a Japanese multicenter study. *BMC Oral Health*, 19, n. 1, p. 19, 01 2019.

HSU, P. C.; WU, H. K.; HUANG, Y. C.; CHANG, H. H. et al. The tongue features associated with type 2 diabetes mellitus. *Medicine (Baltimore)*, 98, n. 19, p. e15567, May 2019.

HUANG, S.; DANG, H.; HUYNH, W.; SAMBROOK, P. J. et al. The healing of dental extraction sockets in patients with Type 2 diabetes on oral hypoglycaemics: a prospective cohort. *Aust Dent J*, 58, n. 1, p. 89-93, Mar 2013.

IACOPINO, A. M. Periodontitis and diabetes interrelationships: role of inflammation. *Ann Periodontol*, 6, n. 1, p. 125-137, Dec 2001.

IZUORA, K.; EZEANOLUE, E.; SCHLAUCH, K.; NEUBAUER, M. et al. Impact of periodontal disease on outcomes in diabetes. *Contemp Clin Trials*, 41, p. 93-99, Mar 2015.

JEPSEN, S.; CATON, J. G.; ALBANDAR, J. M.; BISSADA, N. F. et al. Periodontal manifestations of systemic diseases and developmental and acquired conditions: Consensus report of workgroup 3 of the 2017 World Workshop on the Classification of Periodontal and Peri-Implant Diseases and Conditions. *J Periodontol*, 89 Suppl 1, p. S237-S248, Jun 2018.

KATAGIRI, S.; IZUMI, Y. [Diabetes and oral disease]. *Clin Calcium*, 22, n. 1, p. 49-55, Jan 2012.

KING, G. L. The role of inflammatory cytokines in diabetes and its complications. *J Periodontol*, 79, n. 8 Suppl, p. 1527-1534, Aug 2008.

LAKSCHEVITZ, F.; ABOODI, G.; TENENBAUM, H.; GLOGAUER, M. Diabetes and periodontal diseases: interplay and links. *Curr Diabetes Rev*, 7, n. 6, p. 433-439, Nov 2011.

LAUKKANEN, E.; VEKALAHTI, M. M.; KOTIRANTA, A. K. Impact of systemic diseases and tooth-based factors on outcome of root canal treatment. *Int Endod J*, May 2019.

LIU, R.; BAL, H. S.; DESTA, T.; KROTHAPALLI, N. et al. Diabetes enhances periodontal bone loss through enhanced resorption and diminished bone formation. *J Dent Res*, 85, n. 6, p. 510-514, Jun 2006.

MAJBAUDDIN, A.; TANIMURA, C.; AOTO, H.; OTANI, S. et al. Association between dental caries indicators and serum glycated hemoglobin-levels among patients with type 2 diabetes mellitus. *J Oral Sci*, 61, n. 2, p. 335-342, 2019.

MARIGO, L.; CERRETO, R.; GIULIANI, M.; SOMMA, F. et al. Diabetes mellitus: biochemical, histological and microbiological aspects in periodontal disease. *Eur Rev Med Pharmacol Sci*, 15, n. 7, p. 751-758, Jul 2011.

MORIMOTO-YAMASHITA, Y.; ITO, T.; KAWAHARA, K.; KIKUCHI, K. et al. Periodontal disease and type 2 diabetes mellitus: is the HMGB1-RAGE axis the missing link? *Med Hypotheses*, 79, n. 4, p. 452-455, Oct 2012.

NAGUIB, G.; AL-MASHAT, H.; DESTA, T.; GRAVES, D. T. Diabetes prolongs the inflammatory response to a bacterial stimulus through cytokine dysregulation. *J Invest Dermatol*, 123, n. 1, p. 87-92, Jul 2004.

NAZIR, M. A.; ALGHAMDI, L.; ALKADI, M.; ALBEAJAN, N. et al. The burden of Diabetes, Its Oral Complications and Their Prevention and Management. *Open Access Maced J Med Sci*, 6, n. 8, p. 1545-1553, Aug 2018.

NEGRATO, C. A.; TARZIA, O. Buccal alterations in diabetes mellitus. *Diabetol Metab Syndr*, 2, p. 3, Jan 2010.

NISHIMURA, F. , IWAMOTO, Y., SOGA, Y. The Periodontal host response with diabetes, v. 43, p. 245-53, 2007. doi:10.1111/j.1600-0757.2006.00171.x

PACIOS, S.; KANG, J.; GALICIA, J.; GLUCK, K. et al. Diabetes aggravates periodontitis by limiting repair through enhanced inflammation. *FASEB J*, 26, n. 4, p. 1423-1430, Apr 2012.

PIVARI, F.; MINGIONE, A.; BRASACCHIO, C.; SOLDATI, L. Curcumin and Type 2 Diabetes Mellitus: Prevention and Treatment. *Nutrients*, 11, n. 8, Aug 2019.

RADOVIÄ†, K.; OBRADOVIÄ†-DJURIAÄ†, K.; Ä†EAIROVIÄ†, A.; GLIAÄ†, M. et al. Prosthetic treatment after teeth extractions in patients with type 2 diabetes mellitus. *Srp Arh Celok Lek*, 144, n. 9-10, p. 474-477, 2016 Sep-Oct 2016.

ROVAL, E. S.; SOUTO, M. L.; GANHITO, J. A.; HOLZHAUSEN, M. et al. Efficacy of Local Antimicrobials in the Non-Surgical Treatment of Patients With Periodontitis and Diabetes: A Systematic Review. *J Periodontol*, 87, n. 12, p. 1406-1417, Dec 2016.

SALVI, G. E.; BECK, J. D.; OFFENBACHER, S. PGE2, IL-1 beta, and TNF-alpha responses in diabetics as modifiers of periodontal disease expression. *Ann Periodontol*, 3, n. 1, p. 40-50, Jul 1998.

SANTOS TUNES, R.; FOSS-FREITAS, M. C.; NOGUEIRA-FILHO, G. A. R. Impact of periodontitis on the diabetes-related inflammatory status. *J Can Dent Assoc*, 76, p. a35, 2010.

SESHIMA, F.; NISHINA, M.; NAMBA, T.; SAITO, A. Periodontal Regenerative Therapy in Patient with Chronic Periodontitis and Type 2 Diabetes Mellitus: A Case Report. *Bull Tokyo Dent Coll*, 57, n. 2, p. 97-104, 2016.

SISLI, S. N. Evaluation of the Relationship Between Type II Diabetes Mellitus and the Prevalence of Apical Periodontitis in Root-Filled Teeth Using Cone Beam Computed Tomography: An Observational Cross-Sectional Study. *Med Princ Pract*, Apr 2019.

STRUCH, F.; DAU, M.; SCHWAHN, C.; BIFFAR, R. et al. Interleukin-1 gene polymorphism, diabetes, and periodontitis: results from the Study of Health in Pomerania (SHIP). *J Periodontol*, 79, n. 3, p. 501-507, Mar 2008.

SUN, W. L.; CHEN, L. L.; ZHANG, S. Z.; REN, Y. Z. et al. Changes of adiponectin and inflammatory cytokines after periodontal intervention in type 2 diabetes patients with periodontitis. *Arch Oral Biol*, 55, n. 12, p. 970-974, Dec 2010.

TAYLOR, G. W. Bidirectional interrelationships between diabetes and periodontal diseases: an epidemiologic perspective. *Ann Periodontol*, 6, n. 1, p. 99-112, Dec 2001.

THORSTENSSON, H.; KUYLENSTIERNA, J.; HUGOSON, A. Medical status and complications in relation to periodontal disease experience in insulin-dependent diabetics. *J Clin Periodontol*, 23, n. 3 Pt 1, p. 194-202, Mar 1996.

XU, J. L.; MENG, H. X.; HE, L.; WANG, X. E. et al. The Effects of Initial Periodontal Therapy on the Serum Receptor Activator of Nuclear Factor- κ B Ligand/Osteoprotegerin System in Patients With Type 2 Diabetes Mellitus and Periodontitis. *J Periodontol*, 87, n. 3, p. 303-311, Mar 2016.

YOO, J. J.; KIM, D. W.; KIM, M. Y.; KIM, Y. T. et al. The effect of diabetes on tooth loss caused by periodontal disease: A nationwide population-based cohort study in South Korea. *J Periodontol*, 90, n. 6, p. 576-583, Jun 2019.

A EXTENSÃO EM QUARENTENA: COMUNICAR EM TEMPOS DE COVID-19

Extension in Quarantine: Communication in times of COVID-19

Diego Rodrigues de Loiola
diegoloiola18@gmail.com
Departamento de Sociologia/Instituto de Ciências Sociais

Julia Ingrid Santos Dourado
juliasdourado04@gmail.com
FCE / UnB

Otto Leone Corrêa
correa.otto@gmail.com
Instituto de Psicologia / UnB

Wanessa Oliveira Paes Landim
wanessapaes123@gmail.com
Departamento de Sociologia/Instituto de Ciências Sociais

RESUMO

O presente relato de experiência visa apresentar a estratégia utilizada pelo Programa Especial Extensão e Comunicação em Rede durante o período de pandemia entre março e dezembro de 2020 com o objetivo de visibilizar as ações realizadas pela universidade no enfrentamento à crise de saúde, além de disponibilizar a partir das redes sociais, como o *youtube* e o *instagram*, fontes de informação de qualidade em relação a cuidados em saúde, contextualizados às diferentes configurações sociais que se apresentam, entendendo os efeitos desiguais que o vírus provoca, principalmente a partir das dinâmicas de opressão gênero-raça-classe. Pretende-se discutir o espaço privilegiado das redes sociais para a comunicação, antes e durante a pandemia, e como a desresponsabilização Estatal tem suscitado um emprego inadequado da informação, a ser corrigido por uma comunicação popular: voltada à autonomia, em relação a atitudes coletivas e individuais, com caráter protetivo e, portanto, de maior responsabilidade dos meios de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade, Extensão, Comunicação, redes sociais, COVID-19.

ABSTRACT

The present experience report aims to present the strategy used by the Special Network Extension and Communication Program during the pandemic period between March and December 2020, in order to make visible the actions taken by the university in coping with the health crisis, in addition to making available from social networks, such as youtube and instagram, sources of quality information on health, contextualized to the different social configurations that appear, understanding the unequal effects that the virus causes, mainly the dynamics of oppression of gender, race and class. It is intended to discuss the privileged space of social networks for communication, before and during the pandemic, and how the State's lack of responsibility has caused an inappropriate use of information, to be corrected by popular communication: focused on autonomy, in relation to collective attitudes and individual, with a protective character and, therefore, greater responsibility of the media.

KEY-WORDS: University, Extension, Communication, social networks, COVID-19.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência visa apresentar a estratégia utilizada pelo Programa Especial Extensão e Comunicação em Rede, estabelecido pela Resolução da Câmara de Extensão Nº 04/2018/2019, durante o período de pandemia. Tivemos como objetivo visibilizar e disponibilizar a partir das redes sociais, como o *youtube* e o *instagram*, informação responsável e de qualidade. Esse relato foi também submetido como resumo expandido para apresentação no Congresso Latinoamericano e Caribenho de Extensão e Ação Social Universitária em Outubro de 2021. A intenção era de que criássemos uma rede de comunicação, a qual executou-se a partir da produção e divulgação de informações que perpassam diversos temas. Dentre os conteúdos, houve divulgação de ações realizadas pela universidade no enfrentamento à crise de saúde, relatos de coordenadores (as) de extensão, comentários de temas pertinentes ao momento, e algumas outras ações vinculadas a extensão e a universidade. Quaisquer das nossas propostas pretendiam, e para isso nos empenhamos, assumir um cunho de crítica social, contextualizada às diferentes configurações socioeconômicas que se apresentam, e que também portassem consigo a possibilidade de reflexão para além daquilo por nós expresso.

Cabe-nos descrever a conjuntura vigente durante a construção de todo esse movimento: a pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2. A pandemia intensificou processos de crise societária não inéditas, que por sua vez ganharam novos contornos, como é o caso da própria capacidade comunicativa. Nesse caso, além das *fake-news* atuarem significativamente na possibilidade de controle político e ideoló-

gico, igualmente revelaram seus efeitos centrais de biossegurança (Neto et. al, 2020; Vasconcellos-Silva & Castiel, 2020). Surge como efeito de uma possível, porém decadente resposta à desinformação o excesso de produção de informações, notícias e portais vinculando evidências científicas ainda pouco exploradas, conflitivas, que inevitavelmente dificultam a tomada de decisões e organização social, caracterizando o que se escreve na literatura como infodemia (Garcia & Duarte, 2020).

Assim, aponta-se que a informação de qualidade torna-se a principal aliada no combate à pandemia do novo coronavírus. Uma comunicação voltada à autonomia, em relação a atitudes coletivas e individuais, atua de forma protetiva, indicando a necessidade de maior responsabilidade dos meios de comunicação. O jornalismo profissional, inserido nos meios de comunicação tradicionais como televisão e rádio, nesse momento de isolamento social, tem recebido mais atenção de sua audiência (Filho, 2020). Entretanto as redes sociais digitais, em especial o *WhatsApp* e *Facebook*, lugares comuns de disseminação de *fake-news*, têm disputado não só os regimes de verdade, quanto a própria confiabilidade acerca da notícia e informação em saúde (Vasconcellos-Silva & Castiel, 2020), levando a um questionamento radical do fazer comunicativo.

Alia-se ao cenário de infodemia a postura do Estado de apresentar informações conflituosas e de se eximir da construção de uma estratégia plena de enfrentamento ao vírus, concretizada na falta de testes para a constatação dos reais portadores, falta de planejamento de políticas federais efetivas, seja na educação, no saneamento, nas inadequadas condições trabalhistas e na flexibilização precoce do distanciamento social. Expõe-se nesse sentido as dinâmicas estatais de vulnerabilização desiguais, a que se delineiam mais fortemente as dinâmicas raciais, em que o Estado é responsável direto pelo agravamento do número de óbitos, a que se frequentemente conceitua-se como necropolítica (Vasconcellos-Silva & Castiel, 2020; Filho, 2020; Neto et. al, 2020).

Recorrer às redes sociais é não só resultado desse contexto de ausência de políticas estatais concretas, mas também à própria dinâmica de plataformização das redes, fenômeno que transforma a relação com a internet em uma relação baseada na interação com grandes conglomerados e monopólios de informação e dados, como é o próprio caso do *whatsapp*, que faz parte do monopólio do *facebook*, ao lado também do *Instagram*, ou o caso do Google, com seus variados produtos entre eles o próprio *YouTube*. Apesar de possuírem a premissa de maior horizontalização dos dados e da relação entre os usuários, esses são em verdade concentradores de informação e Capital, e atuam na distribuição de informação de maneira desigual e tendenciosa, o que torna a possibilidade de um fazer comunicativo atravessado pelas dinâmicas de financeirização da informação e nos fluxos de visualização, regidos por patentes e sigilos de fluxo (Amadeu Silveira, 2020; Silva, 2020).

Apesar da concentração de dados, as redes sociais também apresentam uma fresta possível para construção de uma informação outra, diferente daquela hegemônica produzida nos veículos tradicionais. Em meio ao conflito da postura estatal e

da desconfiança em relação aos grandes meios de comunicação é possível que uma comunicação popular, alternativa, entre e para comunidades, produzida por movimentos sociais, em grupos não governamentais, possa transformar o sentido atribuído à informação, hoje representado pelo consumo e reprodução capitalista, para um voltado à autonomia, pertencimento e reconhecimento, principalmente pautada na agência dos sujeitos sociais e sua capacidade de se responsabilizar coletivamente por crises sociais (Notaroberto, 2020, no prelo; Vasconcellos-Silva & Castiel, 2020)

A comunicação social é constituída por um conjunto de expressões comunicacionais, tais como vídeos, blogs, redes sociais e etc. e visa a transformação social (Notaroberto, 2020, no prelo) através da participação ativa dos sujeitos, ou seja, busca reconhecer que os sujeitos são capazes de promover a transformação social no âmbito dos contextos que ocupam, visibilizando o processo comunitário. Assim, essa comunicação, diferente da comunitária, busca formas de ruptura por meio da construção de uma hegemonia popular, ou seja, a comunicação popular/alternativa/social não visa ser mais um veículo comunicacional, como os meios tradicionais, e sim, questionar a forma de produção até então feita, se a comunicação tem sido conscientizadora/libertadora ou apenas reforça o apassivamento subjetivo e reprodução da ótica capitalista de reprodução/consumo.

Paulo Freire, pensando a partir da educação, acrescenta em todas as áreas a discorrer sobre comunicação. Para o educador, a formulação do conhecimento e consequentemente a emancipação da população (no texto em questão, a população do campo) deve se dar de forma horizontal a partir da comunicação, e não de maneira vertical, onde aqui o autor refuta a etimologia da palavra extensão como uma transmissão de conhecimento onde perde-se a particularidade e diálogos possíveis que poderiam ser emancipadores. Freire irá defender uma comunicação onde ocorra uma soma de conhecimentos e possibilite a transformação. A ideia é conhecer o seu público, sua cultura, falar da maneira como falam e fazê-los se sentirem identificados com aquele diálogo e raciocínio questionador. Com o diálogo problematizador da realidade pretende-se humanizar e fomentar o pensamento crítico, que por sua vez só é possível quando a transmissão de informações é questionada e criticada nesse processo (Freire, 2015).

O processo de promover uma comunicação de fato popular é pautado em luta, resistência, política, e sobrevivência das narrativas que batem de frente com a ótica mercantilista dos veículos tradicionais. Logo, faz-se necessário a Universidade incentivar que diversas comunicações sejam debatidas e promovidas no âmbito acadêmico, como também de ir contra a ideia produtivista e consumista da sociedade capitalista que visa promover uma única narrativa da indústria cultural.

Assim, surge o Programa Especial do Decanato de Extensão - Extensão e Comunicação em Rede: Informação, formação e organização social integrando a Universidade à sociedade, como uma comunicação popular nas redes sociais que tem como o intuito difundir as múltiplas narrativas produzidas interna e externamente acerca da Universidade de Brasília (UnB), através de vídeos, post explicativos produzidos pelos coordenadores de curso/projetos, técnicos, graduandos, bolsistas

do projeto, movimentos sociais, entre outros atores, para que as vozes/rostos sejam diversos e as narrativas sejam contadas por quem as produziu. Além de incentivar as produções feitas na Universidade para que também alcancem espaço fora da comunidade acadêmica. O objetivo do programa é potencializar a visibilidade das ações de extensão da universidade, a partir da produção de mecanismos de divulgação em redes sociais, nas mais diferentes linguagens, a fim de ampliar a interface universidade e sociedade. Durante a pandemia avaliou-se importante dar ênfase principalmente à organização da extensão em relação à possibilidade de enfrentamento à crise, seja a partir das ações diretas realizadas pela universidade, seja pela possibilidade de cuidado entre pares, a partir da troca de experiências e vivências durante esse período inédito de crise social.

METODOLOGIA

O programa estratégico de 2020 começa logo após o início do isolamento social devido a pandemia do COVID-19 no Brasil e desde então segue no trabalho à distância, sem sequer que as membras integrantes tenham colaborado pessoalmente. Inicialmente por e-mail, o contato se desenvolveu a partir de reuniões através do *Google Meet*. Posteriormente, com o início do semestre letivo 1/2020 na UnB, passaram a ocorrer pelo *Microsoft Teams*, o que possibilitou a interação de todas as integrantes ao mesmo tempo num mesmo espaço/documento.

A equipe inicialmente composta por 7 pessoas adaptou-se à vida online por meio das reuniões e atingiu a formação de um grupo horizontal, produtivo e respeitoso. Conversas iam desde uma espécie de capacitação a respeito da comunicação e dos projetos, até os feedbacks coletivos sobre os produtos um dos outros e logo, os coletivos. Assim, organizados num diálogo uma vez por semana “ao vivo” e com a interação constante no *whatsapp*, foi possível constituir funcionalidades que respeitassem as individualidades e o momento pandêmico, o que possibilitou que ainda sim fôssemos produtivos.

Em um primeiro ciclo, em reunião ordinária, tratou-se de organizar a estrutura produtiva a partir do estabelecimento de função para cada bolsista, sendo 1 para comunicação com as pessoas convidadas que compunham e viriam à rede; 2 na edição de vídeos para o *YouTube*; e 2 no comando da criação de conteúdo para o *Instagram*. Funções as quais não foram limitantes e não se restringiam. Além de que eventualmente alguma integrante aparecia no próprio vídeo do youtube comunicando o assunto em pauta ou em alguma imagem/vídeo no *instagram*.

Utilizando-se dos próprios aparelhos eletrônicos, o circuito de produção fluía da seguinte forma: o encontro semanal operava no intuito de avaliar como estava o andamento da comunicação com a rede de contatos, que produziriam seus respectivos vídeos de depoimento, e quais seriam as publicações das semanas seguintes. Também era feito um balanço do trabalho e de como esse vinha se expandindo, ou seja, discutíamos os resultados e as experiências. Depois do cronograma disposto

numa planilha e os respectivos vídeos de depoimentos já no *Google Drive*, a edição ocorria com orientação constante num grupo específico no *WhatsApp*. Quando finalizado, o produto era encaminhado ao grupo geral para os *feedbacks* de toda a equipe. Apontamentos feitos e reformulados, o vídeo estava pronto para o *YouTube*. Assim realizado, o processo seguia na divulgação do *link* pelo *WhatsApp* e através do *Instagram*. Ademais, quando algum vídeo da semana era protagonizado por algum dos bolsistas, o roteiro era construído em conjunto.

No ciclo seguinte aderiu-se ao rodízio de funções e à construção mais intensa e conjunta de vídeos com assuntos específicos para os Fonte de Informação e não só assuntos voltados para os projetos de extensão. Nessa fase o ritmo de postagem de vídeos no canal desacelerou, respeitando as diversas dificuldades crescentes da pandemia, e as reuniões seguiram o foco de maior discussão, busca de fontes e construção coletiva dos roteiros dos vídeos. Ainda assim, o cronograma e as avaliações a respeito do crescimento, do próprio trabalho e dos próximos passos continuaram.

As postagens no *Instagram* seguiam um cronograma detalhado em uma planilha e todos esses conteúdos passavam pela avaliação do grupo geral antes de serem publicados. Os assuntos das publicações podiam variar e se adequar ao momento oportuno, como também reforçar ou complementar os vídeos do *YouTube*. Na rede social também foi planejada e executada uma transmissão ao vivo por todos os bolsistas, com os mesmos conduzindo a exposição. A *live* (transmissões ao vivo) fez parte da programação da quinta edição do projeto UnB Perto de Você, no dia 5 de junho. A plataforma também possibilitou, além de publicações no *feed* (reúne todas as publicações do perfil e serve como um resumo do conteúdo que você produz), a criação de *reels* (vídeos curtos e virais de até 15 segundos) e *IGTVs* (vídeos longos com mais de 60s), ambos também com criação e *feedbacks* coletivos.

Ainda, toda semana recebíamos por meio do e-mail do projeto um vídeo temático dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) do programa especial “UnB 2030: Sustentabilidade e Desenvolvimento Inclusivos”. Com descrição do vídeo e legenda do apresentador prontas, o vídeo seguia para edição onde passava por todo o processo comum referido acima. A respeito da edição dos vídeos, eram feitos através do computador disponível dos próprios bolsistas e executada no software *Adobe Premiere Pro CC*.

RESULTADOS

Podemos separar as atividades desenvolvidas pelo programa em quatro momentos distintos (a): entre março e abril de 2020: capacitação de bolsistas, teste e formulação de uma proposta de comunicação, (b) entre abril e maio: produção de vídeos, articulação com diferentes segmentos da universidade, (c) junho a setembro: reformulação da proposta de comunicação a partir dos desdobramentos da pandemia e atuação intensificada no *Instagram* e (d) de outubro a dezembro: criação do evento “UnB Perto de Você - Comunicando a Extensão” e próximos passos.

No total, foram produzidos 39 vídeos para o *YouTube* de março a setembro, 46 posts no *Instagram*, 12 *IGTV's*, 1 *live*, 7 *reels* e um evento síncrono com 3 transmissões ao vivo. O programa estratégico em sua conta no *Instagram* chegou a ter três *reels* que alcançaram cerca de mil visualizações.

A partir dos dados informados pelo *Instagram*, conhecemos a audiência do nosso perfil sendo, 46% do público parte da faixa etária dos 18 a 24 anos e composto por 67% de mulheres. Os últimos 14 posts tiveram o alcance de mais de 100 pessoas e os 4 últimos passam de 250 contas alcançadas. Em um total de 46 posts realizados, houve 1130 curtidas, 238 compartilhamentos, além de um crescimento de 735% de seguidores desde o 1º post em março de 2020.

Todas as produções e ações abaixo podem ser encontradas no nosso canal no *YouTube* e perfil do *Instagram*, ambos identificados com o nome Extensão e Comunicação em Rede.

Março-Abril 2020

As atividades se iniciaram no dia 26 de março de forma remota, a partir de um grupo operativo no *WhatsApp*, tendo sido realizadas as reuniões semanalmente a partir de plataformas digitais como o *Google Meets* e *Microsoft Teams*. Nesse momento foram realizados testes de vídeo e capacitações com os bolsistas participantes do projeto, incluindo a discussão de textos acerca do conceito de extensão, de comunicação popular e apreciação do relatório de atividades do primeiro semestre do programa no ano de 2019. Posteriormente, a equipe foi separada para fins de trabalho em três níveis, (a) produção - mais focada na elaboração de roteiros de vídeo, e também na manutenção da página do *instagram*, (b) edição - responsável pelo tratamento técnico dos vídeos, (c) articulação - atuação direta com agentes sociais da universidade, elaborando convites e possibilidades de atuação conjunta. A organização do trabalho manteve a possibilidade de atuação em mais de uma equipe, rodízio e horizontalidade das ações, que eram discutidas coletivamente na reunião ordinária.

Para sermos assertivos ao fim que nos propomos, era necessário desenvolver uma comunicação visual, facilitando o entendimento do público e o alinhando com o verdadeiro posicionamento do programa para que os resultados fossem positivos.

Criar uma identidade visual é trabalhoso, pois envolve processos semióticos para representar a marca de uma forma acessível. Por isso, foi necessário buscar reforço, contamos então com a ajuda da Simone Menezes, integrante do programa Terra em Cena, e iniciamos a construção. O conceito poético foi desenvolvido inicialmente baseando-se em um poema de Heinrich Heine intitulado “Os tecelões da Silésia”. Já na pesquisa de referência, termos como “rede”, “voz”, “comunicação”, “divulgação”, “conexão”, foram utilizados para criar o *brainstorm*. Após essa coleta inicial, observamos que as formas que melhor representam o programa são a mandala, rizomática e reverberação. Com a mandala, representamos nosso foco - a extensão, com a rizomática, capilarizamos a nossa mensagem - a rede, e a reverberação, sim-

bolizando o nosso objetivo - comunicar. A tipografia também foi pensada. Utilizando de fontes *san-serif*, escolhemos aquelas que transmitisse clareza, leveza e organização.

A cor de destaque escolhida foi o amarelo, utilizada para sinalizar, para apontar algo; conectado com o objetivo do programa de apontar o que é produzido pela extensão, e cinza e preto como complementares. Por fim, após a primeira ideia definida e do desenvolvimento de alguns protótipos que foram ajustados no tempo recorde de duas semanas, chegamos ao resultado final da nossa identidade visual, refletindo tudo o que o programa nasceu para ser: comunicação e extensão em rede.

O primeiro vídeo produzido foi lançado no dia 31 de março, estreando o quadro “O que fazer na Quarentena?” destinado ao compartilhamento de vivências a partir do distanciamento social, com a presença da professora Dulce Rocha da Faculdade de Planaltina. Nesse momento foram definidos também os quadros “Comunicando a Extensão”, destinado ao compartilhamento da atuação extensionista durante a quarentena, o “Notícias do Estrangeiro” com depoimentos de pesquisadores, discentes e técnicos vinculados à universidade que estivessem vivendo em outros países, o “Fontes de Informação” conosco protagonizando, apresentando e discutindo informações de qualidade acerca do coronavírus e também “Entrevistas” com profissionais que possuíssem pesquisas e atividades relacionadas ao enfrentamento do vírus. Para além disso, consolidamos a parceria com o Programa Especial de Extensão UnB 2030 Sustentabilidade e Desenvolvimento Inclusivo, em que eles realizaram vídeos sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), foram produzidos dois vídeos a respeito do assunto em nossas redes sociais.

A estratégia utilizada no *Instagram* é a de transformar em *post* (publicação que pode ter o formato de imagem, vídeo, texto, áudio ou todos eles juntos) aquilo discutido nos vídeos, utilizando-se de diferentes estratégias (a) *cards* (são imagens criadas com o padrão da sua empresa, seu logotipo e que seguindo a identidade visual da sua marca), imagens com pequenos textos complementares à discussão apresentada no vídeo e (b) pequenos trechos de vídeo postados no *feed*. O objetivo é poder circular os vídeos produzidos de maneira complementar e redirecionar o tráfego de acessos ao *YouTube* oficial do projeto.

Até o final de abril foram produzidos 18 vídeos: 6 Fontes de Informação, 4 Comunicando a Extensão, 3 Notícias do Estrangeiro, 2 O que fazer na Quarentena, 1 Entrevista e 2 vídeos UnB 2030 (ODS) e 9 posts no Instagram.

Abril - Junho 2020

Em abril, demos início a produção da série Fontes de Informação, protagonizada pelos bolsistas do projeto, totalizando 6 vídeos neste mês. Além de iniciarmos a confecção de Entrevistas. A primeira entrevista que realizamos foi com a professora Tatiana Lionço da Faculdade de Comunicação da UnB a respeito de assuntos como *Fake News*, quarentena, isolamento social, violência contra mulher e possibilidades de transformação nesse período.

Já em maio, continuamos as séries que tínhamos iniciado no mês de abril. Realizamos nossa primeira parceria com outro projeto de extensão para a divulgação em nossas redes que foi o Hackathon da Faculdade do Gama (FGA). Nesse momento, além de estreitar os laços com outros projetos, também pode-se notar maior repercussão nas redes sociais do projeto. Nesse período, foram produzidos três vídeos sobre os ODS e realizamos nossa segunda entrevista, dessa vez com a Silvia Ribeiro, professora e coordenadora de extensão da Faculdade de Saúde (FS) da Universidade de Brasília, na qual nos relatou sobre as ações da Extensão nesse período de pandemia. Além dessa entrevista, também entrevistamos a Natália Cordeiro, representando o Fórum de Mulheres de Pernambuco, que nos contou sobre a atuação do Fórum no período de quarentena, o Estado brasileiro, violência contra mulher e a falta de água.

O mês de maio também contou com Notícias do estrangeiro vindo da Rússia, que foi o caso do Eduardo Roberto, ex-aluno da UnB. Esse vídeo gerou engajamento e a maior quantidade de *views* em nosso canal do YouTube até então não visto. Ao final do mês foram produzidos mais 11 vídeos: 3 Comunicando a Extensão, 1 Notícias do Estrangeiro, 2 O que fazer na Quarentena, 2 Entrevista e 3 vídeos UnB 2030(ODS) e 11 posts no Instagram.

Em junho, continuamos com as estratégias dos meses anteriores e as séries de vídeos. Porém, nesse período iniciamos uma espécie de 2ª temporada do Fonte de Informação em que os bolsistas do programa através das reuniões ordinárias escolhiam um tema específico e abordavam esse assunto de forma mais aprofundada em vídeos um pouco mais longos, chegando até os 10 minutos. Essa série, neste mês, abordou o tema dos entregadores de aplicativo, discussão válida para o momento do que foi chamado “Breque dos Apps”, representando a greve nacional dos entregadores de aplicativo. O tema se tornou tão relevante para o momento em que foi publicado, que o *post* sobre o assunto viralizou no *Instagram*, apresentando o maior alcance do perfil. Até o final do mês de junho foram produzidos mais 4 vídeos: 1 Fontes de Informação - 2ª temporada, 3 vídeos UnB 2030 (ODS) e 8 posts no Instagram.

Julho - Setembro 2020

A partir de julho, o Extensão e comunicação em rede começa a se preparar novamente para uma mudança de formato, expansão da rede e aprimoramento dos conteúdos para produtos com ainda mais qualidade.

O primeiro vídeo de julho segue com a continuação da parceria com o programa de extensão UnB 2030 onde foi publicado o vídeo do “Objetivo 10: Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles”, o qual finaliza a cooperação de edição com o programa, que passou a fazer suas próprias publicações. É notável que a parceria ocorreu de forma formidável e trouxe aprendizados, benefícios e amplo alcance para ambos os programas, além de possibilitar ao público um excelente debate e conteúdo.

Ainda em Julho colocamos em ação os próximos vídeos comentários do “Fontes de informação - 2ª temporada” com o “Pós greve dos entregadores de aplicativo” e o “Transporte público e a pandemia”. Esses vídeos seguiram em produção até setembro, seguindo com “Inclusão digital” em agosto e o último a respeito do “ensino remoto emergencial” em setembro encerrando esse 2º ciclo, onde o foco passou para dialogar sobre os próximos passos do programa.

Os vídeos citados acima dispõem de grande conteúdo para o instagram que foi alimentado com algumas informações a respeito do tema, seja através de *posts*, seja a partir dos *reels* ou ambos, e direcionava o público para o vídeo em questão no YouTube. As temáticas envolvidas no “Fontes de informação 2ª temporada” fizeram com que as postagens sobre o tema viralizassem, aumentando, assim, o alcance da rede.

Os posts do instagram foram: 4 pontos importantes sobre mulheres no mercado de trabalho; 3 pontos importantes sobre saúde, bem estar e coronavírus; Coisas que você deveria saber sobre os entregadores de aplicativo; transporte público e a quarentena; inclusão digital; e ensino remoto. Também na rede social colocou-se em prática a parceria com o “Ciclo de debates, o futuro em tempos de pandemia” planejando e divulgando os webinários realizados no canal do youtube da UnBTV.

Nesse momento começou a ser pensada a transição para um novo ciclo de comunicação, expandindo a rede com um formulário recolhendo dados sobre os projetos de extensão, para assim comunicarmos os mesmos com mais efetividade e robustez. A partir do esforço dos meses anteriores, e também com a ajuda da equipe de comunicação do Decanato de Extensão (que seguiu até evento citado no tópico abaixo), foi possível nesse período identificar o longo alcance que atingimos.

Outubro - Dezembro 2020

Com o acontecimento da “Semana Universitária UnB - vinte anos de conexões” no final de setembro, fomos convidados a gravar um vídeo para abertura do evento onde fosse falado um pouco sobre os objetivos da extensão. Ainda que objetivo e conciso, o vídeo fez-se de forma descontraída e com linguajar informal simulando uma reunião, e hoje está disponível no nosso canal do youtube com mais de 300 visualizações.

O programa estratégico seguiu outubro buscando informações e realizando análises de métricas dos canais do youtube, onde aconteceram as exibições do evento supracitado, para transformar em posts que demonstrassem o quão grande e importante a Semana Universitária conseguiu ser mesmo no contexto pandêmico de 2020. Dessas análises surgiram três postagens e 2 *reels* fomentando as mesmas, sendo elas: números de visualizações e países atingidos; por onde a divulgação dos eventos se realizaram de acordo com os links de divulgação; e qual foi o público que mais esteve presente nas lives. Nesse período também começou um processo de legendar os vídeos já produzidos, a fim de ampliar a acessibilidade para esses conteúdos.

Enquanto as informações das postagens citadas eram preparadas, houve a publicação de outras também com lembrete da emissão de certificados pelo SIGAA, divulga-

ção do webinar ‘Arte, cultura e solidariedade para (re)Existir, desde sempre’ e vídeo do projeto de extensão Partilhar compartilhando suas produções, e assim inaugurando novo quadro no instagram, pensado para ser trabalhado melhor no ano de 2021.

Outra proposta que foi pensada nas duas semanas enquanto saíam os números da semana universitária foi o evento ‘UnB perto de você - Comunicando a extensão’. O evento pensado e produzido pela equipe do Extensão e Comunicação em rede foi formulado e executado em menos de um mês. A partir de uma seleção dentre mais de 100 projetos que responderam ao nosso formulário de levantamento das ações circulado no mês de agosto e que continuaram suas ações na pandemia, o evento contou com uma mesa por dia durante três dias.

No primeiro dia de evento, através de transmissão no canal Extensão UnB no Youtube, um bolsista conduziu a conversa “Educação e seus desdobramentos na pandemia” com a participação do projeto Múltiplos Olhares sobre a Lua, do programa Terra em Cena e do projeto Universidade e Escola sem Muros.

A segunda mesa contou com a mediação de dois bolsistas na temática “COVID-19 e seus desdobramentos”. Seguindo o modelo de um diálogo mais fluido, teve a participação dos projetos: COVID-19: informação e cuidado para superar a crise, Laboratório Aberto de Brasília, Ciência pelas Mídias Sociais no Enfrentamento da COVID-19 e Manutenção de Respiradores para Ventilação Invasiva.

Por fim, para encerrar e com fala a respeito da Inserção Curricular da Extensão UnB, a última bolsista guiou a live “Adaptação e criação de projetos em tempos de pandemia” com a presença do projeto Quero Dança, da Liga Acadêmica de Ciências do Movimento e do projeto Doarti: Desenvolvimento de Solução Tecnológica para Potencializar o Processo de Doações no DF.

Assim, com o protagonismo de nós, estudantes de graduação, tanto na produção e execução das transmissões, e também no intuito de que os extensionistas dos projetos convidados protagonizassem de forma igual, fez-se o encerramento das atividades do programa com a equipe de 2020. Equipe que desde outubro pensa em como formular uma estrutura com padrão, recursos e contatos para o próximo ano.

DISCUSSÃO

A partir dos resultados acima, podemos refletir brevemente sobre a importância e a qualidade desses produtos de caráter extensionista, comunicador e reflexivo. Como apresentado de início, uma informação de qualidade é/foi algo primordial no combate à pandemia do coronavírus e durante os 10 meses de programa, as informações, em formatos de vídeos e posts eram pensadas e repassadas por todo o grupo antes da exposição. Os vídeos fontes de informação passavam por uma rigorosa busca de fontes que dialogassem entre si além de adentrar uma etapa onde tais informações eram organizadas e “traduzidas” de modo a ampliar sua acessibilidade.

Nossa comunicação tanto foi autônoma, quanto coletiva. Foi possível às pessoas produzirem depoimentos em relação à própria quarentena que possibilita-

ram refletir, fomentar, sugerir o que sentiam necessidade. A construção coletiva de debates com informações responsáveis e pensadas em conjunto puderam ser melhor visualizadas em vídeos como o da Inclusão digital e o referente à greve dos entregadores de aplicativos, acontecimento conjuntural que refletia as especificidades do momento pandêmico. O evento “UnB Perto de Você - Comunicando a Extensão”, finalizador da produção anual com as três mesas temáticas, acerca da pandemia, extensão e educação, pôde circular mais plenamente as vozes entre os projetos e representou de forma mais explícita esse outro fazer comunicativo.

Desse modo, foi possível construir um processo de elaboração e publicação que fosse contra a disseminação de informação irresponsável e facciosa. O programa se esforçou para introduzir essa outra forma comunicativa, visando construir informações em conjunto, objetivando a comunicação popular, firmando uma imagem na rede possível de ser habitada, ocupada por distintos parceiros de comunicação.

Além disso, procurou-se proporcionar e incentivar uma comunicação que fosse ativa e que se responsabilizasse pelo o que produz e divulga em sua rede. A comunicação popular é a base do Programa Estratégico, em que os atores sociais tenham autonomia para produzir comunicação e que as informações disseminadas sejam verídicas e responsáveis. Foi possível nesse sentido dar lugar a uma produção mais contextualizada e próxima dos atores sociais que compõem a realidade universitária, dentro e fora dos muros - contribuindo significativamente com o enfrentamento dos efeitos infodêmicos - no sentido de que a comunicação percorria um caminho desde às bases, e não só para as bases.

O programa estratégico assumiu um linguajar e uma fluidez na informação, de forma a ser menos robusta e academicista possível, para de fato conversar com o público que nos segue no *Instagram*, sendo sua maioria jovens de 18 a 24 anos (67%). Já no *YouTube*, a linguagem adotada permanecia a mesma empregada no *Instagram*, porém, em alguns vídeos e falas de professores/técnicos/coordenadores a linguagem se modificava para se adequar ao tema levantado, ainda assim com a ideia de ser acessível e inteligível para todos que assistem.

A série Fonte de Informação é exemplar em observar também o processo formativo dos bolsistas integrantes do projeto, principalmente nos últimos vídeos nos quais foi possível maior articulação das temáticas, dinamismo e segurança frente às câmeras. A realidade do COVID-19 fez parte integral da formulação do programa neste ano buscando entendê-la mais criticamente e expandindo essa informação para além do simples cuidado à saúde, para o entendimento de uma comunicação voltada a um enfrentamento coletivo a um momento de crise compartilhado, lançando mão de uma linguagem acessível. Entende-se que o programa estratégico possivelmente é uma iniciativa promissora em seu objetivo de transformação que surge de dentro da universidade, entendendo a universidade enquanto lugar socialmente referenciado e ocupado para além de sua realidade institucional.

CONCLUSÃO

Mesmo diante do isolamento social, da limitação de recursos e da impossibilidade em estar presencialmente gravando e indo até os atores sociais que fomentaram o debate em nosso canal, conseguimos por meio remoto que a extensão e a comunidade fossem interligadas e comunicadas. Além de ampliar a visibilidade do Programa como forma de contribuir com a comunicação já produzida na Universidade de Brasília.

Foi possível observar que houve um aumento considerável de março a dezembro do público da Universidade nas nossas redes sociais e fechamos o ano, no momento dessa escrita, com 518 seguidores (quando no começo o número de seguidores era menor que 100). Porém, não só o aumento de seguidores nos demonstram que atingimos um dos principais objetivos do Programa que é a construção da rede: também atingimos e colaboramos (diretamente) com mais de 15 projetos de extensão e recebemos diversos comentários e feedbacks tanto daqueles que estiveram conosco, quanto daqueles que atingimos indiretamente ao longo do tempo. Acreditamos que com isso possibilitamos a construção de uma base para que os futuros bolsistas, e o futuro do projeto, possam sentir segurança para crescer além. Entendemos que para comunicar é necessário apoio e estrutura. Por isso, a intenção do Programa para 2021 é de fato adicionar os programas de extensão da comunidade em nossas redes, visualizando a consolidação de uma rede múltipla e plural.

Com seu caráter formativo, pudemos aprimorar a importância do fazer comunicação, do ser comunicativo. Tal aprendizado é fundamental para a vida acadêmica e pessoal de cada bolsista. O envolvimento circular da produção foi essencial para o sucesso desse processo, ou seja, desde a formulação de cronogramas e estratégias, até a desenvoltura e linguagem simples e a prática em vídeo - edição e apresentação, todas as funções puderam ser exercidas pelos distintos participantes do programa. A afetividade, respeito e coletividade, premissas de uma outra comunicação, foram essenciais para o fortalecimento do grupo em meio a pandemia, e passou a fazer parte do nosso fazer científico dentro da universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amadeu Silveira, Sergio (2017). GOVERNO DOS ALGORITMOS. Revista de Políticas Públicas, 21(1),267-281. [acesso 10 out 2020]. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=3211/321152454013>

Filho, André Barbosa. (2020) COMUNICAÇÃO E COVID-19 in Capitalismo e a Covid-19 um debate urgente. [acesso em 09 out 2020]; <http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf>

Freire, Paulo. (2015). *Extensão ou Comunicação?* 17. ed. São Paulo: Paz e Terra.

Garcia, L. P. & Duarte, E. (2020). Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde* [online]. v. 29, n. 4 [acesso 10 out 2020] , e2020186. ISSN 2237-9622. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400019>.

Neto M, Gomes T. de O., Porto F. R., Rafael R de M. R., Fonseca M. H. S. & Nascimento J. (2020) Fake news no cenário da pandemia de Covid-19. *Cogitare enferm.* [online]. [acesso em 10 out 2020]; <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>.

Notaroberto, Maria Clara Guaraldo. (2020) *A Comunicação Popular: da origem do conceito à disputa dos campos na Comunicação*. SD. No prelo.

Santos, F. M. R.. (2018). *O Sertão que a TV não Vê: o jornalismo contextualizado com o Semiárido Brasileiro*. Teresina: Edupi.

Vasconcellos-Silva, P. R. e Castiel, L. D. (2020) COVID-19, as fake news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. v. 36, n. 7 [acesso em 10 out 2020] , e00101920. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00101920>.

ANÁLISE DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO MUNICÍPIO DE APARECIDA DE GOIÂNIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Analysis of conservation units in the municipality
of aparecida of goiânia: report of an experience of
university extension

Alex Mota dos Santos

alex.geotecnologias@gmail.com

Professor do curso de Engenharia de Transportes/Universidade Federal de Goiás,
Aparecida de Goiânia, Goiás/Brasil.

Estela Leal Chagas do Nascimento

estela_leal@ufg.br

Professora do curso de Geologia/Universidade Federal de Goiás, Aparecida de
Goiânia, Goiás/Brasil.

Elisa Soares Rocha Barbosa

elisa_barbosa@ufg.br

Professora do curso de Geologia/Universidade Federal de Goiás, Aparecida de
Goiânia, Goiás/Brasil.

Rodrigo de Almeida Heringer

heringer@ufg.br

Professor do curso de Geologia/Universidade Federal de Goiás, Aparecida de
Goiânia, Goiás/Brasil.

Marcília Alves Bezerra Pires

marciliaalves@ufg.br

Técnica Administrativa do curso de Geologia/Universidade Federal de Goiás, Apa-
recida de Goiânia, Goiás/Brasil.

Bruno dos Santos Pereira

brunodssantosp@gmail.com

Estudante do curso de Engenharia de Transportes/Universidade Federal de Goiás,
Aparecida de Goiânia, Goiás/Brasil.

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo revelar uma experiência de extensão universitária que teve como foco analisar a importância da vegetação em áreas urbanas e urbanizadas. Para alcançar o objetivo aplicou-se a metodologia *Hands-on* a partir das atividades de extensão do projeto Aprender Fazendo para estudantes do ensino médio de escolas públicas e estudantes do ensino superior da Universidade Federal de Goiás, Aparecida de Goiânia. Os principais resultados revelaram práticas multidisciplinares de ensino através de atividades em campo. Desse modo, na perspectiva das geociências, realizou-se análises integradas da paisagem nas Unidades de Conservação e da relação entre a geologia local, preservação dos solos com a presença de vegetação nativa e das nascentes. Na perspectiva da cartografia, os estudantes do ensino superior elaboraram mapeamentos temáticos que foram analisados por estudantes do ensino médio.

PALAVRAS-CHAVE: Iniciação científica. Aprender fazendo. Ensino continuado. Extensão universitária.

ABSTRACT

The objective of this article is to present a university extension experience with focus on analyzing the importance of vegetation in urban and developed areas. A hands-on methodology was used to achieve this goal through extension activities from the project “Learn By Doing” (Aprender Fazendo) for elementary and high school students from public schools and undergraduate students from Universidade Federal de Goiás, Aparecida de Goiânia. The main results revealed multidisciplinary practices of teaching through field activities. Thus, from the geosciences perspective, it was considered the landscape assessment of Conservation Units and the relation between local geology and soil and spring preservation with native vegetation. From the cartographic perspective, the undergraduate students created thematic maps which were further analyzed by high school students.

KEYWORDS: Scientific Research. Learning by doing. Continuing education. University Extension.

INTRODUÇÃO

As atividades de extensão são práticas recorrentes das universidades brasileiras. Sua importância advém do fato de que é “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Univer-

sidade e outros setores da sociedade” (PNEXT, 2012, p. 28). Assim, a Universidade Federal de Goiás vem desenvolvendo diversas atividades (OLIVEIRA et al., 2018; SANTOS et al., 2018; SANTOS et al., 2020) em seu novo campus na cidade de Aparecida de Goiânia.

Nesse contexto de extensão universitária como atividade acadêmica, é visível a capacidade que a mesma apresenta de “imprimir um novo rumo à universidade brasileira e de contribuir significativamente para a mudança da sociedade”. Nesse sentido, segundo o Plano Nacional de Extensão Universitária, a extensão tem por objetivo democratizar os conhecimentos gerados na universidade pública, como também redimensionar a função social da própria universidade (MENDONÇA e SILVA, 2002).

Com a finalidade de atingir esses objetivos, Silva (2000) apresenta as vantagens da extensão, dentre as quais, destaca-se, a difusão e socialização de novos conhecimentos produzidos pela área de pesquisa e conhecimento detido pela área de ensino, conhecimento da realidade da comunidade em que a universidade está inserida. Além disso, a possibilidade de diagnosticar a necessidade de pesquisas e outras ações, prestação de serviços e assistência à comunidade, fornecimento de subsídios para aprimoramento do currículo e criação de novos cursos, facilitação da integração ensino-pesquisa-extensão, possibilidade de integração universidade-comunidade e possibilidade da comunidade universitária conhecer a problemática nacional para assim atuar na busca de soluções plausíveis.

Dentre as possibilidades de aplicação da extensão universitária, desde 1980 as ações são apresentadas pela oferta dos cursos e prestação de serviços (NOGUEIRA, 2001; TAVARES, 2001). Outras possibilidades dizem respeito a divulgação do conhecimento produzido na universidade, de modo que o conhecimento seja acessível a todos. Essa política foi articulada com o fim do regime militar, que contou com a criação do Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas. Nesse momento histórico para as universidades estabeleceu-se o compromisso social da Universidade, ao fornecer cursos acessíveis a todos, e serviços prestados aos órgãos públicos (NOGUEIRA, 2001, p. 64).

Assim, superado o período de restrição democrática no Brasil, a extensão se apresentou de forma mais interativa, de modo a valorizar o conhecimento e a realidade da comunidade externa às instituições, a exemplo as atividades de extensão apresentadas por Gomide e Santos (2015). Os autores realizaram atividades de extensão junto às comunidades indígenas no Estado de Rondônia e revelaram a auto-cartografia indígena, a discussão sobre os recursos naturais das terras indígenas, seu uso e manejo sustentável e os levantamentos biogeográficos. Lira e Chaves (2016) revelaram os modos de organização das comunidades ribeirinhas na Amazônia.

Outra perspectiva da extensão, inclusive explorada nesse texto, é a de conscientização ambiental a partir da valorização das áreas especiais, protegidas pela legislação brasileira. Nesse sentido, Jacobi et al. (2004) avaliou a percepção ambiental em

unidades de conservação com diferentes grupos etários no Parque Estadual da Serra do Rola Moça, no Estado de Minas Gerais. Dentre os principais resultados os autores revelam a importância de visitas guiadas nas unidades de conservação para atingir a correta apreciação do meio ambiente (JACOBI et al., 2004).

Reis et al. (2012) apresentaram a análise sobre a importância de se trabalhar educação ambiental nas suas diferentes esferas, o que colabora para a compreensão do modo como se dá a relação entre a educação ambiental formal e a educação ambiental não formal. Lira e Chaves (2016) revelam os conhecimentos tradicionais e modos de vida que privilegiam harmonia entre homem e meio. Neves e Vargas (2019) apresentam um exemplo de ação de extensão que busca integrar estudantes e moradores para capacitação de modo que todos exerçam cidadania ambiental, na Floresta Nacional Mário Xavier, localizada no Estado do Rio de Janeiro.

Portanto, as possibilidades são variadas, o que estimulou a realização de atividades em áreas verdes especiais de diferentes categorias segundo o Código Florestal e também o Sistema Nacional de Unidade de Conservação, no município de Aparecida de Goiânia. Segundo Santos et al. (2018), a cidade passou por profundas transformações na sua estrutura intraurbana, a partir da formação de novas centralidades, o que justifica análises dessa natureza, mesmo que sob a perspectiva da extensão universitária.

As atividades realizadas nas áreas verdes foram realizadas dentro do âmbito do projeto de pesquisa e extensão “Aprender Fazendo: a abordagem *Hands-On* para futuras estudantes de computação, ciências exatas e engenharias”. O projeto tem por objetivo estimular estudantes, meninas, do ensino fundamental e médio, a se dedicarem ao estudo de disciplinas das áreas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática (áreas conhecidas pela sigla em inglês STEM), e avaliarem a possibilidade de futuramente ingressarem nessas áreas, por meio da utilização de experimentos científicos interativos e atividades práticas (metodologia *Hands-On*).

Compreendemos como atividades práticas aquelas que têm “como ponto central, a presença material dos objetos, espécimes ou fenômenos a serem investigados, independentemente do tipo de contato que os estudantes estabelecem com eles” (BASSOLI, 2014, p. 580). Apesar de que nessa pesquisa, os estudantes e as estudantes estabeleceram contato direto com as atividades propostas.

O projeto “Aprender Fazendo” é financiado pelo CNPq em parceria com o MEC e MCTIC, a partir do edital Nº 31/2018 - “MENINAS NAS CIÊNCIAS EXATAS, ENGENHARIA E COMPUTAÇÃO”. O projeto conta com a participação de 12 professores da FCT-UFG, além de fornecer bolsa de iniciação científica (IC e ICJ) para 3 estudantes graduandas e 15 estudantes do ensino fundamental e médio, e bolsa de Apoio Técnico (ATP) para 5 professores do ensino fundamental e médio das escolas participantes.

MATERIAIS E METODOLOGIA

O trabalho se sustenta numa metodologia *Hands-On* (HEILBRONNER e RE-

ZULLI, 2016), a qual promove a interação direta das estudantes com os experimentos, que se desenvolvem de acordo com o nível de interesse das participantes. Os experimentos interativos auxiliam no desenvolvimento otimizado do senso crítico, da criatividade e da aptidão natural que as estudantes possam ter pelos conceitos expostos durante as atividades, sendo esse método diferenciado do ensino tradicional, no qual o (a) estudante assume uma postura passiva em sala de aula.

Através dessa abordagem, o projeto de extensão envolveu 15 estudantes do ensino fundamental e médio de cinco escolas públicas (Figura 1): duas localizadas na cidade de Goiânia (Amâncio Seixo de Brito e Amália Hermano Teixeira) e três localizadas no município de Aparecida de Goiânia (Jesus Conceição Leal, Irmã Angélica e Rafael Conceição), além de três estudantes matriculadas nos cursos superiores da UFG, do campus da cidade de Aparecida de Goiânia. Além disso, 2 professoras do ensino médio também acompanharam as atividades de campo.

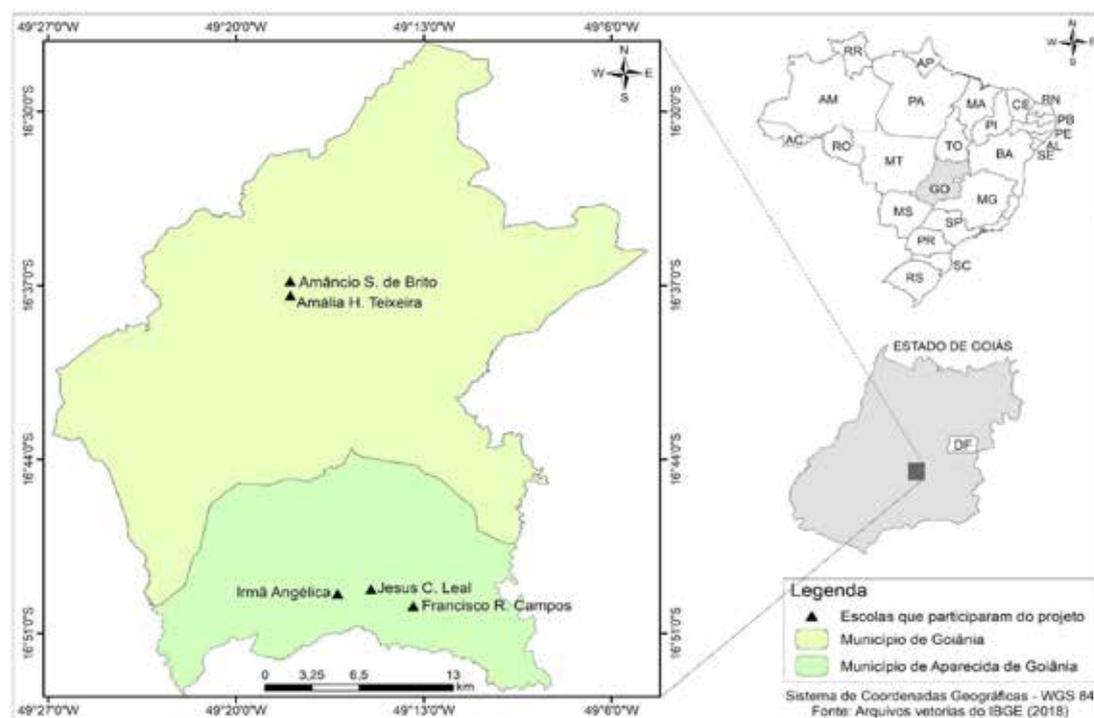


Figura 1. Localização das escolas que se envolveram no projeto. Fonte: Organizado pelos autores.

Assim, as habilidades necessárias para realizar investigações significativas e aprofundadas em engenharias e geociências através da abordagem integrada de diferentes temas ao longo das atividades de campo: localização e cartografia, mineralogia,

ciências do solo, relevo e hidrologia, que por sua vez foram apoiados em conceitos básicos de matemática, física, química, biologia e geografia, onde o agrupamento desses temas culminou no entendimento da necessidade e importância da criação e manutenção de áreas verdes em zonas urbanas e urbanizadas. Desse modo, estimulou-se a participação direta dos (as) envolvidos (as) em todas as etapas práticas das atividades propostas. Com efeito, a metodologia envolveu o ensino básico da prática da ciência por meio do (i) planejamento do experimento, (ii) observação e coleta de dados e materiais, durante os trabalhos de campos e, por fim, (iii) tabulação e análise dos resultados.

O planejamento do experimento consistiu na discussão da importância das unidades de conservação na área do município de Aparecida de Goiânia. De forma geral, observou que essas áreas são criadas, mas não há manutenção ou fiscalização que garanta sua conservação. A partir de tal observação empírica estabelecemos a problemática da pesquisa (o crescimento e consolidação das cidades contribuem para supressão das áreas protegidas na cidade de Aparecida de Goiânia). Ainda no planejamento apresentamos uma síntese de 10 autores que realizaram estudos sobre a importância das áreas verdes, dentre as quais, cinco pesquisas tiveram suas abordagens descritas na Tabela 1.

AUTORES	ABORDAGENS
GAGO et al. (2013)	Realizaram um levantamento bibliográfico de estudos sobre ilhas de calor em ambientes urbanos
DE LA BARRERA et al. (2016)	Estudos sobre a percepção das pessoas sobre áreas verdes.
HUMAIDA et al., (2016)	Avalia os locais que devem ser priorizados para a implantação de áreas verdes na cidade.
MONTEIRO et al. (2016)	Pesquisa sobre a influência das áreas verdes sobre o resfriamento noturno da temperatura do ar na cidade de Londres.
Lima e Amorim (2018)	A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades.

Tabela 1. Síntese das abordagens sobre a importância das áreas verdes, especialmente em espaços protegidos. **Fonte:** Elaborado pelos autores.

Na etapa de planejamento, analisamos, de forma básica, como a legislação obriga a existência de áreas verdes nos estados e nos municípios. Com isso, foi apresentada a Lei 9.985 de 18 de julho de 2000, que institui o Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC). O SNUC é o conjunto de Unidades de Conservação (UC) federais, estaduais e municipais. Dessa legislação destacamos as categorias de unidades de conservação (Proteção Integral e de Uso Sustentável) para estudarmos o Parque Municipal Lafaiete Campos Filho e de Área de Preservação Permanente, para realizarmos análises na APA Serra das Areias) (Figura 2).

Além do exposto, na etapa de planejamento, as estudantes executaram leituras sobre a etapa de aquisição de dados via questionários. O questionário foi elaborado pelas estudantes, apresentou característica survey, mais indicado para a obtenção de dados e informações sobre ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas (FREITAS et al., 2000). Esse questionário foi aplicado aos usuários do Parque Municipal Lafaiete Campos Filho. Esse instrumento de coleta de dados propôs o estudo da percepção dos usuários do referido parque.

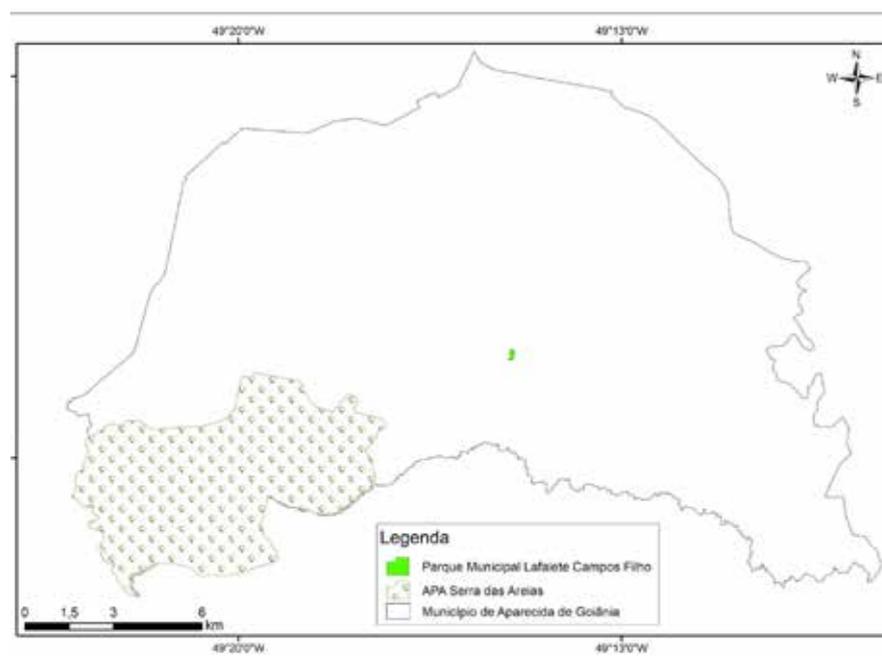


Figura 2. Localização do Parque Municipal Lafaiete Campus Filho e APA Serra das Areias.
Fonte: Organizado pelos autores.

Para a análise da aprendizagem sobre as discussões estabelecidas, também foi apresentado um questionário para as estudantes.

Na fase de aquisição de dados fomos ao campo realizar observações *in loco*. Na APA, realizamos observações geológicas, geomorfológicas e ambientais da área,

além das principais atividades antrópicas que interferem na estabilidade do meio físico, especialmente com a retirada da vegetação. No parque municipal, realizamos análise da estrutura e, como referido, a aplicação de uma pesquisa para observar a percepção dos usuários.

Na fase de tabulação e análise dos dados realizamos um mapeamento temático e estatística básica descritiva dos dados e informações obtidos com a análise da percepção. Todas as etapas foram realizadas pelas estudantes do ensino médio e fundamental com acompanhamento de dois estudantes do curso de Engenharia de Transportes e duas estudantes do curso de Geologia.

Por fim, o estudante da graduação do curso de Engenharia de Transportes elaborou os mapeamentos temáticos dos espaços protegidos visitados e que são apresentados nos resultados. O mapeamento de cobertura e uso da terra foi realizado num Sistema de Informação Geográfica (SIG).

Assim, obteve a imagem georreferenciada do aplicativo *SASPlanet*. Na sequência aplicou-se a classificação de imagens no QGIS. Desse modo, aplicou-se o método de classificação de Mínima Distância (Métodos para classificação dos *pixels* da imagem) seguindo a proposta de Lisita e Santos (2018). As amostras foram classificadas em: Vegetação arbórea, Gramíneas, Asfalto, Concreto, Solo Exposto e Sombra. Obtendo por assim a imagem com as classificações de uso e cobertura do solo. Devido a área pequena do parque (aproximadamente 60.000 m²), apenas a validação da classificação se deu de forma visual, diretamente na imagem do *Google Earth*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES DA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

As estudantes emergiram na realidade das áreas especiais localizadas no município de Aparecida de Goiânia. Assim, no que se refere a estrutura de delimitação das áreas, identificou-se na APA Serra das Areias informações sobre advertência de acesso e dos limites (Figura 3). Essa infraestrutura foi aproveitada para a discussão das características gerais da APA



Figura 3. Informações cartográficas e as zonas de preservação da APA Serra das Areias. Fonte: Os autores.

Na perspectiva das geociências realizou-se uma análise integrada da paisagem da APA, a partir da caracterização geológica e geomorfológica do terreno (Figura 4A), dos tipos de solo decorrentes, e como a ação antrópica não planejada traz consequências na transformação do relevo, preservação da vegetação nativa e de cursos d'água.

Ao longo da caminhada na trilha, a variação da litologia do local foi observada e descrita pelo grupo, com auxílio de instrumentação adequada (martelo, lupa e porcelana não polida). Essa caracterização foi determinante para constatar que a elevação do terreno (a Serra das Areias) estava associada à predominância de rochas com minerais mais resistentes no topo e encosta do relevo (os quartzitos), enquanto as áreas mais rebaixadas apresentavam rochas com menor quantidade de quartzo e maior quantidade de minerais plácóides e com menor resistência ao intemperismo físico, como a mica, formando os xistos.

As estudantes e professores do ensino fundamental e médio, a partir da própria curiosidade, compreenderam por meio de perguntas e de exposições teóricas, sobre como a evolução da paisagem influenciou na hidrologia, na formação dos vales, encostas e altos topográficos, e como cada ambiente originou a vegetação nativa presente na APA.

Para cada ponto com litologia diferente, as estudantes coletaram material e realizaram uma maquete com os solos e rochas da APA, para maior entendimento sobre a origem dos solos e da relação entre o tipo de solo com a rocha-mãe (Figura 4B).

As estudantes também perceberam durante a atividade prática que, onde a vegetação de cerrado foi removida por ação antrópica, ocorriam focos erosivos e presença de caminhos (Figura 5), por vezes alterando a paisagem original.

Esses caminhos foram identificados num mapeamento realizado por uma estudante da graduação em geologia num projeto de iniciação científica (Figura 6). O mapa foi compartilhado com as estudantes e a partir dele exploramos ainda os elementos básicos dos mapas temáticos.

Os resultados dos aprendizados vão de encontro com o que recomenda Ernesto et al. (2018), que afirma que a educação em Geociências, comece nos níveis mais fundamentais do ensino e avance para conhecimentos mais aprofundados na escola secundária. Ainda segundo os autores, o ensino de Geociências atualmente é invisível nos currículos escolares. Além disso, afirmam que:

Há tópicos inseridos na disciplina de Geografia, porém a dinâmica do planeta e as consequências das intervenções antropogênicas precisam ser ministradas de forma mais sistemática, para que haja um entendimento mais completo dos mecanismos que levam às transformações do meio ambiente (ERNESTO et al., 2018, p. 333).

Desse modo, acredita-se que os resultados vão de encontro ao que recomendam os referidos autores e assim foi importante uma base de conhecimentos sólidos

dos e atualização técnico-científica das equipes responsáveis pelo enfrentamento das questões ambientais (ERNESTO, et al., 2018).



Figura 4. Exposições teóricas e experimentais sobre a geomorfologia do terreno da APA e sobre a origem do solo na área. Fonte: Os autores.



Figura 5. Caminhos na APA Serra das Areias. Fonte: Os autores.

A partir do mapa de cobertura do solo da figura 6, é possível observar o solo exposto formando que se materializam nos caminhos. “Os caminhos são construídos pelo intenso tráfego de motocicletas de esportistas que acessam a área de forma indiscriminada” (LISITA e SANTOS, 2019, p. 1805). Foi discutido com as estudantes que no período chuvoso as águas ganham energia cinética nos campinhos favorecendo a lixiviação dos solos. Com a evolução desse fenômeno, observamos os focos erosivos.

Observamos ainda que, apesar do cenário desfavorável para ocorrências de processos erosivos, a APA Serra das Areias configura a principal área de preservação de remanescentes dos cerrados na Região Metropolitana de Goiânia (RMG). Segundo o mapa, 63,48% da área da APA está recoberta por dois estratos de vegetação,

arbustivos e arbóreos. A pastagem ocupa 25,44% de toda a área da APA. Deixamos explícito para as estudantes que a condição de APA não veda usos na área, pois conforme a legislação vigente nessa categoria são permitidos usos sustentáveis dos recursos naturais.

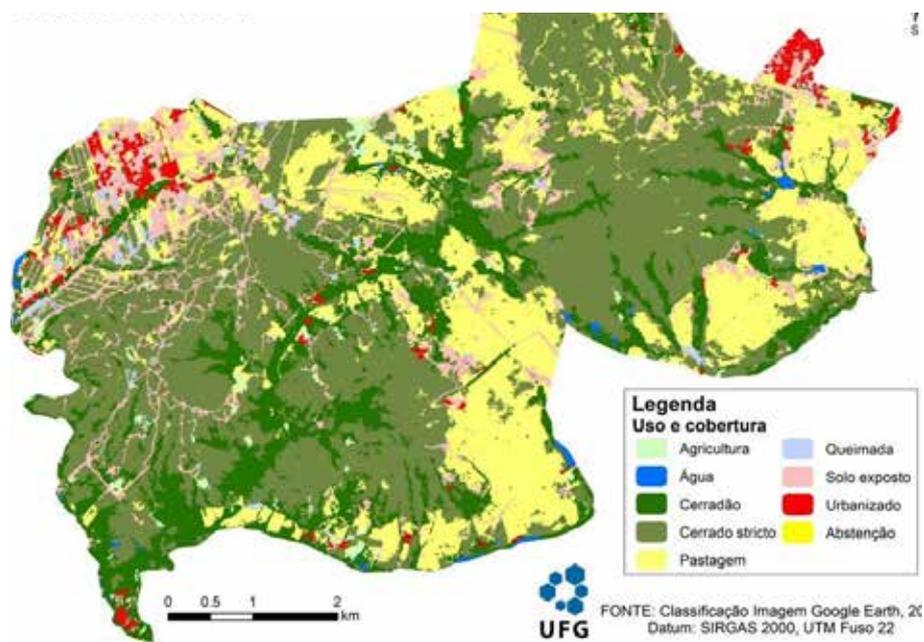


Figura 6. Mapa de cobertura dos solos na APA Serra das Areias. **Fonte:** Lisita e Santos (2018).

Ainda pelo mapa da figura 6 foi possível observar *in loco*, durante a atividade de campo, tanto a presença de nascentes, quanto a preservação da vegetação do fundo dos vales, essa última importante para a conservação das inúmeras nascentes presentes na área da APA Serra das Areias. Foi discutido com as estudantes que a APA Serra das Areias serve como fonte de água para consumo humano na cidade de Aparecida de Goiânia.

Da análise da percepção das áreas verdes pelas estudantes participantes do projeto observou-se que todas as 14 meninas que responderam o questionário percebem os espaços verdes em suas cidades e os conceituam de forma satisfatória. Além disso, a maioria revela que a vegetação em cidades melhora a qualidade do ar, a minoria revelou a importância para infiltração das águas das chuvas nos solos e para os aspectos cênicos da paisagem urbana.

Sobre a presença de espaços verdes nas escolas, 92,3% das estudantes inquiridas revelaram a presença de vegetação onde elas estudam. Além disso, 38,5% nunca participaram de atividades de plantio de árvores. Contudo, 30,8% já participaram dessa atividade, por incentivo da família. A maioria, 61,5% das estudantes revelaram

que existem áreas verdes nas proximidades de suas casas, contudo, não frequentam por se sentirem inseguras nos locais. Nesse sentido, segundo Crichyno (2015, p. 87), “no Brasil, a redução do apreço e o esvaziamento das áreas verdes nos espaços públicos urbanos não são acidentais”. Para o autor, áreas públicas revelam riscos implícitos nos contatos sociais indesejados e que reflete ainda um medo de exposição a uma realidade social ameaçadora (CRICHYNO, 2015). Além disso, 23,1% das inquiridas revelaram que frequentam áreas verdes pelo menos uma vez por semana.

Das análises da percepção dos usuários do Parque Municipal Lafaiete Campos Filho observou-se que as estudantes do ensino médio, sob a supervisão das estudantes do ensino superior, estruturaram cinco questões, sendo três fechadas e duas abertas. As questões são: Com que frequência você vai ao parque? Qual horário costuma comparecer ao parque? Qual a finalidade de quando você vai ao parque? Dê uma nota ao Parque e O que você mudaria para melhorar o parque? De modo geral, observou-se que as questões foram diretas e objetivas, que as estudantes compreenderam o objetivo principal da análise da percepção e a questão da nota revela a experiência delas na escola, em que tudo é quantificado. Observou-se também que as estudantes se preocuparam em propor questões abertas e fechadas, mas preferiram as questões fechadas.

Nesse sentido, inquiriram 28 usuários e que destes, 85,2% informaram frequentar o parque diariamente (Gráfico 1).

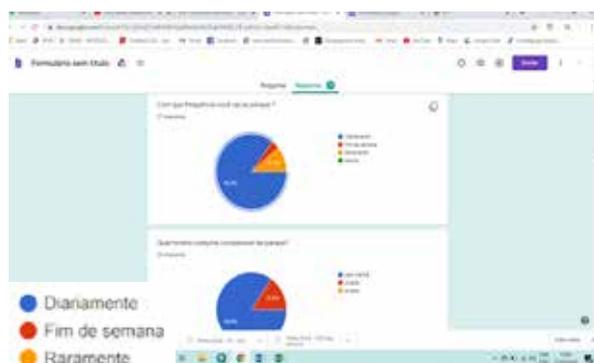


Gráfico 1. Com que frequência você vai ao parque? **Fonte:** Os autores.

A maioria dos usuários, 84,6% responderam que preferem o horário das manhãs para frequentarem o parque e 88,9% fazem uso deste espaço público para atividades físicas, como caminhada. Sobre a nota ao parque, a maioria, ou seja, 37% atribuíram nota máxima da escala de 0 a 10. Sobre a melhoria do parque, a palavra mais citada foi segurança e equipamentos de laser e prática de exercícios. Ou seja, apesar de bem avaliado, parte dos inquiridos não se sentem seguros no parque municipal.

Em análise semelhante, Zardin et al. (2017), constatou, na sua pesquisa, para o Parque Municipal São Lourenço em Curitiba, que a violência é também a maior

preocupação dos usuários. Os autores revelam que, em outras cidades, a segurança também impede o uso pleno de parques municipais em cidades brasileiras.

O mapeamento do Parque Municipal Lafaiete Campos Filho é apresentado na Figura 7. Destaca-se o fato de que o polígono no parque não é oficial, pois não foi disponibilizado pela prefeitura, nem pela empresa responsável pela sua implementação. A partir do mapa é possível observar remanescente florestal preservado, infraestrutura para prática de esportes e convivência em áreas concretadas.

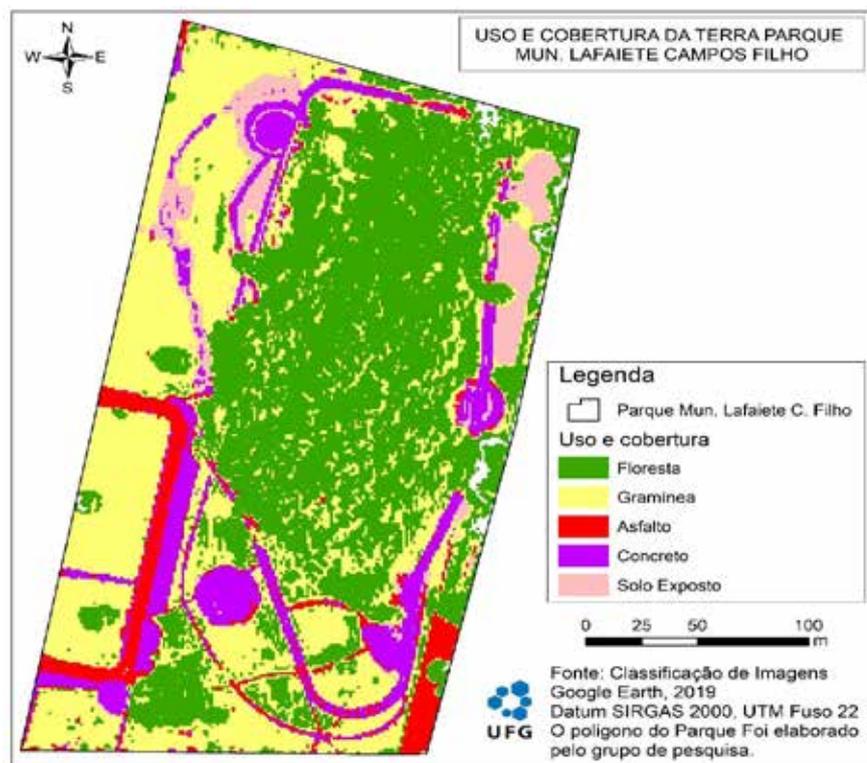


Figura 7. Mapa de cobertura dos solos no Parque Municipal Lafaiete Campos Filho. Fonte: Os autores.

A partir do mapa foi possível quantificar as classes de uso e cobertura da terra. Desse modo, a classe que ocupa maior área é a Floresta com 24214,135 m², ou seja, 40,85% da área delimitada para o parque municipal. Essa extensão área vegetada garante espaço verde nas proximidades do centro da cidade. Nesse sentido, segundo Gomes e Soares (2003), a presença da vegetação em parques torna-se essencial, visto que este elemento se constitui de extrema importância, seja pelo contato visual que propicia à população ou pelas funções biológico-climáticas que desempenham.

Por fim, a partir do mapa foi explicado para as estudantes que seu uso é recorrente em pesquisas nas áreas de engenharias e geociências. Nesse sentido, segundo Paula et al. (2008), sob o aspecto metodológico, o mapa é importante para represen-

tação das características do meio físico, em que se inclui a descrição de processos geológicos atuantes. Na perspectiva da conservação dos recursos naturais em ambientes especiais, Santos e Mota (2017) empregaram mapeamentos para análise espacial dos usos e da cobertura da terra no pantanal dos rios Guaporé e Mamoré/Rondônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos práticos sobre os elementos que compõem a paisagem da APA fizeram com que as estudantes entendessem a interdisciplinaridade de áreas de conhecimento como matemática, geologia, geografia, biologia e ciências ambientais, além da aplicação dessas áreas para a criação e delimitação de uma área de preservação.

A participação das estudantes do ensino fundamental e médio, dos professores da rede pública de escolas municipais e colégios estaduais, além dos familiares dessas estudantes durante as atividades de campo, possibilitou a interação entre a universidade e a comunidade local, a aplicação prática do conhecimento técnico, a observação *in loco* dos fenômenos naturais geológicos, geomorfológicos e ambientais, além do entendimento sobre a importância da preservação e manutenção de áreas de conservação nas cidades.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pelo financiamento concedido a essa pesquisa, aos professores Joana Paula Sánchez e Rodrigo de Almeida Heringer, das discentes Amanda Pereira Álvares e Iolanda Maria de Aguiar, e da técnica Marcília Alves Bezerra Pires, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Universidade Federal de Goiás.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R.; SANTOS NETO, E. dos; SILVA, P. B. da. **Tratando da indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão**. São Bernardo do Campo: UESP, 2000.

BASSOLI, F. Atividades práticas e o ensino-aprendizagem de ciência (s): mitos, tendências e distorções. **Ciência & Educação**, v. 20, n. 3, p. 579-593, 2014. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000300005>>. Acesso em: 06 mai. 2020.

CRICHYNO, J. Áreas verdes: bem-estar e segurança nos espaços públicos na área central da cidade do Rio de Janeiro. **Cidades Verdes**, v.03, n. 4, p. 85-100, 2015. Disponível em: < https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/cidades_verdes/article/viewFile/948/971>. Acesso em: 20 dez. 2019.

DE LA BARRERA, F., REYES-PAECKE, S.; HARRIS, J.; BASCUÑÁN, D.; FA-

RÍAS, J. M. People's perception influences on the use of green spaces in socioeconomically differentiated neighborhoods. **Urban Forestry & Urban Greening**, v. 20, p. 254-264, 2016. Disponível em: < <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2016.09.007>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

ERNESTO, M.; CORDANI, U.G.; CARNEIRO, C.D.; DIAS, M.A.F.S.; MENDONÇA, C.A.; BRAGA, E.S. Perspectivas do ensino de Geociências. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 94, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ea/v32n94/0103-4014-ea-32-94-00331.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2020.

MARCIA ERNESTO, I UMBERTO G. CORDANI, II CELSO DAL RÉ CARNEIRO, III MARIA ASSUNÇÃO F. DA SILVA DIAS, IV CARLOS ALBERTO MENDONÇA V e ELISABETE DE SANTIS BRAGA V

FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; SACCOL, Z. A.; MASCAROLA, J. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração**, São Paulo, v.35, n.3, p. 105-112, 2000.

GAGO, E. J.; ROLDAN, J.; PACHECO-TORRES, R., ORDOÑEZ, J. (2013). The city and urban heat islands: A review of strategies to mitigate adverse effects. **Renewable and Sustainable Energy Reviews**, v. 25, p. 749-758, 2013. Disponível em: < <https://doi.org/10.1016/j.rser.2013.05.057>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

GOMES, M.A.S.; SOARES, B.R. A vegetação nos centros urbanos: considerações sobre os espaços verdes em cidades médias brasileiras. **Estudos Geográficos**, v. 1, n. 1, p. 19-29, 2003.

GOMIDE, M.L.; SANTOS, A. Registros das Terras Indígenas de Rondônia por meio de mapas mentais. **Revista de Cultura e Extensão USP**, v.13, p. 55-63, 2015. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v13i0p55-63>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

HEILBRONNER, N., REZULLI, J. 2016. **The Schoolwide Enrichment Model in Science (A Hands-On Approach for Engaging Young Scientists)**. Prufrock Press Inc., Waco, Texas. 192 p.

JACOBI, C.M.; FLEURY, L.C.; ROCHA, A.C.C.L. Percepção Ambiental em Unidades de Conservação: Experiência com Diferentes Grupos Etários no Parque Estadual da Serra Do Rola Moça, MG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA BELO HORIZONTE, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: 2004.

HUMAIDA, N.; PRASETYO, L.B.; RUSHAYATI, S.B. Priority assessment method of green open space (case study: Banjarbaru City). **Procedia Environ-**

mental Sciences, v. 33, p. 354-364, 2016. Disponível em: <[https://doi: 10.1016/j.proenv.2016.03.086](https://doi.org/10.1016/j.proenv.2016.03.086)>. Acesso em: 15 dez. 2019.

LIRA, T.M.; CHAVES, M.P.S.R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **INTERAÇÕES**, v. 17, n. 1, p. 66-76, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/inter/v17n1/1518-7012-inter-17-01-0066.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

MENDONÇA, A.; ALCALA, S. G. S.; SANTOS, A.M. Experiências de Extensão Universitária na área de arborização da Universidade Federal de Goiás. **Revista de Extensão**, v. 15, p. 2-14, 2018. Disponível em: <[https://doi:10.5007/1807-0221.2018v-15n31p2](https://doi.org/10.5007/1807-0221.2018v-15n31p2)>. Acesso 11 nov. 2019.

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P. S. Extensão universitária: uma nova relação com a administração pública. *Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras*. São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002.

MONFREDINI, I. A extensão universitária no Brasil e as possibilidades de formação de sujeitos. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDURECE, 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2015.

NEVES, I. S.; VARGAS, K.B. Projeto de extensão em unidade de conservação: possibilidade de capacitação discente através do estágio do bacharel em geografia e do voluntariado. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 18., 2019, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, UFC, Fortaleza: 2019.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. Extensão Universitária no Brasil: uma revisão conceitual. In: FARIA, Dóris Santos de (org.). **Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, p.57-72.

PAULA, J.P.L.; ZAINE, J.E.; LIMA, M.S.; OLIVEIRA, E.M. Análise fisiográficas aplicada à elaboração de mapa geológico-geotécnico de região da Serra do Mar e Baixada Santista. **Geociências**, v. 27, n. 2, p. 249-264, 2008. Disponível em: <<http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/GEOSP/article/view/7060/6505>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

REIS, L.C.L.; SEMÊDO, L.T.A.S.; GOMES, R.C. Conscientização Ambiental: da Educação Formal a Não Formal. **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, v. 2, n. 1, p. 47-60, 2012. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RFEU/article/view/442>>. Acesso em: 26 nov. 2029.

SANTOS, A.M.; HOLMES, D.C.S.C.; RAMOS, H.F. Densidade demográfica: um estudo comparativo de duas metodologias a partir de imagens orbital e suborbital na

cidade de Aparecida de Goiânia/Goiás. **Ateliê Geográfico**, v. 12, n. 1, 175-200, 2018. Disponível em: < <https://doi.org/10.5216/ag.v12i1.45968>>. Acesso em 14 nov. 2019.

SANTOS, A. M.; FRANCO, T. F.; FARIAS, T. S. S.; SOUZA, D. L. L. Aprender Fazendo: Cartografias: Relatos de experiência através da extensão universitária. **Revista Conexão**, v. 16, p. 1-1, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.16.14160.016>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

SANTOS, A. M. D.; MOTA, V. C. Análise espacial dos usos e da cobertura da terra no pantanal dos rios Guaporé e Mamoré/Rondônia. **Revista Brasileira de Geomática**, v. 5, p. 433-452, 2017. Disponível em: < <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbgeo/article/download/5421/4357>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SANTOS, A. M. Educação para o trânsito na escola: relato de uma experiência pedagógica a partir da extensão universitária. **Revista diálogos: Pesquisa e extensão universitária**, v. 22, p. 19-34, 2019. Disponível em: < <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/9491/6100>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

SILVA, P. B. A dimensão da extensão nas relações com o ensino e a pesquisa. In: Plano Nacional de Extensão Universitária. **Pró-Reitoria de Extensão**. Disponível em: < <http://uenf.br/reitoria/extensao/principal/plano-nacional-de-extensao-universitaria/>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

TAVARES, Maria das Graças Medeiros. Os múltiplos conceitos de extensão. In: FARIA, Dóris Santos de (org.). **Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, p.73-84. 2001.

TAVARES, Maria das Graças Medeiros. Os múltiplos conceitos de extensão. In: FARIA, Dóris Santos de (org.). **Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, p.73-84. 2001.

ZARDIN, M.C.; OLIVEIRA, J.D.; ARTHUSO, J.P.; BIONDI, D. Perfil e percepção dos frequentadores do parque municipal São Lourenço de Curitiba – PR. **REVSBAU**, v.12, n.3, p. 37-50, 2017. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/revsbau/article/view/63573/pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2019.

MEDITAÇÃO E YOGA COMO FERRAMENTAS PARA PROMOÇÃO DE BEM-ESTAR: UMA EXPERIÊNCIA REMOTA PARA ESTUDANTES DE MEDICINA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Meditation and yoga as tools to promote well-being: a remote experience for medical students during the covid-19 pandemic

Gabrielly de Oliveira Rezende

gorezende10@gmail.com

Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (aluna da graduação)

Lucas Freire Cardoso

lucasfreirecardoso@gmail.com

Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (aluno da graduação)

Maria Eduarda Ponte de Aguiar

maria.eduardaponte@gmail.com

Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (aluna da graduação)

José Eduardo Baroneza

jbaroneza@gmail.com

Área de Morfologia, Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (MOR-FM-UnB, docente)

Fabíola Cristina Ribeiro Zucchi

fcrzucchi@unb.br

Área de Clínica Médica (CLM), Núcleo de Apoio Psicopedagógico e Bem Estar do Estudante de Medicina (NAPEM), Núcleo de Medicina Tropical (NMT), Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (FM-UnB, docente), autor correspondente.

RESUMO

O objetivo deste artigo é relatar a experiência da Atividade Extraordinária do Período de Emergência em Saúde Pública (AEPESP): “Meditação e Yoga como fer-

ramentas de promoção de bem-estar”, promovida pela Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (FM/UnB) e realizada durante o mês de maio de 2020, durante a suspensão das atividades presenciais devido à pandemia do coronavírus. A atividade propôs a discussão de artigos com a temática de “yoga, neurociências e saúde”, na forma de clube de revista, juntamente com sessões da prática através de uma plataforma digital. A dinâmica visou aproximar os acadêmicos de medicina da comunidade científica e promover o contato da faculdade com seus discentes durante o período de isolamento social.

PALAVRAS-CHAVE: Yoga, neurociências, bem-estar, pandemia Covid-19, atividade remota

ABSTRACT

The aim of this article is to report the experience of “Meditation and Yoga as tools for well-being promotion”, an extraordinary activity on emergency period in public health (AEPESP) promoted by the Faculty of Medicine from the University of Brasília (FM/UnB). It was held in May 2020, when presential classes were suspended due to the coronavirus pandemic. The activity proposed discussions of scientific articles related to “yoga, neurosciences, and health” as a journal club, and promoted practical yoga sessions using a digital platform. The main goals were to introduce and increase the contact of medical students with science literature as well as to promote a well-being experience among them in a social isolation context.

KEYWORDS: Yoga, neurosciences, well-being, covid-19 pandemic, remote activity

INTRODUÇÃO

A atividade extraordinária relatada foi uma entre as diversas Atividades Extraordinárias do Período de Emergência em Saúde Pública (AEPESP) promovidas pelo Núcleo de Apoio Pedagógico e Experiência Docente (NAPED) da Faculdade de Medicina (FM/UnB). Entre os objetivos das AEPESPs constava a realização de atividades diversas com a finalidade de promover a saúde mental dos discentes, docentes e técnicos, bem como incentivar o diálogo entre os mesmos no período de suspensão do calendário acadêmico, que ocorreu entre os meses de março e julho de 2020, em função da pandemia da Covid-19, doença causada pelo vírus Sars-Cov-2. Tais atividades tiveram caráter optativo, e foram realizadas em formatos e temas distintos, por meio de plataformas digitais.

Nesse sentido, a AEPESP “Meditação e Yoga como ferramentas de promoção de bem-estar”, elaborada e coordenada pela Professora Dra. Fabíola Zucchi, bus-

cou incentivar os alunos a discutir e vivenciar as práticas de meditação e yoga, além de introduzir o contato inicial dos estudantes da graduação com a literatura científica. Foram realizados encontros virtuais para viabilizar a discussão, a qual foi fundamentada em artigos científicos previamente pesquisados e sugeridos aos alunos. Ao final dos encontros, foram realizadas sessões de prática de yoga, orientadas pelo colaborador Jan Von Meppen, filósofo e designer de jogos educativos (LUDINC LIMITED, 2 ASHTON GATE ROAD, BRISTOL, BS3 1SZ), com experiência em Ashtanga Yoga (uma modalidade de yoga).

A realização de práticas de promoção de bem-estar é de grande importância, especialmente quando inseridas no contexto de escolas de saúde, onde estudantes lideraram as pontuações em questionários que quantificam o estresse (Beautrais, 2020). Essas atividades são essenciais para diminuir o estresse, melhorar a qualidade de vida e possivelmente

melhorar os resultados escolares dos estudantes envolvidos (Lemay et al, 2019). Além disso, o benefício do contato com práticas de bem-estar não se limita às escolas de saúde, uma vez que o conhecimento de seus benefícios por parte dos estudantes pode torná-los, como futuros profissionais, mais aptos e propensos a recomendá-las aos seus pacientes, tornando-os multiplicadores de tais práticas, e propiciando uma possível melhora na qualidade de vida, quando aplicável (Blacker, 2019).

A relevância do tema é acentuada ao analisar o papel do yoga em um contexto pandêmico, no qual o conseqüente isolamento social e as diversas medidas emergenciais tornaram o cotidiano de grande parte da população significativamente mais estressante (Brooks et al., 2020), aliado à ansiedade decorrente das incertezas derivadas desta conjuntura. Nesse sentido, a AEPESPs “Meditação e Yoga como ferramentas de promoção de bem-estar”, que buscou promover o bem-estar e a diminuição do estresse aos estudantes, se tornou não só inovadora, mas de importância crucial.

Ademais, a incorporação de práticas de cuidado orientais na medicina ocidental ainda apresenta resistência de parte dos profissionais de saúde. A adição de tais práticas poderia ser benéfica, tendo em vista os achados experimentais de algumas delas (Kazusei, 2004; Salles, 2006), como o yoga. É necessário, porém, a realização de mais estudos para elucidar mecanismos fisiológicos modulados por essas práticas, para que, assim, seja possível avaliar melhor sua efetividade.

DESCRIÇÃO DO RELATO DE EXPERIÊNCIA

A AEPESP “Meditação e Yoga como ferramentas de promoção de bem-estar”, projeto da Universidade de Brasília, foi realizada em ambiente virtual, através da plataforma Microsoft Teams. Os encontros aconteceram de segunda a sexta-feira entre os dias 18 e 29 de maio das 14 às 16 horas inicialmente, podendo se estender até às 16h30 dependendo da necessidade.

Na segunda-feira, dia 18 de maio, ocorreu a primeira reunião na plataforma entre os alunos, a professora responsável e o colaborador Jan Von Meppen, na qual

foram feitas apresentações individuais e da metodologia da atividade, bem como foi proposta a elaboração de um produto final, a ser apresentado ao final da AEPESP, sobre a experiência com a atividade. Nas apresentações, a possibilidade de vivenciar os benefícios da prática do Yoga e da meditação manifestou-se como uma expectativa em comum entre os participantes, e alguns relataram já ter contato com a prática, mas a grande maioria expressou dificuldades em torná-la parte de seu cotidiano.

No encontro introdutório, a coordenadora da atividade orientou os participantes sobre pesquisa bibliográfica, com uma demonstração no PubMed (<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov>) - um recurso gratuito que facilita o acesso à literatura de ciências da vida - e orientações para a leitura dos artigos, com base em um roteiro prático. As informações introdutórias foram de grande relevância, tanto devido à presença de alunos recém ingressos, quanto por corresponder a um dos principais objetivos da atividade: o de estimular a busca de evidências científicas na literatura e a visão crítica dos achados, especialmente possibilitando o contato precoce dos estudantes, no início da graduação, com material científico. A busca de literatura orientou as discussões diárias de artigos científicos, e a elaboração do produto final pelos alunos participantes

No momento subsequente, o convidado se apresentou como um praticante experiente da atividade, compartilhou sua experiência e os benefícios obtidos através da prática, para sua saúde e bem-estar. Além disso, discursou brevemente sobre a história do yoga, com enfoque no Ashtanga Yoga, sistema praticado por ele e que seria usado para orientar as práticas dos participantes da atividade. Na sequência, foi explorada a distinção entre o yoga e os asanas, sendo estes últimos as posturas comumente associadas à prática, mas que são apenas parte do estilo de vida yogi (o praticante de yoga). Com os asanas, são 8 os aspectos dentro do Ashtanga Yoga, sendo eles: (1) Yama - comprometimento com a ética, a verdade e a não-violência; (2) Niyama - condutas pessoais, a observância, o contentamento, a autodisciplina e auto estudo; (3) Asanas - as posturas, que apresentam as dificuldades individuais para que sejam observadas e controladas; (4) Pranayama - o controle da respiração e da energia; (5) Pratyahara - a abstração dos sentidos externos, abstração do que não necessita de atenção; (6) Dharana - a retenção da concentração para o progresso do estado meditativo; (7) Dhyana - a meditação, a capacidade de manter-se presente; (8) Samadhi - a iluminação, o estado meditativo completo (Tab. 1). Em conclusão, foi explicado que a yoga é uma ferramenta para uma vida melhor, e não uma finalidade em si. As posturas constituem, assim, um dos aspectos menos relevantes, que têm como finalidade trazer à tona dificuldades pessoais de forma controlada, sejam físicas ou psicológicas, para que se saiba defrontá-las quando genuinamente ocorrerem.

Sendo assim, o yoga foi apresentado como uma modalidade de terapia física, inserida no contexto do cuidado holístico em saúde da Ayuverda. Os encontros foram divididos em uma hora de discussão de artigos científicos relacionados ao tema, seguida de sessões práticas divididas, em média, em uma hora de posturas, com exercícios de respiração e finalizando com meditação.

Depois desse primeiro encontro, os participantes foram divididos em cinco grupos, e estes ficaram responsáveis por buscar os artigos na literatura para apresentar nos encontros seguintes. Para a primeira discussão, definiu-se um artigo à escolha da professora coordenadora da atividade, cujos resultados apontavam distintos padrões de ondas neurais durante diferentes práticas meditativas (Yordanova et al., 2020). No dia seguinte, houve a discussão dos principais pontos do estudo trazido, com intervenções da coordenadora quando necessário. Na prática deste primeiro dia, Jan guiou a execução da rotina Surya Namaskar A – Ou “Saudação ao sol” (Fig. 1), com respiração consciente e meditação ao final, em uma reunião na plataforma Zoom (devido aos problemas técnicos apresentados durante a prática de yoga utilizando a plataforma Teams).

Do dia 20 ao dia 27, discutiram-se os artigos trazidos pelos grupos (Tab. 2). A temática de Yoga e meditação foi abordada em diversos contextos, sendo eles: a ioga no tratamento de hipertensão arterial (Pinheiro et al., 2007); no espessamento do córtex cerebral (Lazar et al., 2005); na melhora da performance e sintomas depressivos de pessoas com dor crônica (Schmid et al., 2019); na diminuição na frequência de crises epiléticas em crianças com epilepsia (Kanhare et al., 2018); na promoção de saúde na rede pública de atenção primária (Galvanese et al., 2017); na redução dos níveis de estresse e ansiedade em estudantes universitários (Lemay et al., 2019.); e na redução da atividade da telomerase em mulheres com câncer de mama (Lengacher et al., 2014). Os pontos principais do artigo escolhido foram apresentados pelo grupo que o selecionou, e os demais estudantes discutiram pontos adicionais e dúvidas. Tanto os dados científicos apresentados nos diferentes artigos, quanto a forma de sistematização dos dados obtidos foram debatidas, sendo intensa a análise dos gráficos, tabelas e figuras apresentados nos estudos. Essa atividade, além de propiciar a experiência de um Clube de Revista (Journal Club) e o entendimento da metodologia científica, permitiu a compreensão dos fenômenos biológicos e neurológicos associados aos benefícios da prática, os quais os próprios estudantes relataram vivenciar após atividades práticas. A discussão teve a duração de uma hora diariamente.

As práticas foram realizadas na sequência das discussões. Houve progressão gradual em relação a adição de diferentes asanas ao longo dos dias, dentro da série 1 da Ashtanga Yoga (Fig. 1). Os encontros começaram com a ativação dos Bandhas, que traduz em sânscrito “fecho” ou “fixação”, correspondente à contração do diafragma, da musculatura abdominal e dos músculos do assoalho pélvico; e ao pressionamento da língua contra o palato mole. Após, foram ensinadas as rotinas Surya Namaskar A, Surya Namaskar B, posturas de pé como a Padangusthasana, Utthita Trikonasana A e B, Prasarita Padotanasana e Parsvottanasana. Também houve instrução de posturas sentadas, principalmente a Padmasana – ou postura de lótus; e a Utplutih. Ao final dos encontros, foram orientados exercícios com diferentes técnicas de respiração, como a Bhastrika, uma técnica energizante; e a Pranayama, uma técnica relaxante, além de sessões meditativas, por vezes com entoação de mantras.

No dia 28, o encontro remoto foi destinado ao encerramento da AEPESP e à

apresentação dos trabalhos finais, que foram elaborados pelos grupos ao longo da realização da atividade. As apresentações também foram feitas em uma reunião pela plataforma Teams, e escolheu-se que fossem feitas em inglês, o que permitiu tanto a prática do idioma pelos alunos, a fim de favorecer a familiarização da leitura e compreensão de textos científicos em inglês, quanto permitiu a participação do colaborador Jan. Cada um dos quatro grupos de alunos participantes da AEPESP (dos cinco grupos iniciais), expuseram seus produtos finais a partir de uma apresentação de slides e oral, abrindo para discussões logo em seguida. Três dos quatro grupos optaram por criar perfis na rede social “Instagram”, nos quais propuseram fazer postagens regularmente, contemplando o conhecimento adquirido durante os encontros, como forma de divulgação científica. Os três grupos, posteriormente, decidiram unificar seus produtos finais em um só perfil de múltiplos autores, e o conteúdo foi publicado do dia 5 de junho de 2020 ao dia 5 de julho de 2020 no perfil “@yoga_e_meditação”. O quarto grupo optou pela escrita e submissão do presente relato de experiência, não apenas com o objetivo de transmitir os conhecimentos construídos, mas também de compartilhar a experiência vivida e os benefícios advindos dela, além de fortalecer as ações de extensão universitária, que se mostraram especialmente caras no período de isolamento social.

MATERIAIS E METODOLOGIA

Este é um estudo descritivo e de análise qualitativa, assumindo o conceito de Minayo (2013), para o qual as pesquisas qualitativas retratam um nível de realidade por meio da história, da biografia, das relações e das atitudes e manejam técnicas variadas para o trabalho. Sendo assim, julgou-se relevante a descrição dessa experiência por convergir conhecimentos teóricos e práticos na consolidação da aprendizagem científica, e na consolidação de hábitos em saúde.

Desenvolveram-se atividades variadas, com 11 participantes efetivos, alunos do primeiro ao quinto semestre do curso de medicina da Universidade de Brasília, com o objetivo de abordar os temas propostos de forma abrangente e acessível. Para isso, a AEPESP foi dividida em diferentes momentos: (1) Pré-seleção, pelos estudantes, de artigos científicos relacionados ao tema; (2) Encontros virtuais para discussão do artigo escolhido em fórum; e (3) Vivência da prática de yoga. Concomitantemente, foi proposta a elaboração de um produto final, englobando os aspectos principais da experiência com a atividade, o qual deveria ser apresentado no encerramento da mesma.

Nos encontros, seguiu-se um roteiro para orientar as discussões, contendo os pontos (1) “Qual a pergunta do artigo?”; (2) “Quais as metodologias utilizadas?”; (3) “Quais as respostas obtidas?”; (4) “Quais as conclusões apresentadas?”; (5) “Quais os efeitos de tais práticas no cérebro dos participantes?”; (6) “Quais os processos biológicos subjacentes a tais fenômenos?”; e (7) “Quais os benefícios na saúde dos participantes?”. Entretanto, estimulou-se a adição de considerações e questionamentos que

extrapolassem o roteiro. Ao final de cada tópico, a orientadora comentou acerca das observações dos estudantes, e complementou as discussões. O momento de discussão durou em média uma hora e trinta minutos, e foi seguido do momento da prática.

As sessões de prática de yoga foram realizadas na plataforma Zoom, por permitir uma conexão mais estável. Todos os alunos participaram ao mesmo tempo, sem distinção de grupos, e foi seguida a primeira série do Ashtanga Yoga, com apresentação diária de novas posturas (ou asanas). Ao final da prática diária, o instrutor conduziu diferentes exercícios de respiração e sessões de meditação.

Os materiais utilizados foram os recursos tecnológicos para acessar as plataformas Teams e Zoom, como computador, celular ou tablet com acesso à internet; bem como o tapete de yoga pessoal.

A análise qualitativa da experiência dos demais participantes da AEPESP foi feita com base em um questionário online, na plataforma Google Forms, fornecido ao final da atividade. As perguntas mensuraram o grau de satisfação com a experiência e o efeito dela no bem-estar individual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A AEPESP cumpriu seu objetivo de promover maior contato com a literatura científica relacionado à yoga, bem como de apresentar uma alternativa de bem-estar para os estudantes envolvidos. Em um total de oito artigos científicos discutidos, foi possível compreender a relação do Yoga com o corpo humano em seus aspectos anatômicos, fisiológicos, moleculares, psíquicos e comportamentais. Os estudos estão resumidos na Tabela 2. De maneira geral, os resultados dos artigos lidos ou confirmaram benefícios da prática de Yoga ou demonstraram ausência de prejuízos, mesmo neste último caso havendo efeitos colaterais indiretos considerados benéficos.

Nesse aspecto, ratifica-se o papel da AEPESP em não só apresentar aspectos positivos da prática de yoga para os próprios estudantes, mas contribuir para a formação de futuros profissionais médicos capazes de compreender criticamente o papel da yoga como tratamento auxiliar quando aplicável, em uma abordagem contida na medicina baseada em evidências. Isso se torna particularmente relevante quando observado o contexto da yoga no ocidente, onde tem se tornado cada vez mais popular (Saper et. al, 2004). O yoga, como prática milenar, possui em seu cerne o objetivo primário de desenvolvimento da alma, não havendo inicialmente uma abordagem terapêutica. É apenas em 1918 que o primeiro estudo é conduzido (“Principles and Practice of Stress Management. Third Edition”, 2008), se estendendo aos mais variados e numerosos nos dias atuais, com intervenções que abrangem planos terapêuticos relacionados ao estresse, condições psicológicas, cardiovasculares, além de relacionados ao sistema imune (Field, 2016).

É relevante, ainda, enfatizar que o conhecimento agregado sobre yoga na AEPESP ocorreu de forma concomitante ao incentivo à busca ativa por literatura científica, já que foi estimulada a autonomia na escolha de artigos pelos grupos.

A falta de informações sobre o processo de pesquisa ainda constitui um entrave para a formação médica quando o assunto é entender a produção científica como forma de conhecimento (Pirola et al., 2020). Nesse aspecto, ao abranger estudantes do primeiro ao quinto semestre do curso de medicina, a atividade contribuiu para uma maior familiarização de alunos com aspectos relevantes de metodologia científica.

Ademais, foi possível enxergar benefícios individuais para o próprio bem-estar dos estudantes. Como mostrado na Tabela 3, dos onze alunos que terminaram participando efetivamente dos encontros, nove responderam ao questionário avaliativo aplicado, no qual todos afirmaram se sentirem motivados a saber mais sobre o tema abordado, mesmo após o término da AEPESP, além de declararem um efeito positivo da atividade no seu bem-estar. Dois alunos se declararam muito satisfeitos com a plataforma online utilizada, cinco alunos se declararam satisfeitos, enquanto dois estudantes se disseram muito insatisfeitos. Esses dados auxiliam no entendimento de que a intervenção, mesmo que realizada de maneira virtual, é capaz de trazer benefícios para os acadêmicos envolvidos, de forma que pôde se apresentar como alternativa de promoção de bem-estar mesmo em contextos nos quais atividades presenciais são possíveis, na intenção de alcançar uma parcela de docentes que outrora encontrariam dificuldades no deslocamento até a universidade.

Por último, é possível afirmar que a AEPESP cumpriu o objetivo da extensão universitária de estabelecer uma relação entre universidade e sociedade (interna e externa) de forma mutuamente transformadora (*UnB Decanato de Extensão - O que é extensão?*, [s.d.]), o que tem como exemplo principal os produtos finais produzidos. Dentre os quatro grupos em que os alunos foram divididos, três se uniram para a criação de uma conta na rede social “Instagram” intitulada “@yoga_e_meditacao” disponível no link: “https://www.instagram.com/yoga_e_meditacao”. Em um ambiente onde desinformações podem ser facilmente propagadas, o intuito de produzir postagens em uma rede social popular foi divulgar conhecimentos relacionados aos benefícios do yoga, baseados nos artigos trabalhados ao longo das duas semanas. Por fim, o quarto grupo se comprometeu a escrever um relato de experiência sobre a AEPESP, que culminou neste artigo, de forma a difundir a experiência da atividade com o yoga e permitir que seus benefícios possam ser reconhecidos, replicados e melhorados dentro do ambiente universitário e da sociedade como um todo.

CONCLUSÃO

Os encontros virtuais propostos pela AEPESP agregaram conhecimentos valiosos acerca da prática de Yoga, ao envolver esclarecimentos sobre conceitos iniciais e discussões científicas abrangentes sobre seus benefícios à saúde. Os estudantes de medicina da FM-UnB envolvidos tiveram acesso a importantes ferramentas e

conhecimentos relacionados a bem-estar em um período considerado crítico para a saúde mental, como a quarentena adotada frente à pandemia de COVID-19. É esperado que esses alunos tenham uma melhor noção de como iniciar a prática de Yoga, bem como serem instrumentos de propagação do conhecimento obtido durante os encontros e posteriormente. A inovação da AEPESP apoia-se na experiência remota e virtual que propõe, como alternativa para realização de atividades extracurriculares, com benefícios que podem incluir alunos com dificuldades de encontrar horário para realizá-las presencialmente no campus. No entanto, o benefício é limitado àqueles que possuem dispositivos eletrônicos disponíveis fora das dependências da universidade e com acesso à internet. Assim, pesquisas relacionadas à qualidade do acesso à internet e a computadores por parte dos alunos se tornam necessárias para que as atividades remotas sejam opções benéficas e não excludentes, a serem consideradas em um período pós-pandêmico.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Jan Von Meppen pelos ensinamentos e orientação durante as práticas diárias de yoga, e aos membros do NAPED pela orientação e suporte técnico durante a elaboração e execução da AEPESP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Beautrais, Annette. (2020) “Stress and suicide in medical students and physicians.” *New Zealand Medical Student Journal* 30, 11-14

Blacker, C. J., Lewis, C. P., Swintak, C. C., Bostwick, J. M., & Rackley, S. J. (2019). Medical Student Suicide Rates: A Systematic Review of the Historical and International Literature. *Academic medicine: journal of the Association of American Medical Colleges*, 94(2), 274–280. <https://doi.org/10.1097/ACM.0000000000002430>

Field, T. (2016). Yoga research review. *Complementary Therapies in Clinical Practice*, 24, 145–161. <https://doi.org/10.1016/j.ctcp.2016.06.005>

Galvanese, Ana Tereza Costa, Barros, Nelson Filice de, & d’Oliveira, Ana Flávia Pires Lucas. (2017). Contribuições e desafios das práticas corporais e meditativas à promoção da saúde na rede pública de atenção primária do Município de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(12), e00122016. Epub December 18, 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00122016>

Kanhere, S. V., Bagadia, D. R., Phadke, V. D., & Mukherjee, P. S. (2018). Yoga in Children with Epilepsy: A Randomized Controlled Trial. *Journal of pediatric neurosciences*, 13(4), 410–415. https://doi.org/10.4103/JPN.JPN_88_18

Kazusei A (2004) Práticas não-convencionais em medicina no Município de São Paulo / Kazusei Akiyama. São Paulo, 2004. Tese(doutorado):Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. (23) (PDF) Práticas não-convencionais em medicina no município de São Paulo.. Available from: <https://www.researchgate.net/publication/35946359> Praticas nao-convencionais em medicina no municipio de Sao Paulo[accessed Mar 17 2021].

Lazar, S. W., Kerr, C. E., Wasserman, R. H., Gray, J. R., Greve, D. N., Treadway, M. T., McGarvey, M., Quinn, B. T., Dusek, J. A., Benson, H., Rauch, S. L., Moore, C. I., & Fischl, B. (2005). Meditation experience is associated with increased cortical thickness. *Neuroreport*, 16(17), 1893–1897. <https://doi.org/10.1097/01.wnr.0000186598.66243.19>.

Lemay, V., Hoolahan, J., & Buchanan, A. (2019). Impact of a Yoga and Meditation Intervention on Students' Stress and Anxiety Levels. *American journal of pharmaceutical education*, 83(5), 7001. <https://doi.org/10.5688/ajpe7001>

Lengacher, C. A., Reich, R. R., Kip, K. E., Barta, M., Ramesar, S., Paterson, C. L., Moscoso, M. S., Carranza, I., Budhrani, P. H., Kim, S. J., Park, H. Y., Jacobsen, P. B., Schell, M. J., Jim, H. S., Post-White, J., Farias, J. R., & Park, J. Y. (2014). Influence of mindfulness-based stress reduction (MBSR) on telomerase activity in women with breast cancer (BC). *Biological research for nursing*, 16(4), 438–447. <https://doi.org/10.1177/1099800413519495>

Mata, D. A., Ramos, M. A., Bansal, N., Khan, R., Guille, C., Di Angelantonio, E., & Sen, S. (2015). Prevalence of Depression and Depressive Symptoms Among Resident Physicians: A Systematic Review and Meta-analysis. *JAMA*, 314(22), 2373–2383. <https://doi.org/10.1001/jama.2015.15845>

Miele, L (2009) Livro Ashtanga Yoga. 1ª Edição. São Paulo: Editora Jaboticaba

Minayo, M.C.S. (2013). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde (13ª Ed). São Paulo, SP: Editora Hucitec

Pinheiro, C. H. da J., Medeiros, R. A. R., Pinheiro, D. G. M., & Marinho, M. de J. F. (2007). Uso do ioga como recurso não-farmacológico no tratamento da hipertensão arterial essencial. *Rev. bras. hipertens*, 226–232.

Pirola, S. B. de F. B., Padilha, F. D., Padilha, F. D., Mauro, J. M. B. D., Mauro, J. M. B. D., Gabriel, S. A., Pirola, L. H. de F. B., Pirola, L. H. de F. B., & Gabriel, S. A. (2020). A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO DE MEDI-

CINA. *Revista Corpus Hippocraticum*, 1(1), Article 1. <http://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-medicina/article/view/232>

Principles and Practice of Stress Management. Third Edition. (2008). *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 196(6), 510. <https://doi.org/10.1097/NMD.0b013e318178e2c0>

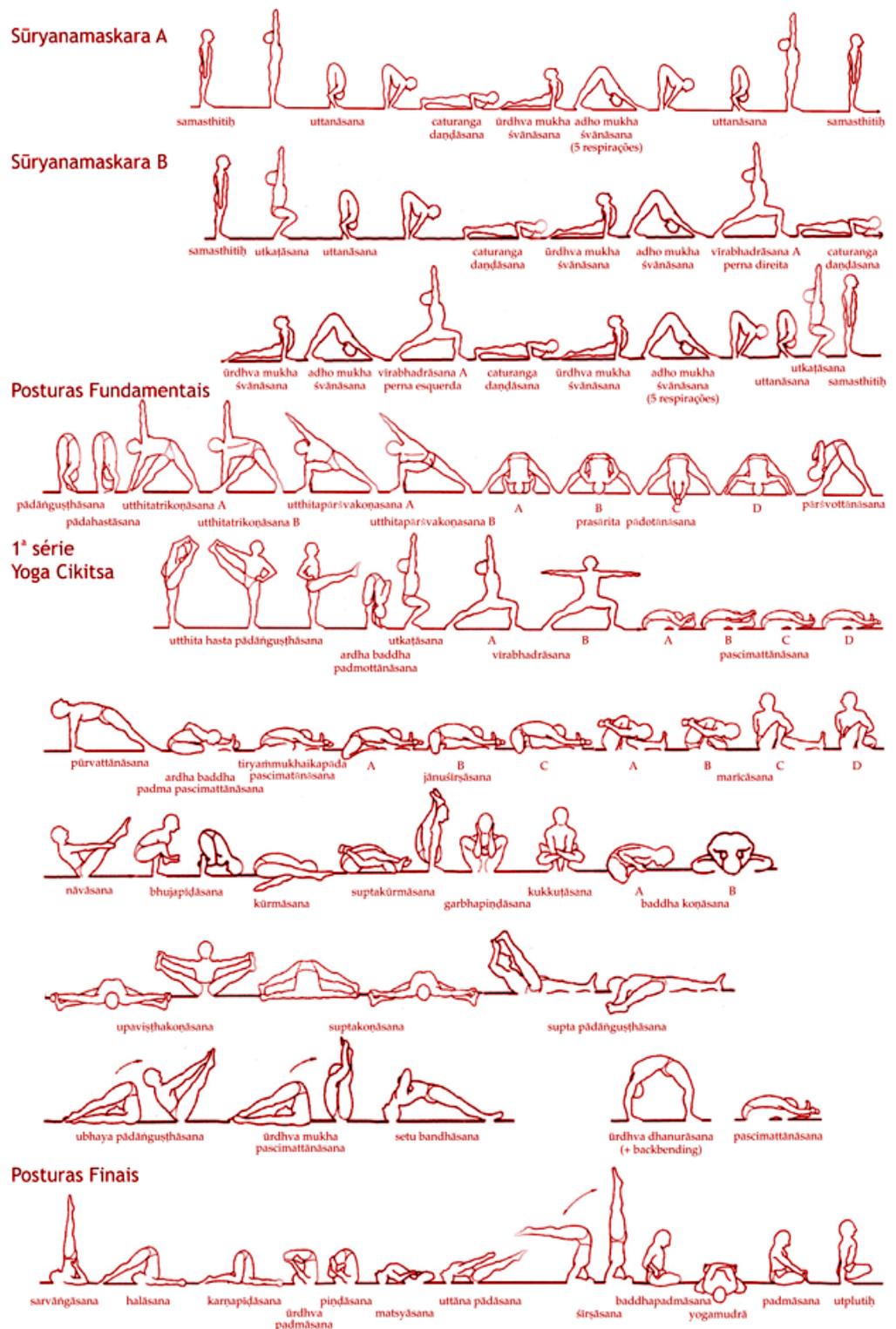
Salles, Sandra Abrahão Chaim. A interface entre a homeopatia e a biomedicina: o ponto de vista dos profissionais de saúde não homeopatas [thesis]. São Paulo: , Faculdade de Medicina; 2006 [cited 2021-03-18]. doi:10.11606/T.5.2006.tde-19102006-092621.

Saper, R., Eisenberg, D., Davis, R., Culpepper, L., & Phillips, R. (2004). Prevalence and patterns of adult yoga use in the United States: Results of a national survey. *Alternative therapies in health and medicine*, 10, 44–49.

Schmid, A. A., Van Puymbroeck, M., Fruhauf, C. A., Bair, M. J., & Portz, J. D. (2019). Yoga improves occupational performance, depression, and daily activities for people with chronic pain. *Work (Reading, Mass.)*, 63(2), 181–189. <https://doi.org/10.3233/WOR-192919>

UnB Decanato de Extensão—O que é extensão? ([s.d.]). Recuperado 28 de fevereiro de 2021, de <http://www.dex.unb.br/duvidas/o-que-e-extensao>

Yordanova, J., Kolev, V., Mauro, F., Nicolardi, V., Simione, L., Calabrese, L., Malinowski, P., & Raffone, A. (2020). Common and distinct lateralised patterns of neural coupling during focused attention, open monitoring and loving kindness meditation. *Scientific Reports*, 10(1), 7430. <https://doi.org/10.1038/s41598-020-64324-6>



Ilustrações por John Scott, do livro Ashtāṅga Yoga, de Lino Mielele

Figura 1. Asanas da primeira série do Ashtanga Vinyasa Yoga.

Ilustração por John Scott modificada de MIELE, Lino. Ashtanga Yoga. 1ª Edição.
São Paulo: Editora Jaboticaba, 2009

Tabela 1. Os oito aspectos do Ashtanga Yoga.

OS OITO ASPECTOS DO ASHTANGA YOGA	
1	Yama - comprometimento com a ética, a verdade e a não-violência
2	Niyama – condutas pessoais, a observância, o contentamento, a autodisciplina e auto estudo
3	Asanas – as posturas, que apresentam as dificuldades individuais para que sejam observadas e controladas
4	Pranayama – o controle da respiração e da energia
5	Pratyahara – a abstração dos sentidos externos, abstração do que não necessita de atenção
6	Dharana – a retenção da concentração para o progresso do estado meditativo
7	Dhyana – a meditação, a capacidade de manter-se presente
8	Samadhi – a iluminação, o estado meditativo completo

Tabela 2. Artigos discutidos em encontros remotos.

DATA	REFERÊNCIA DO ARTIGO DISCUTIDO	DESCRIÇÃO E RESULTADOS RELEVANTES
19/05/2020	Yordanova, J., Kolev, V., Mauro, F., Nicolardi, V., Simione, L., Calabrese, L., Malinowski, P., & Raffone, A. (2020). Common and distinct lateralised patterns of neural coupling during focused attention, open monitoring and loving kindness meditation. <i>Scientific Reports</i> , 10(1), 7430. https://doi.org/10.1038/s41598-020-64324-6	Explora aspectos comuns e diferenças em padrões eletroencefalográficos, entre três tipos diferentes de meditação. Demonstraram que cada meditação tem padrões de sincronização diferentes, que produzem desde estados de consciência profundos a estados de atenção plena e metacognição.
20/05/2020	Pinheiro, C. H. da J., Medeiros, R. A. R., Pinheiro, D. G. M., & Marinho, M. de J. F. (2007). Uso do ioga como recurso não-farmacológico no tratamento da hipertensão arterial essencial. <i>Rev. bras. hipertens</i> , 226–232.	Analisa os efeitos do Hatha Yoga no tratamento e controle complementares da pressão arterial em 16 pacientes com hipertensão arterial, pelo período de um mês. Observaram redução nas pressões arteriais sistólica, diastólica e no duplo-produto. Os resultados interferiram positivamente na Variabilidade da Frequência Cardíaca, o que indica melhora na função autonômica cardíaca.
21/05/2020	Lazar, S. W., Kerr, C. E., Wasserman, R. H., Gray, J. R., Greve, D. N., Treadway, M. T., McGarvey, M., Quinn, B. T., Dusek, J. A., Benson, H., Rauch, S. L., Moore, C. I., & Fischl, B. (2005). Meditation experience is associated with increased cortical thickness. <i>Neuroreport</i> , 16(17), 1893–1897. https://doi.org/10.1097/01.wnr.0000186598.66243.19 .	Investiga mudanças nas estruturas cerebrais associadas às práticas meditativas. Encontrou maior espessura no córtex pré-frontal em praticantes de meditação mais velhos e experientes, sugerindo que a meditação pode contrapor o adelgaçamento do córtex associado ao envelhecimento. Os dados evidenciam a plasticidade cortical associada à prática meditativa.
22/05/2020	Schmid, A. A., Van Puymbroeck, M., Fruhauf, C. A., Bair, M. J., & Portz, J. D. (2019). Yoga improves occupational performance, depression, and daily activities for people with chronic pain. <i>Work (Reading, Mass.)</i> , 63(2), 181–189. https://doi.org/10.3233/WOR-192919	Testa uma intervenção de Yoga para pessoas com dor crônica, uma vez que a terapia holística cobre componentes corpo-mente-social afetados pela dor. Observaram melhora na performance ocupacional, aumento no engajamento com atividades e redução na depressão.

25/05/2020	<p>Kanhere, S. V., Bagadia, D. R., Phadke, V. D., & Mukherjee, P. S. (2018). Yoga in Children with Epilepsy: A Randomized Controlled Trial. <i>Journal of pediatric neurosciences</i>, 13(4), 410–415. https://doi.org/10.4103/JPN.JPN_88_18</p>	<p>Estuda os efeitos da prática de Yoga na frequência de ocorrência de convulsões e no eletroencefalograma de crianças com epilepsia. Nenhuma das 20 crianças teve qualquer episódio de epilepsia durante os 6 meses no grupo de estudo, enquanto no grupo controle ocorreram 7 episódios. O EEG das crianças que praticaram Yoga também demonstrou alterações positivas.</p>
26/05/2020	<p>Galvanese, Ana Tereza Costa, Barros, Nelson Filice de, & d'Oliveira, Ana Flávia Pires Lucas. (2017). Contribuições e desafios das práticas corporais e meditativas à promoção da saúde na rede pública de atenção primária do Município de São Paulo, Brasil. <i>Cadernos de Saúde Pública</i>, 33(12), e00122016. Epub December 18, 2017. https://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00122016</p>	<p>Pesquisa qualitativa que analisa as contribuições e os desafios das práticas corporais e meditativas à promoção da saúde na rede pública de atenção primária. Desenvolvida em 16 unidades de saúde do Município de São Paulo, por entrevistas com profissionais e praticantes de 31 práticas integrativas.</p>
7/05/2020	<p>Lemay, V., Hoolahan, J., & Buchanan, A. (2019). Impact of a Yoga and Meditation Intervention on Students' Stress and Anxiety Levels. <i>American journal of pharmaceutical education</i>, 83(5), 7001. https://doi.org/10.5688/ajpe7001</p>	<p>Avalia o impacto de um programa de meditação e yoga nos níveis de ansiedade e estresse de estudantes universitário. Os estudantes experienciaram uma redução significativa dos níveis de estresse e ansiedade após as 6 semanas do programa, demonstrando que a adoção de práticas de mindfulness, dentro do currículo, pode servir como uma modalidade de apoio não-farmacológico ao estudante.</p>

28/05/2020	<p>Lengacher, C. A., Reich, R. R., Kip, K. E., Barta, M., Ramesar, S., Paterson, C. L., Moscoso, M. S., Carranza, I., Budhrani, P. H., Kim, S. J., Park, H. Y., Jacobsen, P. B., Schell, M. J., Jim, H. S., Post-White, J., Farias, J. R., & Park, J. Y. (2014). Influence of mindfulness-based stress reduction (MBSR) on telomerase activity in women with breast cancer (BC). <i>Biological research for nursing</i>, 16(4), 438–447. https://doi.org/10.1177/1099800413519495</p>	<p>Investiga os efeitos da prática meditativa “Redução de estresse baseada em mindfulness (MBSR em inglês)” no tamanho dos telômeros e na atividade da enzima telomerase em pacientes com câncer de mama. Telômeros são importantes marcadores de estresse e envelhecimento celular, bem como indicam riscos de doenças, especialmente para o câncer. Os resultados indicaram que a prática meditativa aumentou a atividade da telomerase em células mononucleares do sangue periférico. O significado clínico da ação dessa enzima não é bem definido, mas pesquisas demonstram que sua baixa atividade está associada a reatividade autonômica exagerada, com elevação do estresse mental e da epinefrina noturna. Mesmo sem a definição exata, os resultados desse estudo podem servir de parâmetro para futuros estudos de intervenções em pacientes com câncer de mama.</p>
------------	--	--

Tabela 3. Resultados questionário avaliativo.

	Sim	Não
Em relação ao tema da atividade, você se sente motivado a saber mais sobre ele mesmo após os encontros virtuais?	9	0

	Sim	Não	Talvez
Ainda em relação ao tema da atividade, você se sente motivado a conversar sobre ele com seus colegas após os encontros virtuais?	8	0	1

	Houve efeito positivo	Houve efeito negativo	Não houve impacto
Como a realização da AEPESP impactou no seu bem-estar?	9	0	0

	Muito Satisfeito	Satisfeito	Insatisfeito	Muito insatisfeito
Adequação entre plataformas utilizadas e objetivos da atividade	2	5	0	2

IMPORTÂNCIA DAS INFORMAÇÕES SOBRE BIOSSEGURANÇA FORNECIDAS PELO PROJETO DE EXTENSÃO TECNOLÓGICA SBRT A EMPREENDEDORES

Importance of the biosafety information provided
by the SBRT technological extension project to
entrepreneurs

Ingrid de Souza Freire
ingridfgen@gmail.com
Genética e Morfologia / Universidade de Brasília

Larisse Araújo Lima
larisse.lima@cdt.unb.br
Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação/CDT/UnB

Adriana Regina Martin
adriana.martin@embrapa.br
Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação/CDT/UnB

Grace Ferreira Ghesti
grace@unb.br
Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação/CDT/UnB

RESUMO

Biossegurança constitui-se como um conjunto de procedimentos que visam evitar, controlar e/ou minimizar os riscos provocados pelo uso de agentes nocivos à biodiversidade. A necessidade de busca por informações consolidadas e confiáveis no ambiente de trabalho contribui com processos eficientes e seguros. Com o propósito de se estabelecer a disseminação dos conhecimentos sobre biossegurança e empreendedorismo no âmbito do Distrito Federal, o projeto de extensão tecnológi-

ca, Serviço Brasileiro de Resposta Técnica – SBRT, contribui por meio de produtos personalizados com esse público demandante. Diante disso, realizou-se uma análise dos conteúdos técnicos disponibilizados em seu banco de dados a fim de aumentar sua inclusão no cenário socioeconômico do Distrito Federal. Os serviços prestados pelo SBRT aliados a disseminação do conhecimento promovido pelas Universidades - auxiliam procedimentos que demandariam consultoria técnica. Por esse motivo, esse projeto serve de modelo a outros sistemas de inovação e de disseminação do conhecimento técnico ao setor produtivo.

PALAVRAS-CHAVE: Biossegurança, empreendedorismo; informação tecnológica, SBRT, universidade.

ABSTRACT

Biosafety is a set of procedures aimed at avoiding, controlling and / or minimizing the risks caused by the use of agents harmful to biodiversity. The need to search for consolidated and reliable information in the workplace contributes to efficient and safe processes. With the purpose of establishing the dissemination of knowledge about biosafety and entrepreneurship within the Federal District, the technological extension project, the Brazilian Technical Response Service - SBRT, contributes through customized products with this demanding public. Therefore, an analysis of the technical content made available in its database was carried out in order to increase its inclusion in the socioeconomic scenario of the Federal District. The services provided by the SBRT, along with the dissemination of knowledge promoted by universities - assist procedures that would require technical advice. For this reason, this project serves as a model for other systems of innovation and dissemination of technical knowledge to the productive sector.

KEYWORDS: Biosafety, entrepreneurship; technological information, SBRT, university.

INTRODUÇÃO

Biossegurança é definida como o aglomerado de técnicas a respeito de normas e medidas que resultam em experiências seguras oriundas de procedimentos controlados visando a minimização dos riscos provocados pelo uso de agentes químicos, físicos e biológicos à biodiversidade (PORTAL EDUCAÇÃO, 2008). Nesse sentido, o público mais heterogêneo, desde comunidade acadêmica até agricultura familiar, incluindo unidades industriais em seus diversos ramos de atuação, necessita buscar informações confiáveis a respeito de biossegurança em suas áreas de trabalho afim de contribuir com processos eficientes e seguros.

Nos últimos anos o tema biossegurança tem sido empregado em todas as suas abrangências por diversos seguimentos produtivos. Dentre os principais seguimentos destacam-se a área de biossegurança laboratorial, dos processos industriais, na área da saúde e principalmente na área de produção, manufatura e comercialização de alimentos. Diante do exposto, informações técnicas, a disseminação e o monitoramento das informações tecnológicas são elementos essenciais para melhoria da qualidade de produtos e/ou processos produtivos.

Sob essa ótica, o projeto de extensão tecnológica intitulado Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas - SBRT caracteriza-se como um serviço de informação, sendo este *online*, gratuito e instituído por uma rede de cooperação nacional para compartilhar o conhecimento das instituições de ensino e tecnologia disponibilizando produtos técnicos personalizados para dúvidas tecnológicas dispostos em um banco de dados (SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS - SBRT, 2014).

A rede, que abrange todo o território nacional, é composta pelo Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB), pela Agência USP de Inovação (USP/DT), pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI do Rio Grande do Sul [SENAI/RS] e do estado do Amazonas [SENAI/AM]), Instituto de Tecnologia do Paraná (TECPAR), Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC), Instituto Evaldo Lodi da Bahia (RETEC/IEL), Rede de Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro (REDETEC) e pela Universidade do Estado de São Paulo (UNESP/SIRT) (Figura 1) a fim de atender todo território nacional. Essa iniciativa foi implementada em 2004 pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações [MCTIC] em parceria com o SEBRAE, que conta ainda com o CNPq e do IBICT.

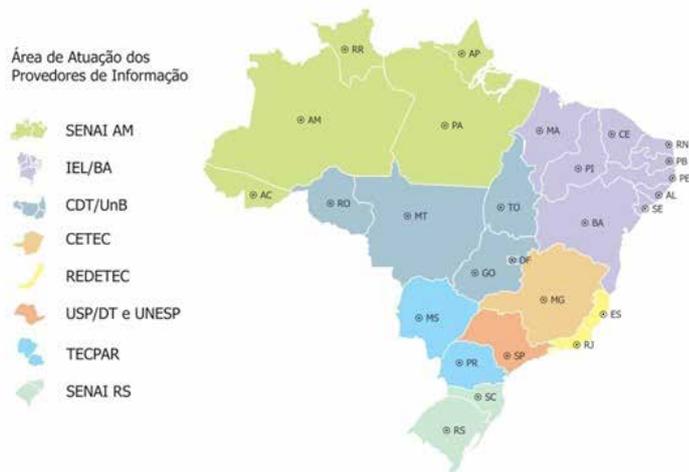


Figura 1 – Atuação dos centros integrantes da rede SBRT no país.

Fonte: (SBRT, 2014)

É previsto o fortalecimento da atuação do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB) no projeto de extensão tecnológica intitulado Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas - SBRT - com relação ao tema biossegurança, pois foi criado em janeiro de 2017, na cidade de Brasília/DF, o Biotic – Parque Tecnológico, que visa concentrar cerca de 1,2 mil empresas dos ramos da tecnologia da informação e comunicação e da biotecnologia, com potencial para criar mais de 25 mil empregos diretos. Anteriormente o Parque Tecnológico era chamado de Capital Digital e previa a instalação somente de empresas ligadas às áreas de Tecnologia da Informação e Telecomunicações, TICs. Entretanto, devido ao grande crescimento da área de biotecnologia no Brasil, a lei sancionada pelo governador do DF em 10/01/2017 alterou a que foi publicada em 2002, ampliando o escopo do empreendimento do parque englobando a área de biotecnologia, pois ele está localizado no centro do bioma Cerrado, que detém uma das maiores biodiversidades do planeta (GOMES, 2017). Com a criação do Biotic - Parque tecnológico na cidade de Brasília/DF, muitos empreendedores irão instalar suas empresas da área de biotecnologia neste parque e, conseqüentemente estes empreendedores irão realizar solicitações ao Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas - SBRT do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB), o que fortalecerá o projeto de extensão tecnológica da UnB.

O objetivo desse trabalho foi avaliar as contribuições oriundas do projeto de extensão tecnológica SBRT na área de biossegurança possibilitando, desta forma, a realização de uma análise quantitativa e qualitativa dos conteúdos técnicos disponibilizados em seu banco de dados. Assim como sua principal contribuição para disseminação do conhecimento técnico no contexto de desenvolvimento socioeconômico do Distrito Federal.

METODOLOGIA

O acesso ao banco de dados do SBRT se dá mediante o cadastro do usuário por meio de usuário/senha e posterior verificação das respostas personalizadas dispostas no sítio eletrônico por meio do uso de palavras chaves (Figuras 2 e 3). Caso as respostas disponíveis no banco de dados não atendam ou atendam parcialmente a necessidade do usuário, o mesmo poderá postar um novo questionamento a respeito da sua real necessidade via portal SBRT.



Figura 2 - Página inicial do site SBRT

Fonte: (SBRT, 2014)



Figura 3 - Página de busca no site do SBRT

Fonte: (SBRT, 2014)

O atendimento do SBRT é feito de forma específica e adaptada às expectativas de seus clientes, os quais apresentam os mais diversos perfis, tais como: comunidade acadêmica, micro, pequenas e médias empresas, empreendedores e pessoas físicas, órgãos governamentais, produtores artesanais, sindicatos, associações e cooperativas, estudantes e profissionais de serviços de informação tecnológica (SBRT, 2014). O atendimento prestado é realizado por meio de especialistas técnicos (pesquisadores, professores, técnicos, alunos, dentre outros) de instituições de ensino superior e/ou centros tecnológicos vinculados ao projeto SBRT. Como fruto da demanda e do conhecimento do corpo técnico, um produto personalizado designado por Resposta Técnica (RT), Resposta Técnica Complementar (RTC), Respostas Proativas (RTP), Respostas Técnicas Referenciais (RR) e Dossiês Técnicos (DT) são elaborados a fim de responder de forma simples e gratuita as solicitações técnicas de um cliente.

Esses produtos, frutos de informações tecnológicas, designam-se como sendo Resposta Técnica - RT um documento que:

Compreenda um conjunto de informações técnicas de baixa complexidade, relativas à produção de um bem industrial, à execução de um serviço técnico especializado, ao cultivo e criação de produtos do agronegócio, que envolvam aspectos tecnológicos e que visem a melhoria da qualidade, o aumento de produtividade e a solução de problemas técnicos/opera-

cionais de interesse das micro e pequenas empresas, bem como para início e diversificação do negócio (SBRT, 2014a).

Designarão como Resposta Técnica Complementar - RTC quando:

Compreender um conjunto de informações de baixa complexidade complementares ao processo de produção. As RTC prestam informações sobre normalização, regulamentação, escolha de fornecedores de produtos acabados e serviços especializados no auxílio do processo produtivo da empresa (SBRT, 2014b).

Designarão como Resposta Referencial - RR quando:

Compreender um tipo de atendimento em que não será desenvolvida uma Resposta Técnica (RT) ou Resposta Técnica Complementar (RTC) para o cliente. Será fornecido somente um esclarecimento ou uma orientação de como o cliente poderá obter a informação solicitada, seja via RT Prévia, Consultoria Tecnológica ou Apoio a Gestão, indicando a instituição onde ele poderá receber o atendimento (SBRT, 2014c).

E, por fim, designam-se como Dossiê Técnico - DT um documento a respeito de um assunto relevante e que seja abordado todos os aspectos inerentes a seu produto, processo e uso por um público demandante específico.

Sabe-se que as atividades extensionistas surgiram da necessidade de uma interação universidade-sociedade (SANTOS, 2014). Desta forma, o projeto de extensão tecnológica SBRT, por meio de sua proximidade com essas instituições, age como um mediador entre a universidade e o empreendedor, possibilitando a socialização do conhecimento (SILVA, 1997).

Ademais, na Universidade de Brasília, além da oferta de serviço proporcionada pelo SBRT à comunidade, dentre eles os empresários, também podem contar com o apoio dos serviços prestados pelo projeto de extensão Disque Tecnologia, que caracteriza-se como um projeto criado em 1994 fruto da necessidade de um serviço de atendimento ao setor produtivo do Distrito Federal, que demandavam soluções para questões tecnológicas de média complexidade. Compete à equipe do Disque Tecnologia encaminhar o problema ou dúvida a um especialista na área em questão, buscando eficiência e rapidez na prestação do serviço. O projeto conta com a participação da comunidade acadêmica da UnB que atua na execução da requerida demanda sob a forma de cooperação técnico-científica com empresas e clientes interessados.

Resultados e Discussão

Em relação à área de biossegurança na produção de alimentos evidencia-se a necessidade de obtenção de produtos com melhor qualidade e com garantia de eficiência dos processos aliados a otimização do custo benefício para o produtor. Muito tem sido

feito em avanços tecnológicos voltados ao aumento da produção de alimentos. Entretanto, essas tecnologias não apenas destinam-se ao ganho quantitativo, mas também ao ganho qualitativo desses alimentos, como no caso da produção orgânica.

No Distrito Federal, estima-se que os produtores brasileiros devem alcançar as melhores produtividades do país nas principais culturas: soja, milho e feijão, além do trigo e do sorgo (KREMER, c2017). Segundo Kremer (c2017), o bom rendimento das lavouras deve elevar em quase 20% o total de grãos produzidos em Brasília em comparação à colheita anterior. Esse grande avanço pode ser justificado em decorrência de novas tecnologias utilizadas no campo assim como o acesso ao conhecimento técnico como ferramenta primordial para o sucesso das lavouras (KREMER, c2017). O autor ainda afirma que com a produção em alta, o agricultor se capitaliza e sabe que pode e deve investir ainda mais na atividade, pois é isso que garante tamanho retorno das plantações.

Ademais, outro perfil produtivo também relevante ao setor agroindustrial da região caracteriza-se pela produção de alimentos orgânicos. Esse setor tem crescido consideravelmente e tem levado os produtores a buscarem mais informações técnicas para viabilidade da produção, modos de produção, sustentabilidade agrícola, aproveitamento dos recursos hídricos, certificação junto a órgãos competentes, dentre outros aspectos produtivos. Entretanto, mesmo sob orientação que regulamenta e estimula produtores em suas práticas agrícolas tais como a Lei 4.772/2011 que estabelece diretrizes para implantação de hortas urbanas no DF; a Lei 4.654/2011 que institui a adoção de hortas comunitárias no DF; a Lei 4.797/2012 que estabelece os princípios para a política distrital de mudança climática e a Lei 5.146/2013 que estabelece as diretrizes para a promoção da alimentação saudável nas escolas da rede de ensino do Distrito Federal, ainda há muita dificuldade de entendimento dos agricultores acerca das interpretações das informações técnicas que o direcionam para um caminho prático a seguir nas lavouras.

É comum que os clientes atendidos pelo SBRT requisitem demandas que envolvam a contaminação de alimentos, assim como questões que envolvam as boas práticas de fabricação, ou a sua contaminação pelo uso de agrotóxicos, ou ainda, sobre o uso de diversos produtos químicos em lavouras assim como a utilização de domissanitários em processos de acondicionamento alimentar.

Como intuito de suprir ou minimizar essa carência interpretativa informacional, todos esses dispositivos legislativos mencionados são amparados por práticas tecnológicas orientadas por serviços de apoio tais como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal - EMATER e também por meio do projeto de extensão tecnológica Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas - SBRT.

Uma das demandas mais requisitadas atendidas por esses serviços de apoio referem-se à biossegurança no controle de pragas em que os insetos-praga são responsáveis pela perda de aproximadamente 13% da safra de alimentos do mundo (SILVAFILHO& FALCO, 2000). Além disso, também são responsáveis pela transmissão de várias doenças. Desde a Revolução Verde, na década de 1950, o processo tradicional de produção agrícola sofreu drásticas mudanças com a inserção de novas tecnologias, visando à produção extensiva de *commodities* agrícolas. Essas tecnologias de uso convencional e padrão envolvem o uso extensivo de agrotóxicos, com a finalidade de controlar doenças e aumentar a produtividade. Por isso, as demandas surgem pela falta de caminhos alternativos e viáveis consolidados e difundidos.

Com os adventos da biotecnologia, que geraram métodos de controle ecologicamente mais viáveis, tais como o controle biológico, muitos agricultores ainda desconhecem e questionam a eficiência do processo. Contudo, o uso desses químicos tradicionais é extremamente prejudicial à saúde humana e ao meio ambiente (OLIVEIRA FILHO et al. 2011).

Como forma de mediar e minimizar/suspender o uso de inseticidas, e conseqüentemente afastar seus efeitos, atualmente, prima-se pelo uso de bioinseticidas, que por sua vez são inseticidas naturais a base de fungos, bactérias ou vírus usados no controle de pragas. Os bioinseticidas mais utilizados no mundo e mais conhecidos são aqueles à base da bactéria gram-positiva *Bacillus thuringiensis* (Bt) (MONNERAT& PRAÇA, 2006).

O uso de bioinseticidas se popularizou nos últimos anos, porém boa parte dos agricultores, em especial os de pequeno porte, desconhecem tal prática. Com isso, buscam auxílio nos bancos de dados do SBRT e geram novas demandas em decorrência da facilidade de acesso, custo benefício e um breve retorno a sua necessidade. Logo, o empreendedor sente-se naturalmente atraído por esse tipo de solução. Além disso, o cliente demandante sabe que o produto a ser recebido destinará a responder de forma específica a sua necessidade, gerando confiabilidade e compromisso com a melhoria de seu produto ou processo.

Como exemplo de informações disponibilizadas pelo sítio do SBRT, é possível encontrar:

A definição de bioinseticida e as normas relativas de cada órgão competente explicitando e indicando a competência de cada qual. Sendo assim, os bioinseticidas encaixam-se na definição de Agentes Microbiológicos de Controle, conforme a Instrução Normativa Conjunta nº 03 de 2006 do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), que os define como “os microrganismos vivos de ocorrência natural, bem como aqueles

resultantes de técnicas que impliquem na introdução natural de material hereditário, excetuando-se os organismos cujo material genético (DNA/RNA) tenha sido modificado por qualquer técnica de engenharia genética (OGM)” (BRASIL, 2006).

De acordo com o Decreto nº 4.074/2002 (BRASIL, 2002b), que regula a Lei 7.802/1989, e com a Resolução Diretoria Colegiada nº 194/2002, para que haja produção, manipulação, exportação, importação de agrotóxicos e afins, o que também inclui os Agentes Microbiológicos de Controle (AMCs), estes devem ser registrados e prestar informações e dados específicos ao MAPA, à ANVISA e ao IBAMA. Nesse caso, cada órgão é responsável por diferentes atividades, o MAPA garante a eficácia agrônômica do produto, o IBAMA investiga a periculosidade ambiental e a ANVISA a classificação toxicológica dele (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO - MAPA, 2012).

Além disso, a segurança de alimentos produzidos segue padrões estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU). Eles são submetidos a testes toxicológicos, alergênicos, nutricionais e ambientais que passam por análise da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) (FINARDI FILHO, [2000]).

Ou seja, houve uma simplificação do conteúdo a fim de proporcionar um entendimento facilitado, além de citar todas as instituições legitimadas com suas respectivas atribuições, mostrando o papel de cada qual e suas responsabilidades.

Outra demanda recorrente no sítio do SBRT refere-se a plantas geneticamente modificadas. Por parte do produtor rural, os danos provocados por herbívoros na agricultura e da consequente perda da safra são fatos rotineiramente observados. Sendo assim, as plantas transgênicas resistentes a insetos são apresentadas por parte de fornecedores como possibilidade de remediar os prejuízos financeiros acarretados a lavoura (MCNUTT *et al.* 2012). Com relação à temática, as solicitações vão desde aquelas na qual o cliente solicita informações para obtenção de feijão transgênico à produção de alimentos orgânicos. Verificou-se também que alguns clientes utilizam o SBRT para tirar dúvidas quanto ao uso desses produtos no país, de forma que eles requisitam informações sobre a segurança alimentar dos Organismos Geneticamente Modificados (OGMs).

Mesmo sendo uma alternativa mais viável quando comparado ao uso de defensivos agrícolas, pouco ainda se sabe a respeito dos efeitos adversos do consumo de produtos obtidos de plantas transgênicas e de cultivos manejados com bioinseticidas. A literatura ainda apresenta resultados controversos a respeito desses produtos, sobretudo quando se trata da exposição em organismos diferentes e da quantidade e de como o produto foi testado.

Nesse sentido, o projeto SBRT vem proporcionar uma melhor explanação aos seus usuários a respeito dessa prática de biossegurança quando relacionados a manipulação de alimentos voltados a transgenia vegetal. No Distrito Federal, a lei nº 5635/2016 - dispõe sobre a obrigatoriedade de colocação de aviso da presença de organismo geneticamente modificado em alimentos destinados ao consumo humano e animal produzidos, industrializados e comercializados no Distrito Federal.

Além disso, a orientação sobre a biossegurança alimentar prestada pelo projeto SBRT não é somente voltada para escala produtiva, mas também pela continuidade de tratamento desses alimentos até seu consumo final.

Segundo Arnon *et al.* (2001), as atividades desenvolvidas por microempreendedores relacionadas aos produtos alimentícios caseiros tais como as conservas caseiras constituem o maior risco para a saúde pública, em razão dos procedimentos inadequados na preparação dos alimentos. Neste sentido, o serviço prestado pelo SBRT relativo aos parâmetros de biossegurança alimentar na produção e na manutenção de diferentes alimentos se faz necessária à população, que algumas vezes pouco sabe sobre os procedimentos de higiene e segurança alimentar.

Dentre os procedimentos orientados pelo projeto SBRT que devem integrar os procedimentos de controle de produção, cita-se os Procedimentos Operacionais Padronizados (POPs). A Resolução Diretoria Colegiada nº 275, de 2002, da ANVISA (BRASIL, 2002a) estabelece que produtores/industrializadores de alimentos devem desenvolver, implementar e manter os POPs para cada item relacionado que se segue:

- a) Higienização das instalações, equipamentos, móveis e utensílios;
- b) Controle da potabilidade da água;
- c) Higiene e saúde dos manipuladores;
- d) Manejo dos resíduos;
- e) Manutenção preventiva e calibração de equipamentos;
- f) Controle integrado de vetores e pragas urbanas;
- g) Seleção das matérias-primas, ingredientes e embalagens, e;
- h) Programa de recolhimento de alimentos (BRASIL, 2002a).

Esses POPs são instruções descritas para alcançar a uniformidade na execução de uma função específica. Ou seja, as orientações prestadas pelo SBRT visam proporcionar ao usuário que utilizem desses estabelecimentos, as ações que garantam a qualidade entre turnos de trabalho e durante todo o processo produtivo (VERGANI, [200-?]).

Pequenos produtores desconhecem a necessidade da implantação de POPs e parâmetros de controle na produção de alimentos. Por isso, o pro-

jeto SBRT associado aos serviços prestados pelas Universidades na disseminação do conhecimento.

Ainda, como forma de identificar as principais demandas relacionadas a área de biossegurança referente a produção e manipulação de alimentos, foi feita uma pesquisa no banco de dados do sítio do projeto de extensão tecnológica SBRT utilizando-se os termos: “biossegurança”, “análise de alimentos”, “qualidade alimentar”, “contaminação alimentar”, “agrotóxico”, “bioinseticida”, “defensivo agrícola” e “planta transgênica” como palavras chaves. O resultado dessa pesquisa revelou um universo com cerca de 78 Respostas Técnicas (RT) destinadas a área de “biossegurança”, 500 RTs para os termos “análise de alimento”; “qualidade alimentar” e “contaminação alimentar; cerca de 465 RT utilizando como palavra-chave o termo “agrotóxico”; 18 RT como palavra-chave o termo “bioinseticida”; 235 RT empregando como palavra-chave o termo “defensivo agrícola”; 8 RT com o termo “planta transgênica” (Figura 4).

Os números apresentados revelam a importância da biossegurança nas diversas práticas agrícolas e manufatura de alimentos. Esses dados revelam as principais dúvidas enfrentadas pelos empreendedores dessas áreas, devido à sugestiva ausência do conhecimento técnico que eles têm e a importância no desenvolvimento de ferramentas que os auxiliem com baixo custo, ou nenhum, promovendo suas atividades.

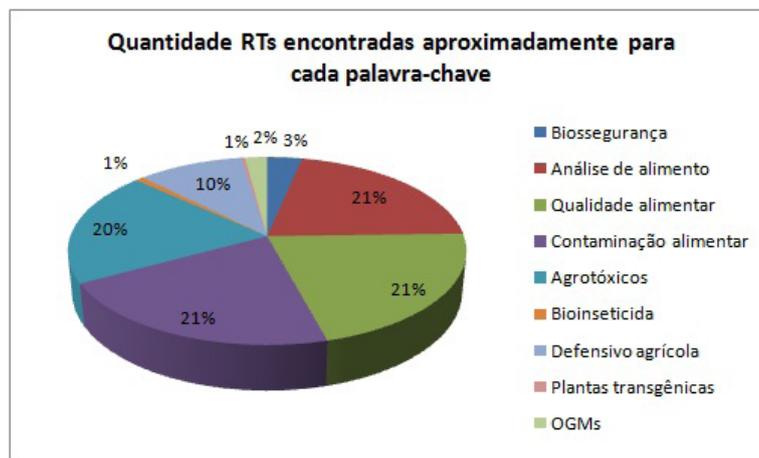


Figura 4 – Porcentagem de Respostas Técnicas (RTs) encontradas aproximadamente no banco de dados do SBRT.

Outra vertente relacionada à biossegurança e que também é orientada

pelo projeto SBRT diz respeito às atividades desempenhadas em indústrias de transformação química e metalúrgica, serralherias, ferros velhos, oficinas mecânicas dentre outras modalidades de serviços e processos produtivos. No Distrito Federal, as indústrias e serviços ainda possuem uma realidade aquém de seu potencial, porém muito tem sido feito no sentido de contribuir com o aprimoramento e crescimento desse parque industrial.

De acordo com o Jornal de Brasília (2015) a indústria no DF é, em todo o Brasil, a que tem a menor participação na economia local, no qual o segmento contribui com apenas 5,6% do Produto Interno Bruto (PIB) da capital, quase um quarto da média nacional. Entretanto, com incentivo e disseminação do conhecimento, o Distrito Federal tem potencial para se tornar uma referência industrial assim como já o faz na área da produção agrícola.

As informações a respeito da biossegurança prestadas pelo projeto SBRT vêm de encontro à legislação vigente no Distrito Federal tal como a Lei 5610/2016 que dispõe sobre a responsabilidade dos grandes geradores de resíduos sólidos, a Lei 5418/2014 que dispõe sobre a política distrital de resíduos sólidos e a Lei 5271/2013 que dispõe sobre o sistema seletivo de lixo para armazenamento e coleta das sucatas das oficinas mecânicas e dos rejeitos das empresas químicas e metalúrgicas do Distrito Federal. Todas essas legislações são de suma importância e relatam a respeito das práticas de biossegurança, os quais se baseiam todas as informações técnicas prestadas pelo projeto de extensão tecnológica SBRT atuante na implementação dos serviços e do parque industrial no DF.

Conclusão

O projeto SBRT é fonte de informação de extensão tecnológica, pois busca atender demandas da sociedade promovendo a difusão do conhecimento fomentando a inovação e o empreendedorismo ao subsidiar o acesso a informações tecnológicas. Percebe-se que no Distrito Federal, por iniciativas legais, a agricultura familiar e a manufatura de alimentos requerem contribuições efetivas a respeito do tema biossegurança para desenvolvimento socioeconômico da região em questão. Logo, o projeto contribui bastante para a sustentabilidade do agronegócio local por meio de respostas técnicas elaboradas por corpo técnico especializado.

Segundo citação de um cliente “[...] O SBRT é minha biblioteca virtual para aquisição de conhecimentos que não domino ou que tenho demanda em dado momento. Uma ferramenta excepcional, e merece muito ser divulgada [...]. (PEGN, 2009).

Sabe-se que o projeto SBRT, aliado às tecnologias resultantes de trabalhos de pesquisa das Universidades, atende a diferentes tipos de solicitações e demandas. Essas demandas são provenientes tanto de comunidades rurais quanto de pessoas que moram em grandes centros urbanos. Em geral, são requisitadas por pessoas que não têm acesso à informação de ponta ou que têm dificuldade/inacessibilidade a estas in-

formações. Por isso, o projeto aliado à extensão universitária age como um facilitador diante de procedimentos que demandariam tempo ao cliente, ou que em alguns casos eles não obteriam acesso de forma clara, rápida e gratuita. Ele também pode servir de modelo a outros sistemas de inovação razão pela qual o seu compartilhamento com outros pesquisadores reveste-se de particular relevância.

A rede auxilia estes empreendedores a se inserir no mercado comercial de forma mais justa, justificando-a ainda como uma ferramenta que faz a extensão do conhecimento, do ensino e da pesquisa de uma instituição de ensino à um público que se encontra além de seus muros.

A atuação do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB) no projeto de extensão tecnológica SBRT terá maior demanda com a criação do Biotic - Parque tecnológico na cidade de Brasília/DF, pois as empresas da área de biotecnologia que se instalarão no mesmo irão realizar solicitações ao SBRT do CDT/UnB sobre o tema biossegurança, fazendo com que este ganhe maior visibilidade junto a rede de cooperação nacional.

Ressalta-se que a análise desse artigo não pretende traçar um panorama taxativo do banco de dados do SBRT, sendo de caráter exemplificativo baseado na pesquisa acerca de biossegurança. A demanda levantada deve portanto sofrer modificações em detrimento das modificações dos estudos futuros oriundas do Biotic, o que nesse momento configura-se como uma limitação à pesquisa tendo em vista que ainda não há um panorama linear traçado entre a Universidade e as futuras empresas da área de biotecnologias que serão implementadas no parque. É possível e mais provável que o grau de complexidade dos questionamentos dessas empresas superem as possibilidades de auxílio por meio do projeto de extensão SBRT, entretanto como forma de auxílio oriundo da universidade de forma efetiva as demandas com alto grau de complexidade podem ser atendidas por meio do Programa Disque Tecnologia, que visa justamente, atender de forma precisa por meio de consultoria tecnológica as dúvidas tecnológicas de empresas do setor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNON, S. S. et al (2001). Botulism toxin as a biological weapon. **American Medical Association**, v. 285, n. 8, p. 1059-1071. Disponível em: <<http://www.bt.cdc.gov/agent/botulism/botulismconsensus.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BRASIL (2006). Instrução Normativa Conjunta nº 03, de 10 de março de 2006. Estabelece procedimentos a serem dotados para efeito de registro de agentes microbiológicos, empregados no controle de uma população ou de atividades biológicas de um outro organismo vivo considerado nocivo. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 10 mar. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/category/4?download=690%3A_03_2006_-p&start=40>. Acesso em: 01 jun. 2015.

BRASIL (2002). Resolução Diretoria Colegiada n° 275, de 21 de outubro de 2002a. Dispõe sobre o Regulamento Técnico de Procedimentos Operacionais Padronizados [...]. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 11 de nov. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/DCF7A900474576FA84CFD43FBC4C6735/RDC+N%C2%BA+275,+DE+21+DE+OUTUBRO+DE+2002.pdf?MOD=AJPERES>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

BRASIL (2002). Decreto n° 4.074, de 4 de janeiro de 2002b. Regula a Lei n° 7.802, de 11 de julho de 1989. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 4 jan. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4074.htm>. Acesso em: 06 maio 2015.

FINARDI FILHO ([200-?]). **CTNBio: rigor e transparência na avaliação de biossegurança de OGM no Brasil**. Brasília. Disponível em: <http://www.ctnbio.gov.br/upd_blob/0001/1789.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2015.

GOMES, M (2017). **Parque Tecnológico do DF começará a ser construído em outubro de 2017**. Correio Braziliense. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/01/10/interna_cidadesdf,564246/parque-tecnologico-do-df-comecara-a-ser-construido-em-outubro.shtml>. Acesso em: 14 nov. 2017.

JORNAL DE BRASÍLIA (2015). Indústria do DF tem realidade aquém do potencial. Brasília. Disponível em: <<http://www.jornaldebrasil.com.br/cidades/industrias-do-df-tem-realidade-aquem-do-potencial/>>. Acesso em: 17 mar. 2017

KREMER, Sérgio (c2017). Tecnologias impulsiona produção agrícola no DF. Brasília. Disponível em: <<http://www.agrobrasil.com.br/ultimas-noticias/435-tecnologia-impulsiona-producao-agricola-no-df.html>>. Acesso em: 17 mar. 2017

MCNUTT, D.W. et al (2012). Intraspecific competition facilitates the evolution of tolerance to insect damage in the perennial plant *Solanum carolinense*. **Oecologia**, v. 170; p. 1033-1044.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO-MA-PA (2012). **Manual de procedimentos para registro de agrotóxicos**. Brasília. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/vegetal/agrotoxicos/Manual%20de%20Procedimentos%20para%20Registro%20de%20Agrot%C3%B3xicos.pdf>. Acesso em: 05 maio 2015.

MONNERAT, R.G.; PRAÇA, L.B (2006). *Bacillus thuringiensis* e *Bacillus sphaericus*. In: OLIVEIRA-FILHO, E.C.; MONNERAT, R.G. (Eds.) **Fundamento**

para a Regulação de Semioquímicos, Inimigos Naturais e Agentes Microbiológicos de Controle de Pragas. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, p. 121-155.

OLIVEIRA-FILHO, E.C. et al (2011). Susceptibility of non-target invertebrates to Brazilian microbial pest control agents. **Ecotoxicology**, v. 20, p. 1354-1360.

PEGN (2009). **SBRT vai a feira do empreendedor.** [Rio de Janeiro]. Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,EMI89393-17180,00-SBR-T+VAI+A+FEIRA+DO+EMPREENDEDOR.html>>. Acesso em: 17 mar.2017

PORTAL EDUCAÇÃO (2008). **O que é biossegurança?.** Campo Grande. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/biologia/o-que-e-biosseguranca/4494>>. Acesso em: 14 mar. 2017

SANTOS, M.P (2014). Extensão Universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. **Extensão UFSC – Revista eletrônica de extensão**, v. 11, n. 18.

SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS - SBRT (2014). **O que é.** Disponível em: <<http://www.sbrt.ibict.br/sobre-o-sbrt/o-que-e/o-que-e>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS - SBRT (2014a). **Elaboração de Respostas Técnicas.** Instrução de trabalho - IT, 04.

SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS - SBRT (2014b). **Elaboração de Respostas Técnicas.** Instrução de trabalho - IT, 10.

SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS - SBRT (2014c). **Elaboração de Respostas Técnicas.** Instrução de trabalho - IT, 05.

SILVA-FILHO, M.C.; FALCO, M.C (2000). Interação planta-inseto: adaptação dos insetos aos inibidores de proteinase produzidos pelas plantas. **Biotecnologia, Ciência & Desenvolvimento**, v. 2, p. 38-42. Disponível em: <<http://www.biotecnologia.com.br/revista/bio12/interacao.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

SILVA, O.D (1997). O que é extensão universitária? **Integração III**, v. 9, p. 148-49. Disponível em: <<http://www.ecientificocultural.com/ECC3/oberdan9.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

VERGANI, A ([200-?]). Procedimento operacional padrão – POP. [S.l.]. Disponível em: <<http://www.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/POP%20%20Procedimentos%20Operacionais%20Padr%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS EM TEMPOS DE CRISE: CONECTANDO PASSADO, PRESENTE E FUTURO NO ENFRENTAMENTO AO COVID-19

Social transformations in crises times: Connecting past, present, future on COVID-19 coping

Ana Vitória Remígio de Gois
ana.vitoria.remigio.gois@gmail.com
FAV/UnB

Luiza Sousa da Silva
luizasilva.sou@gmail.com
FAV/UnB

Thiago Gehre Galvão
thiagogehre@unb.br
IREL/UnB

RESUMO

O avanço do combate ao COVID-19 que se vem perdurando pelo ano de 2020 colocou uma necessidade quanto à compreensão deste contexto, a universidade pública se apresenta num papel que tem obrigação em estabelecer críticas e análises quanto a presença deste evento e suas consequências. O projeto Unb 2030 buscou 2 frentes para promover informação de qualidade de fácil acesso, reforçando cada vez mais a democracia, através de redes sociais como Instagram, Twitter e Facebook, através da produção de cartões informativos e vídeos de especialistas buscou relacionar cada Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com o contexto atual de uma pandemia no âmbito global, nacional e local. Esta proposta procurou alcançar principalmente o Distrito Federal e entorno. Dando um enfoque no papel dos projetos de Extensão da Universidade de Brasília, que deve promover ações concretas junto à comunidade.

PALAVRAS-CHAVES: Coronavírus, ODS, Divulgação, Combate, Agenda 2030.

ABSTRACT

The advancement of the fight against COVID-19 that has been persisting for the year 2020 has placed a need for understanding this context, the public university presents itself in a role that is obliged to establish criticisms and analyzes regarding the presence of this event and its consequences. The UnB 2030 project sought two fronts to promote quality information that is easily accessible, reinforcing more and more democracy, through social networks such as Instagram, Twitter and Facebook, through the production of information cards and videos from specialists, seeking to relate each Sustainable Development Goals (SDGs) to the current context of a pandemic at the global, national and local levels. This proposal sought to reach mainly the Federal District and its surroundings. Focusing on the role of Extension projects at the University of Brasília, which should promote concrete actions with the community.

KEYWORDS: Coronavirus, SDGs, Propagation, Fight against, 2030 Agenda.

INTRODUÇÃO

Ter a informação do aparecimento de novo um vírus que não escolhe quem irá contaminar, causando danos econômicos, sociais, ambientais e principalmente ao bem-estar dos seres humanos, onde não delibera gênero, cor, raça e nem local para se instalar, causando ainda mais preocupações em um mundo que enfrenta centenas de desigualdades e problemas diariamente, fica o questionamento, como encarar mais essa situação de crise?

Diante de uma Pandemia que nunca foi vista de forma semelhante em cerca de 75 anos fez se essencial os estudos a respeito desta crise atípica. O projeto de enfrentamento ao COVID-19 se propôs não somente em relatar aspectos vivenciados durante os períodos de quarentena que todo o planeta viveu como também teve a intenção de provocar reflexões válidas sobre toda esta experiência que está sendo vivenciada.

Não somente o Brasil como também vários países não estavam preparados para enfrentar uma pandemia desta intensidade. Entretanto o coronavírus veio e levou diversas vidas e com isso fica claro a necessidade de iniciativas voltadas para contribuir com combate do COVID-19. Através de mobilizações empresariais, alinhamento entre setores públicos, privado e sociedade civil, desenvolvimento de projetos e plataformas online são meios que podem minimizar o impacto da pandemia. O viés que o Projeto de Extensão do Programa Unb 2030 seguiu foi o justamente o desenvolvimento de um projeto que com a ajuda de plataformas online que poderiam colaborar com a mitigação de impactos diversos nas pessoas, no meio ambiente e na sociedade.

Ao tentar garantir aproximação de diversos públicos com informações de qualidade foram elaborados informes e entrevista com especialistas, esse tipo de informação segura a qual é propagada é de suma importância afinal um tópico muito

discutido durante a crise do coronavírus foram as fakes news, notícias falsas que são espalhadas rapidamente e afetam a confiança nas pesquisas científicas e nas políticas públicas, além de reforçar o ódio, raiva e medo entre a população. estas informações negativas que muitas vezes subestimam a letalidade do vírus prejudicam a luta contra o COVID-19 e aumentando cada vez mais os casos e os números de morte.

COVID-19

O final do ano de 2019 foi marcado por uma notícia que ameaçou o mundo todo, um novo vírus tinha sido diagnosticado em humanos. Por ter um caráter de contágio grande, logo a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou o mundo para uma possível pandemia. O COVID-19 é um vírus da família Coronaviridae, tendo os primeiros relatos de contágio na China, mas não demorou muito para o restante do mundo conhecer. Os casos ocorreram de maneira exponencial no decorrer dos meses do ano de 2020, e em setembro de 2020 batemos a marca de 1 milhão de mortos no mundo por COVID-19, tendo a América como o continente com maior número de contágios e mortos do mundo, e o Brasil está incluído, possuindo o terceiro lugar com o maior número de casos.

O mundo enfrenta constantemente inúmeros crises políticas, sociais, econômicas, ambientais e entre outras, e em conjunto temos mais uma para enfrentar, o COVID-19, uma crise sanitária e humanitária, que está causando impactos alarmantes em todos os locais do mundo.

COVID-19 E OS ODS

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) têm o intuito de promover, através de ações dos membros da ONU, a Organização das Nações Unidas, mudanças promissoras para o futuro. São 17 ODS que apresentam objetivos diversos como erradicação da pobreza, educação de qualidade, promoção da prosperidade e bem estar geral, e entre outros. O COVID-19 interfere em todos os objetivos, sendo mais uma preocupação para a implementação de tais. Como a pandemia foi algo repentino e grave em todo o mundo, ações que eram realizadas para colocar em práticas os objetivos foram adaptados para o momento de urgência e outras até foram paradas, por medida de segurança.

COVID-19, OS ODS E OS CARDS

A partir do entendimento da crise global que estamos enfrentando, o Projeto “Transformação Social em Tempos de Crise: passado, presente e futuro no enfrentamento à COVID-19”, desenvolvido por estudantes, pesquisadores, professores e colaboradores da Universidade de Brasília, apresentou possíveis efeitos que a pandemia do COVID-19 ocasionou no mundo, fazendo ligação com os ODS. Foram desenvol-

vidos conteúdos de cada ODS, onde demonstrava e tentava responder aos efeitos da pandemia da COVID-19, levando em consideração o papel social da Universidade em momentos de crise. Criando assim, um conteúdo informativo para a comunidade civil para o dado momento e acrescentando positivamente na atuação da Universidade pública em momentos menos oportunos, desenvolvendo resistência, inclusão e sustentabilidade como base. Foram apresentados uma série de vídeos e Cards informativos, no Instagram UnB 2030, sobre temáticas do momento que se conectava diretamente com a pandemia da COVID-19, não deixando de lado os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

METODOLOGIA

O projeto fomentou uma abordagem que busca conectar pesquisa, extensão e inovação, através de: a) entrevistas com especialistas em temáticas que são relevantes ao mesmo tempo para política global, nacional e local, assim como importantes depoimentos das pessoas locais que estão vivendo toda a situação de estar confinados em casa de quarentena; b) comparar análises das ações políticas e institucionais de reação e enfrentamento da pandemia por todo o globo; c) poder relacionar, alinhando os pensamentos entre os ODS e a Agenda 2030. Esta proposta deseja levantar, selecionar e processar material empírico de pesquisas que estão atreladas a vivências (percepções, análises, emoções) dos docentes, discentes, técnicos/as, terceirizados/as e também os membros do Distrito Federal e Entorno.

RESULTADOS

A partir dos resultados obtidos ao final das publicações dos vídeos e cards informativos pode-se dizer que foi firmado uma memória institucional junto à população sobre o COVID-19. A intenção inicial que sempre foi de cooperar para que fossem disseminadas informações de qualidade sobre diversos temas de interesse em relação a questões de políticas global, nacional e local foi percebido um bom alcance, mesmo que ainda restrito ao público técnico. Movimento promoveu uma valorização quanto à resistência, diversidade e sustentabilidade, pautas que tem obrigação de serem abordadas pela Universidade Pública.

Analisando os resultados obtidos com base na soma de curtidas (“likes”) das postagens de cada ODS se obteve diversas análises, de acordo com período da postagem, o público alvo e a temática abordada.

No facebook os valores foram irrelevantes para ser montado um gráfico. Ao se analisar o atual público do facebook que de acordo com Hootsuite, 2019, 32% dos usuários estão na faixa etária de 25-34 anos o que é um indicativo muito importante pois nas redes sociais Instagram e Twitter a idade dos seguidores das páginas do UnB 2030 se apresenta significativamente maior na faixa etária de 18- 24 anos, na sua maioria são estudantes acadêmicos e estão concentrados em Brasília.

Quanto aos ODS, o que teve mais destaque no Twitter foi o 1, referente a Eradicação da Pobreza. No âmbito local a temática retratada foi “Isolamento social para a população em situação de rua?”, nacional “Vulnerabilidade sociais em tempos de Covid-19” e Global “Covid-19 e a situação de pobreza no mundo: Vulnerabilidade social no contexto da crise global”, assuntos evidenciaram como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis são importantíssimos para superar a crise causada pela Pandemia do COVID-19. Medidas que são necessárias para controle do coronavírus são inalcançáveis para aqueles que se encontram em situação precárias, o esquecimento que há sobre as populações que vivem em extrema carência é evidente e recorrente, são ignorados constantemente e num momento de pandemia não foi diferente, trazer estes tópicos informando pode ter aberto os olhos a muitos seguidores para estes importantes fatores que distanciam cada vez mais o alcance de metas do ODS 1.

O Instagram se destaca em relação a alcance do público, por ser uma rede social disseminada entre todos, tendo como destaque usuários jovens, pegando dados do próprio Instagram do projeto “Transformação Social em Tempos de Crise: passado, presente e futuro no enfrentamento à COVID-19”, a faixa etária da maioria dos seguidores é entre 18-24 anos, resultando em bons resultados em relação a distribuição de informação através dessa rede social. O ODS que mais se destacou entre os seguidores, possuindo mais de 600 curtidas (“likes”), foi o ODS 11, que discute sobre Cidade e Comunidades Sustentáveis, refletindo de imediato que a maioria das comunidades se apresentam em condições precárias, onde as pessoas não possuem acesso ao básico para sobreviver, e a crise de saúde do COVID-19 mostrou que essa situação foi ainda mais intensificada. O engajamento do público mostra a preocupação de se desenvolver cidades sustentáveis, mas sem deixar ninguém para trás. A temática levantada pelo ODS 11 no âmbito local foi “Agricultores locais do DF versus Pandemia”, nacional foi “Pandemia e a insustentabilidade das cidades brasileiras” e Global “Impactos momentâneos ou nova normalidade global?”.

DISCUSSÃO

Foram apresentados diversos Cards e vídeos informativos que teve o intuito de dialogar com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e o enfrentamento à COVID-19, teve início no mês de março de 2020, onde era desenvolvido temáticas no âmbito local, nacional e global.

O principal objetivo era levar a compreensão dos impactos que a pandemia do COVID-19, e por interface instigar os questionamentos para desenvolver possíveis respostas em conjunto dos ODS. Cada ODS tinha uma equipe responsável pela coleta de dados e procura de especialistas, professores, profissionais e entre outros que falassem sobre o assunto questionado. A procura tinha o intuito de trazer informações atualizadas que estaria em conexão com o objetivo de desenvolvimento sustentável retratado, facilitando o entendimento do público em geral. Assim, eram realizados a elaboração

dos cards e vídeos, após o processo inicial de pesquisa. Posteriormente, postados semanalmente nas mídias sociais, como por exemplo, o Instagram.

Trazendo uma linguagem dinâmica e acessível, pois buscava sempre uma interação da sociedade civil e acadêmica para realizar reflexões, questionamentos, e por fim possíveis soluções para crise sanitária que enfrentamos no ano de 2020, tentando sempre alcançar o maior número de pessoas possível, para que, com isso englobasse cada vez mais grupos sociais na discussão, evitando a exclusão e prezando pelo diálogo de todas as partes.

A Universidade de Brasília quando propõe uma relação direto com a comunidade civil abre portas para o desenvolvimento do futuro almejado, integrando os dois mundos, que não deveria apresentar tantas distinções. O projeto “Transformação Social em Tempos de Crise: passado, presente e futuro no enfrentamento à COVID-19”, com certeza deu um passo importante para isso, principalmente diante tantos problemas que ainda temos de enfrentar, sendo o COVID-19 um dos principais no atual momento.

CONCLUSÃO

O Programa UnB 2030 buscou conectar três dimensões: passado, presente e o futuro. O passado teve a intenção de resgatar e preservar a memória de enfrentamento ao COVID-19, o presente procurou garantir o acesso democrático a informações verdadeiras e de qualidade, através dos vídeos e card em mídias sociais, que estão cada vez mais presentes no dia a dia da população em geral. Já o sobre o futuro, o propósito foi reforçar a Universidade de Brasília quanto a situações de crise.

A experiência com discentes, docentes da UnB junto à comunidade abriu um espaço para reflexões sobre o atual contexto e a suma importância que os ODS, a forma como ele pode colaborar o enfrentamento da pandemia e em caso de ocorrer uma nova pandemia pode amenizar.

A Universidade de Brasília vem aumentando cada vez mais seus projetos de Iniciação científica e de extensão que estão alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O projeto UnB 2030 que surgiu em 2018 teve um importante papel para impulsionar as práticas de sustentabilidade socioambiental.

Quando se fala na proposta do combate ao COVID-19, podemos concluir que foi de considerável impacto sobre uma pequena parte da população que teve acesso a informações associadas ao ODS, alguns complementando conhecimentos que já se sabia e outros tomando consciência dos Objetivos pela primeira vez, o que torna evidente a necessidade de se discutir mais sobre assuntos acerca da política global, diversidade, resistência e sustentabilidade em diversos meios de comunicação, de preferência os mais populares, para que se tenha uma disseminação maior ainda e assim evitando que estas vivências estejam restritas somente ao público técnico.

REFERÊNCIAS

Alves, G. (2018, 5 de novembro). Extensão Universitária impulsiona UnB a práticas de sustentabilidade socioambiental.

Estratégia ODS lança série sobre ODS na crise da COVID-19. (2020)

Galvão, T. G. (2020, 25 de março). Proposta para Chamada Prospectiva de Propostas de Projeto e Ações de Pesquisas, Inovações e Extensão para o combate à COVID-19. Transformação Social em tempos de crise: conectando passado, presente e futuro no enfrentamento ao Covid-19.

Kemp, S. (2019). Digital 2019: Essential insights into how people around the world use the internet, mobile devices, social media, and E-commerce. We Are Social e Hootsuite.

Peixoto, G., Ribeiro, L., (2020). Como as fakes news prejudicam a luta contra o coronavírus.

